

MARINA DE SOUZA SANTOS

**MEMÓRIAS, TRAJETÓRIAS E VIVERES: A EXPERIÊNCIA DE SER
NORDESTINO(A) EM DOURADOS-MS (1940-2002)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

2003

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARINA DE SOUZA SANTOS

**MEMÓRIAS, TRAJETÓRIAS E VIVERES: A EXPERIÊNCIA DE SER
NORDESTINO(A) EM DOURADOS-MS (1940-2002)**

Dissertação apresentada pela aluna Marina de Souza Santos como requisito para obtenção do título de Mestre em História, pelo Programa de Mestrado em História Social da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Célia Rocha Calvo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

2003

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Célia Rocha Calvo - UFU
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Yara Aun khoury - PUC/SP

Prof.^o Dr. Paulo Roberto de Almeida - UFU

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Deus por prover-me de perseverança nesta caminhada.

Ao meu esposo Aureo Cezar de Lima pela paciência, presença, disponibilidade, renúncia, ajuda, colaboração...

Aos meus familiares pelos incentivos prestados ao longo de todos os estudos.

À Prof.^a Célia Rocha Calvo pela cuidadosa orientação e por ter pensado comigo no desenvolvimento deste trabalho. Extrapolando as normas da academia orientou-me na rua enquanto caminhávamos, em casa, por telefone, e até mesmo nos bares da cidade quando de vez em quando nos sentávamos para ouvir uma música. Obrigada pela amizade e compreensão solidária no decorrer desta trajetória.

À Prof.^a Heloisa Helena Pacheco Cardoso e ao Prof. Paulo Roberto de Almeida, pelas valiosas sugestões no momento do Exame de Qualificação.

Às minhas queridas amigas Ana Paula Squinelo e Luzia Araújo Figueiredo por sempre acreditarem que esse trabalho seria possível e ao longo da minha vida compartilharem das alegrias, tristezas e esperanças.

À amiga Eliane Holsback que mesmo não gostando de História, soube compreender a minha ausência em Dourados por este período.

Às pessoas que se dispuseram a colaborar com as entrevistas pois, sem as quais este trabalho não teria sido possível.

À Paula Cares, Josete Ribeiro e Sissilia Vilarinho, pelo carinho e amizade que fizeram com que os meus dias em Uberlândia se tornassem menos angustiantes.

À CAPES, através do projeto PROCAD desenvolvido pela linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais, pela bolsa recebida durante seis meses.

DEDICATÓRIA

A meu pai José Alves dos Santos e
minha mãe Tereza de Souza Santos.
E a todos os entrevistados que
emprestaram as suas histórias para
realização desse trabalho.

RESUMO

O objetivo dessa dissertação é investigar as experiências vividas por nordestinos na cidade de Dourados-MS por meio das suas memórias e trajetórias, refletindo como, ao narrarem, atribuem significados ao presente e ao passado, re-elaborando em suas experiências de contar/narrar os viveres na cidade e no campo. Analiso como foi o chegar e o viver no campo bem como as transformações na vida desses sujeitos ao mudarem para a cidade.

Procuro analisar como foram processadas as mudanças e permanências dos hábitos alimentares e de diversão trazidos do nordeste. Nesse contexto, verifico de que forma aconteceu a implantação da Casa Nordestina e do CTN – Centro de Tradições Nordestinas na cidade de Dourados e qual a relação desses sujeitos com essas instituições.

Palavras chave: Memória – História – Nordestinos – Dourados (MS)

ABSTRACT

The main focus of this dissertation is to investigate the living experiences from the north-east people in Dourados-MS from their memories and passages, reflecting as to describe the means of their present and past, experiences in telling the lifestyle in the city and in the country. In my analyse, I've been noticed how was the arrival and the living in the country as well as the changes for these people's lives when they moved to the city.

In my searches as were realized the changes and the state of being permanent for their eating habits and the way of having fun brought from north-east. In this context, I realized in which way happened the establishment of Casa Nordestina and CTN – Centro de Tradições Nordestinas, in Dourados and in what way of relationship between these people and with these institutions.

Key Words: Memory – History – People from the north-east – Dourados(MS).

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| APRESENTAÇÃO | 9 |
| CAPITULO 1 | |
| Memórias de nordestinos em Dourados: Refazendo trajetórias | 28 |
| CAPITULO 2 | |
| Refazendo caminhos: Lugares e territórios na cidade nas memórias de nordestinos .. | 69 |
| CAPITULO 3 | |
| Mudanças e permanências: a experiência de ser nordestino em Dourados | 108 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 152 |
| FONTES | 155 |
| BIBLIOGRAFIA | 159 |

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste trabalho é investigar as experiências vividas por nordestinos que vivem na cidade de Dourados¹. Essa investigação será feita com base nos relatos dos sujeitos sociais que foram escolhidos para fazer parte da pesquisa. Pretendo, por meio das memórias, trajetórias e viveres desses sujeitos, refletir como, ao narrarem suas trajetórias, atribuem significado ao presente e ao passado. Pretendo também refletir como eles re-elaboram suas experiências de contar/narrar os viveres na cidade e no campo.

Busco compreender esses sujeitos sociais como participantes da história da cidade, analiso as suas histórias e os sentimentos que os fazem pertencer a um lugar social e, para isso, busco aspectos que revelem como eles se sentem contribuindo para o “crescimento” da cidade. O fato de terem participado desse “crescimento” faz com que eles reivindiquem para si o direito de pertencer à cidade. Isso fica expresso nas opções feitas por eles em relação à moradia, ao trabalho e à diversão.

Morando na cidade de Dourados desde a minha infância e sendo filha de nordestino, que, como tantos outros, deixou o campo e foi para a cidade na década de setenta. Cresci ouvindo as histórias de meu pai sobre o lugar de onde veio. Histórias essas que enfatizavam a sua vida no campo em Alagoas com os pais e irmãos, a luta com o trabalho e as festas. Essas festas eram o que ele mais gostava de narrar, parece que esses momentos ficaram mais nítidos em sua memória.

¹ A cidade de Dourados localiza-se na região Centro-Oeste do Brasil, no extremo sul do Estado de Mato Grosso do Sul (por vezes os entrevistados se referem ao Estado como Mato Grosso, pois a divisão do mesmo aconteceu em 11 de outubro de 1977, portanto, no período que a maioria deles chegaram a Dourados, era ainda Estado do Mato Grosso). Está distante 201 km da capital do Estado (Campo Grande) e 120 Km de Ponta Porã, cidade esta que faz fronteira com o Paraguai. São distritos-sede de Dourados: Guaçu, Indápolis, Itahum, Panambi, Picadinha, São Pedro, Vila Formosa e Vila Vargas. Na década de quarenta eram distritos de Dourados, além dos citados, as cidades de Vicentina, Ivinhema, Glória de Dourados, Fátima do Sul, Deodópolis, Douradina, Itaporã e Angélica, sendo estes emancipados ao longo das décadas de 40, 50, 60, 70 e 80.

Essas narrativas sobre o nordeste, que meu pai trazia em sua memória, era de um lugar alegre e festivo, mas também com muito trabalho e uma relação familiar repleta de ajuda mútua e sociabilidade entre os vizinhos.

Com o passar dos anos, meu pai começou a contar como era Dourados quando ele chegou lá e o quanto a cidade estava crescendo e mudando. Até hoje, ele ainda conta orgulhoso de ter acompanhado esse crescimento e ter acertado na escolha da cidade. Agora, ao entrevistá-lo, pude perceber o quanto ele se sente filho da cidade e o quanto se orgulha do crescimento e desenvolvimento do Município de Dourados.

Foram as imagens das histórias contadas por meu pai, desde a minha infância até o ingresso na faculdade, um dos motivos que me instigou a iniciar esta pesquisa sobre as memórias, trajetórias e viveres de nordestinos na cidade de Dourados. O outro motivo que me instigou a desenvolver este trabalho, foi o fato de não ter encontrado na versão oficial da história da cidade nenhuma menção aos trabalhadores nordestinos como participantes do desenvolvimento ocorrido. Nessa versão oficial da história de Dourados e nas imagens mostradas pela imprensa, era divulgado um nordeste castigado pela seca, lugar onde as pessoas saíam de lá em busca de sobrevivência, não encontrava as imagens do nordeste alegre e festivo que meu pai descrevia.

Ao ingressar na faculdade comecei então a levantar alguns questionamentos sobre as lembranças trazidas de minha infância a respeito das narrativas feitas pelo meu pai. Isso ocorreu em função de que ao procurar conhecer a história da cidade, a encontrei dividida em “períodos” específicos e em nenhum desses “períodos” encontrei a história vivida pelos trabalhadores nordestinos.

Nesse sentido, ao começar a pesquisa levantei alguns questionamentos que estavam diretamente relacionados com o meu viver nesta cidade, porque procurava as imagens guardadas da infância em minha memória e não as encontrava. Pensei então em buscar outros sujeitos sociais que, a exemplo do meu pai, pudessem narrar as experiências vividas nesta cidade.

A versão sobre a História da cidade onde não encontrei os trabalhadores nordestinos, é referenciada na obra dos memorialistas com o objetivo de explicar a origem da cidade. Nessa versão, a história da cidade é representada, principalmente, por três momentos, tais como: A companhia Mate Laranjeira, o “pioneirismo” de Marcelino Pires e a CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados). De acordo com os memorialistas, a origem e o desenvolvimento da cidade foi de responsabilidade desses

empreendedores. Os nordestinos, como tantos outros trabalhadores, que se dirigiram à região nestes períodos abordados pelos memorialistas não foram mencionados.

Nessa versão, a Companhia Mate Laranjeira foi, até a década de quarenta, uma grande arrendatária das terras do Sul de Mato Grosso tinha sob sua responsabilidade uma faixa de terras que se estendia até a cidade de Ponta Porã, que faz divisa com o Paraguai, distante de Dourados 120km. Essa companhia detinha o monopólio da exploração dos ervais em toda a região sul, a Companhia arrendou no início do século XX cerca de 5.000.000 ha de terras e com isso empregou milhares de trabalhadores a maioria desses procedentes do Paraguai. Nessas terras, extraíam a erva-mate que exportavam para os países vizinhos, principalmente, para a Argentina. Dessa forma, a presença dessa Companhia se constitui em um marco na história da cidade.

Marcelino Pires é, considerado pelos memorialistas, o principal “pioneiro” da cidade, pois em 1910 conseguiu registrar as suas terras e doou quatro mil hectares para a formação do patrimônio², que na época chamava-se vila das Três Padroeiras. As terras doadas por Marcelino Pires abrangem o espaço onde se encontra o centro da cidade, nos arredores da praça Antônio João³. A avenida principal leva o nome de Marcelino Pires, ele tornou-se um marco na memória da cidade que é referenciada pelos memorialistas ao buscarem a origem desta.

Outro marco estabelecido pelos memorialistas refere-se ao ano de 1943, período em que foi criada a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND). A criação dessa colônia iniciou uma nova fase de povoamento no Município de Dourados. A partir deste momento, o governo Vargas deixou de renovar os contratos de arrendamento da Companhia Mate Laranjeira. Em função disso, acabou com o monopólio dessa companhia sobre a terra.

Nessa perspectiva, na abordagem da história do povoamento de Dourados, os nordestinos foram referenciados a partir da década de quarenta, momento em que chegaram em maior número atraídos pela CAND.

² Dourados foi elevada à categoria de Município em decorrência do Decreto Estadual nº 30 de 20 de dezembro de 1935, conseguindo foro de cidade, no ano de 1938, através do Decreto Estadual nº 208, de 26 de outubro de 1938.

³ Esta é a praça central da cidade onde se localiza a catedral, nas ruas a sua volta se desenvolve o comércio. Esta praça recebe esta denominação como uma homenagem ao “herói” da Guerra do Paraguai Tenente Antônio João, para maiores informações sobre o assunto consultar: SQUINELO, Ana Paula. A Guerra do Paraguai em novos campos de batalha. *Fronteiras* – Revista de História da UFMS, Campo Grande, v. 4/5, n. 7/9, p. 77-96, 2000/2001; BETONI, Walteir Luiz. *Dourados: entre a memória e a história*. Dourados, MS: UFMS, Campus de Dourados, 2002. Dissertação de mestrado.

A primeira notícia que se tem da presença dos nordestinos na cidade refere-se a obra do cronista e memorialista Carmelo⁴, ele cita os nordestinos como importantes para o desenvolvimento da região:

... vem daí o grande passo para o desenvolvimento da região, já em 1944, com a criação da Colônia Federal de Dourados, idealização do então Presidente Vargas. A distribuição das terras férteis próximas de nós foi feita na base de trinta hectares para cada colono. Franqueada a Colônia a todos os brasileiros bem intencionados que desejassem verdadeiramente trabalhar a terra, vieram para Dourados, na sua maioria, os nordestinos. Foram chegando, foram chegando, com todos os sacrifícios nos transportes, de lá do nordeste para cá, com todas as peripécias, ei-los na terra matogrossense, em um Município aonde a distribuição de terras servia de modelo. Vieram os nossos irmãos do Ceará, na sua maioria do Rio Grande do Norte, de Pernambuco, de Alagoas, de Sergipe, do Maranhão, enfim, de todos os Estados do Norte e Nordeste brasileiro.

Carmelo⁵ escreveu poesias e crônicas no jornal local e foi o autor do hino a Dourados e, em seus escritos, sempre deixou transparecer a crença no progresso da cidade. Esse progresso para ele estava relacionado ao aumento do número de pessoas, as derrubadas das matas e as mudanças estruturais, como; abertura de estradas e pavimentação de outras. Nesta perspectiva, o autor apresenta os nordestinos como desbravadores da região.

Comecei a questionar sobre o lugar que esses sujeitos sociais ocupavam na cidade, ao desenvolver a monografia do curso de especialização. Nesse momento tive acesso as entrevistas sobre migrantes⁶ que vieram para cidade de Dourados em períodos diferentes e essas entrevistas não haviam sido analisadas, os depoimentos foram coletados e deixados à disposição para quem quisesse pesquisar.

As entrevistas utilizadas para realizar essa monografia, que se intitulou “*Migrantes Nordestinos em Dourados de 1943-1970*”⁷, pareciam contemplar as minhas inquietações naquele momento. Essas inquietações diziam respeito ao fato de imaginá-

⁴ CARMELLO, Armando da Silva. *Dourados – terra prometida*. Esboço histórico de Dourados. Campo Grande: Gráfica Alvorada, 1973. p. 19

⁵ Colaborou com poesias e crônicas nos jornais “O Progresso”, “O Campograndense” (ambos semanários que ajudou a fundar), dentre outras publicações da época, paralelamente as atividades de jornalista, professor e inspetor de fazenda do Mato Grosso (MT).

⁶ Estas entrevistas foram realizadas por alunos do terceiro e quarto ano de história no ano de 1996 e 1997 sob orientação do professor Wilson Valentin Biasotto (professor de História da UFMS – CEUD), e fazem parte de um projeto denominado Memórias de Migrantes, onde foram entrevistados migrantes de vários Estados e não somente do nordeste e tinham por objetivo preservar as memórias destes em relação à cidade, estas entrevistas foram transcritas e se encontram de posse do referido professor.

⁷ SANTOS, Marina de Souza. *O migrante nordestino em Dourados (1940-1970)*. Monografia (Especialização em História) – UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Dourados, 2000.

los “migrantes” dirigindo-se à cidade em um período específico, e à imagem que eu fazia da vida desses trabalhadores na cidade de Dourados.

Ao desenvolver esta pesquisa e realizar algumas entrevistas, percebi que as trajetórias dos nordestinos iam além do limite temporal por mim estipulado no momento da realização da monografia (1943-1970). Isto justifica-se porque percebi, nessas narrativas, que outros trabalhadores vieram depois da década de 70. Os nordestinos que vieram nas décadas anteriores a setenta apontavam em seus relatos para um horizonte que se estendia para além dessas décadas e que merece ser investigado.

Pude perceber, pela análise feita junto à historiografia local, que os nordestinos estão sempre inseridos em contextos que tratam da perspectiva econômica ou demográfica. Esse fato é ressaltado quase sempre por números, como é o caso do projeto de colonização empreendida pelo governo Vargas, na chamada “Marcha para o Oeste”, que culminou em Dourados com a criação da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados). Nesses projetos os nordestinos são mencionados como mão-de-obra que ocupavam os “espaços vazios” e desenvolviam a agricultura ou, na década de 50, os responsáveis pela derrubada das matas para a introdução da pecuária.

A periodização apresentada pelos memorialistas foi reelaborada pela historiografia⁸. Produções da década de oitenta e noventa trazem os nordestinos inseridos nestes períodos da história da cidade, principalmente, com a implantação da CAND a partir de 1943.

Na historiografia local, algumas vezes, os nordestinos são citados como incapazes de enfrentar as dificuldades e de se adaptarem à região. Neste caso, cristaliza a imagem do nordestino como um fracassado. Essa visão é encontrada, por exemplo, na obra de GRESSLER & SWENSSON⁹ ao referirem-se à colonização de Dourados:

⁸ Sobre trabalhos que se referem a CAND e a presença dos nordestinos nesses projetos encontra-se na historiografia local dentre outros os seguintes: OLIVEIRA, Benícia Couto de. A política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1938-1945). Assis São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”; SANTOS, Vicência Deusdete Gomes dos. A contribuição da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND no processo de ocupação e desenvolvimento do Mato Grosso Meridional. Monografia (Especialização em Geografia) – UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Dourados, 2000; SILVA, Mário Cezar Tompes da. Expansão do Complexo Agroindustrial e o processo de Mudança no Espaço de Dourados. São Paulo: USP, 1992 (Dissertação de Mestrado).

⁹ GRESSLER, Lori Alice, SWENSSON, Lauro Joppert. *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul: destaque especial ao município de Dourados*. Dourados: 1988. p. 85

De 1942 a 1945, foram criadas, pelo Governo Getúlio Vargas, as Colônias Agrícolas Nacionais, dentre as quais a de Dourados, em Mato Grosso, que foi a que mais se destacou e desenvolveu, tendo agasalhado o maior número de colonos nordestinos e de outras origens, que fracassaram nas propriedades agrícolas de São Paulo e Paraná, onde as condições de trabalho eram mais duras e rigorosas. O elemento nordestino, geralmente de família numerosa, radicou-se nos lotes da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, dedicando-se à agricultura de pequeno porte.

Esses autores também consideram como marco para o desenvolvimento da cidade a CAND. No entanto, para eles, os trabalhadores nordestinos que teriam procurado esse empreendimento eram colonos nordestinos que não tiveram sucesso em São Paulo e no Paraná. Nessa abordagem, os nordestinos são considerados culpados pelo fracasso. Talvez isto possa ter ocorrido porque os referidos autores não analisaram as trajetórias desses colonos e em função disso, tem uma visão equivocada a respeito da vida desses trabalhadores. Da forma como os autores apresentam os nordestinos, a imagem que fica é a homogeneidade e com isso apagam as diferenças existentes entre eles. Em minha pesquisa busco valorizar essas diferenças e trabalhar com elas trazendo à tona outras memórias e outras histórias.

Ao analisar a produção historiográfica local sobre os nordestinos, o fato de alguns autores classificarem esses colonos como “*fracassados*” começou a incomodar-me. Então questionei: quais seriam “*as condições de trabalho duras e rigorosas*” citadas pelos autores como o motivo para o fracasso dos nordestinos?

Mas há também trabalhos desenvolvidos, no final da década de noventa, no campo da história e da geografia que se ocuparam de estudar a CAND e as mudanças no espaço da cidade e abordam esses trabalhadores nordestinos sobre outra ótica. Os referidos trabalhos não se restringem apenas a essa visão de heróis desbravadores e nem somente como fracassados que não se adaptaram à terra. No entanto, continuam citando-os dentro de um projeto maior de colonização ligado sempre a fatores econômicos como determinantes.

Pode-se citar como exemplo, um trabalho específico sobre a colonização empreendida pelo Estado Novo no Mato Grosso do Sul, especificamente a dissertação de Benícia Couto de Oliveira¹⁰ que, na sua pesquisa, dedica um capítulo à constituição da CAND e faz referência ao nordestino. Ela discute também a propaganda

¹⁰ OLIVERIRA, Benícia Couto de. *A Política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1938-1945)*. Assis: Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências e Letras Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”. 1999. p. 155

implementada pelo governo para atrair os colonos e ao se referir ao impacto da propaganda a autora disserta:

Nessa perspectiva, os discursos, as propagandas funcionaram como meios para a implementação e realização dos projetos de políticas públicas, sobretudo a de colonização do Estado Novo. Quando o governo federal decidiu-se pela transferência de desempregados das áreas de aglomerações ou de miséria, encontrou adesão daqueles entusiasmados com a idéia de resolver seus problemas de sobrevivência. Na região nordeste, os flagelados da seca, os expulsos do campo e explorados pelos latifundiários constituíram-se em possíveis elementos a decidirem a migrar, em busca de terra para as regiões onde se efetivavam os projetos de assentamentos, como, por exemplo, o da Colônia Agrícola Nacional de Dourados.

Esses trabalhos desenvolvidos pela historiografia local tinham como objetivo maior o estudo dos projetos de colonização, portanto, citam os trabalhadores nordestinos nesse contexto. Dessa forma, com a chegada dos nordestinos, eles eram considerados ora como desbravadores ora como desqualificados, sem terra ou fugitivos da seca, como descrito acima. No entanto, veremos, no decorrer deste trabalho, que nem todos os nordestinos que procuravam a CAND eram fugitivos da seca, alguns eram proprietários no nordeste.

Nenhum desses trabalhos desenvolvidos na historiografia local dedica-se a analisar a vida desses nordestinos na cidade. Os trabalhos existentes limitam-se à análise da vida desses trabalhadores no período em que estiveram no campo ou ao período de constituição da CAND.

Esses trabalhos trazem uma periodização marcada em 1943, período da implantação da CAND. Como essa não é a preocupação desta pesquisa, não entrarei em detalhes sobre o projeto da CAND já abordado por outros autores. Reporto-me à historiografia local para perceber como os nordestinos foram apresentados por estes trabalhos. Importa aqui estudar a vida dos nordestinos independentemente de projetos, busco perceber como esses trabalhadores moravam, trabalhavam, investigo as experiências de vida dos mesmos e como a cidade constituiu-se por meio das experiências desses sujeitos.

A leitura desses trabalhos pode suscitar outras possibilidades de análise e trazer à tona questões que serão aqui investigadas, especificamente, a vida de nordestinos na cidade de Dourados. Nesta pesquisa não é relevante buscar o tempo cronológico apresentado pela historiografia tendo como marco o ano de 1943. É importante trabalhar com os vários tempos da memória e investigar, por meio das narrativas desses sujeitos,

os sentidos atribuídos por eles as suas trajetórias. Trajetórias estas que se constituem em deixar o nordeste se dirigir para Dourados trabalhar no campo e depois deixa-lo indo para cidade.

Percebi que para responder as minhas inquietações, eu deveria conduzir a pesquisa a partir da narrativa desses sujeitos para identificar o tempo referenciado em suas memórias. Em função disso, as entrevistas deveriam ser realizadas por mim para eu poder analisar outras problemáticas que diziam respeito ao viver dos nordestinos na cidade de Dourados. Busco, então, o tempo histórico no relato de suas memórias e trajetórias. Ao recordar o que era o viver no nordeste e o como estão vivendo no presente, isso faz com que a temporalidade venha a emergir em suas memórias.

Para que pudesse aprofundar a pesquisa, pensando nas minhas inquietações, dialoguei com o material bibliográfico existente, com as fontes orais e com o material cedido pelo CTN – Centro de Tradições Nordestinas. Nas entrevistas, procurei estudar as experiências adquiridas por esses sujeitos ao narrarem as suas trajetórias. Busco compreender em seus relatos como eles dão significados às experiências vividas ao longo das suas trajetórias, desde o momento em que saíram do nordeste, até o momento em que foi realizada esta pesquisa. Dessa forma, posso analisar o que foi e é significativo para esses sujeitos no decorrer das suas trajetórias. Tentar compreendê-las, recuperar o vivido por eles ao longo do caminho, constitui-se um dos objetivos desta pesquisa.

Ao analisar as narrativas desses nordestinos, volto constantemente ao passado, porque ao relatarem suas histórias articulam o presente com o passado e trazem à tona, em suas memórias, imagens e representações de lugares diferentes.

O interesse em realizar uma pesquisa que valorizasse esses sujeitos sociais independente de um tempo marcado pelo calendário, mas sim por meio das experiências constituídas em seus viveres, começa a partir do momento do meu ingresso no curso de mestrado. Após as reflexões iniciais, o diálogo com a minha orientadora sobre o que pretendia fazer e a minha participação na disciplina Seminário de Pesquisa, as problemáticas foram delineando-se sobre um novo horizonte, qual seja: analisar a trajetória dos nordestinos tendo como fonte principal a História oral, e investigar as relações desenvolvidas por esses sujeitos no campo e na cidade.

Uma das primeiras mudanças ocorridas no projeto inicial, foi a retirada do termo migrantes. O sentido primeiro desse termo no dicionário¹¹ é: “que ou aquele que migra”; migrar com o significado de mudar de país ou de região arribar. Esse significado dado a essa palavra não contempla os sentidos e significados encontrados nas memórias dos nordestinos, migrar, significa muito mais que mudar de uma região para outra. Além disso, é necessário saber o porquê da mudança e como ocorreram as transformações na vida desses sujeitos após a mudança. No momento em que comecei a analisar as entrevistas, percebi que esses sujeitos não se sentiam como migrantes, isso fica claro na fala do Sr. João,¹² quando disse: “*Já tá com quarenta e poucos anos que eu saí de lá, e lá não fui mais. Quer dizer que eu não sou mais alagoano, sou mais matogrossense.*”

Ao dizer que é mais mato-grossense não significa que ele tenha esquecido da sua história em Alagoas, mas naquele momento se sentiu filho da região na qual se encontrava, lugar onde mora, trabalha e se diverte. É nesta região que ele se sente realizado, no entanto, o estado de Alagoas, onde viveu, ainda está presente em sua memória.

Nesse sentido, não poderia denominá-los simplesmente como migrantes, pois estaria apagando as histórias desses sujeitos ao longo dos anos. Na verdade, o que eles estão reivindicando é o direito de serem considerados cidadãos na cidade onde estão. O fato dos nordestinos não se considerarem migrantes, mas cidadãos pertencentes à cidade onde moram e desenvolvem vínculos de sociabilidade, amizade e trabalho, levou-me a pensá-los não mais como migrantes, mas sim como trabalhadores nordestinos inseridos na história da cidade de Dourados.

O termo “nordestinos”, aqui neste trabalho, refere-se às pessoas que tenham deixado a região nordeste do Brasil¹³ e que estavam no momento da pesquisa, residindo na região de Dourados¹⁴. Isso não significa que essas pessoas não tenham passado antes por outras regiões do país, porque alguns, passaram pelo interior de São Paulo e do Paraná, não se dirigiram diretamente para Dourados.

¹¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 364

¹² João Ferreria Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

¹³ Os Estados que fazem parte da região nordeste do Brasil são: Maranhão, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

¹⁴ Por vezes uso o termo região de Dourados, pois nas décadas de 40, 50, 60,70 e 80 muitos dos lugares para onde os nordestinos se dirigiram eram distrito de Dourados, portanto uso região como forma de abranger esses distritos.

Alguns dos entrevistados referem-se à região nordeste como norte, dizem, por exemplo, “*quando eu vim do norte*”. Isso ocorre porque eles não separam o país em cinco regiões distintas e sim em duas: norte e sul. Dessa forma, quando eles se referem à mudança para São Paulo, dizem; “*quando vim para o sul*”. Essas falas levaram-me de volta à infância, porque ouvia a minha mãe dizer que o meu pai tinha viajado para o norte com o objetivo de visitar os pais. Só pude perceber que o norte que eles se referiam era a região nordeste do Brasil quando estava na escola. Entretanto, esta divisão em nordeste e norte, como duas regiões distintas, é do conhecimento das pessoas que frequentaram escolas e estudaram a divisão regional do Brasil.

Porém, ao falarem do nordeste, esses sujeitos não se referem apenas a um espaço físico delimitado pela geografia, mas sim, dos laços sentimentais que os uniam naquela região, das recordações em relação aos lugares em que viveram e tiveram que deixar. Nesse trabalho, por meio das experiências desses sujeitos procuro valorizar as trajetórias narradas por eles. Procurei, então, através das memórias desses sujeitos sociais com os quais dialoguei, perceber qual o significado que eles dão aos “vários nordestes” descritos em suas narrativas.

Percebi, ao realizar a pesquisa, que esses sujeitos sociais atribuem significados a história vivida na cidade nas práticas de morar, trabalhar e se divertir que se modificam ao longo das trajetórias narradas, que se renovam, se recriam de acordo com as necessidades imbricadas nas vivências da época. As narrativas vêm carregadas de sentimentos e valores que compõem a prática social desses nordestinos e esses valores mudam e devem ser analisados, respeitando a experiência de cada um dos sujeitos históricos com os quais estou trabalhando.

Pude perceber, ao longo da pesquisa, que a história oral em meu trabalho tinha muito a contribuir para a análise das entrevistas e, que as falas deveriam ser interpretadas não apenas como informações, mas como parte da história de uma realidade social construída por esses sujeitos entrevistados¹⁵.

Para realizar essas entrevistas contei com a ajuda de meu pai que é nordestino e uma pessoa bastante conhecida na cidade. Isso facilitou o meu primeiro contato com os

¹⁵ Esta percepção começa a despontar na semana de oficinas de história com a professora Yara Aun Khoury, quando discutia-se vários textos sobre o uso da História Oral. Refiro-me aqui a Missão de trabalho – Narrativas orais na investigação da História Social – PROCAD, desenvolvida pelo Mestrado em História sob responsabilidade da linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais no período de 11 a 25 de abril de 2002 na Universidade Federal de Uberlândia.

sujeitos com os quais gostaria de dialogar. Em seguida, esses sujeitos foram indicando outros. Outro meio usado para realizar as entrevistas, foram as indicações de pessoas que fizeram trabalhos sobre a CAND e trabalharam com história oral.

Busquei entrevistar pessoas que moram na cidade e que tenham vindo para Dourados em décadas diferentes e de Estados diferentes, homens e mulheres que estão na cidade há pelo menos quinze anos. Alguns dos entrevistados vieram mais velhos e outros vieram ainda crianças. Eles estão na faixa de idade entre 40 e 75 anos. Dessa forma, pude analisar memórias e histórias com tempos e idades diferentes.

As entrevistas realizaram-se em lugares variados. O objetivo foi sempre respeitar o que era mais conveniente para os entrevistados e o que poderia deixá-los mais desinibidos. Algumas entrevistas foram realizadas em locais de trabalho e outras nas casas dos sujeitos selecionados para serem entrevistados e algumas também foram realizadas na casa dos meus pais. Algumas pessoas que haviam indicado-me o entrevistado estiveram presentes durante a entrevista, como foi o caso da Dona Maria Gomes¹⁶ que me indicou e foi comigo até a casa da Dona Lindalva e esteve presente na hora da entrevista. As vezes, as duas conversavam entre si, isso tornou a entrevista mais rica, pois em alguns momentos elas dialogavam sobre o nordeste que haviam deixado e traziam à tona questões importantes por elas vividas. As duas não vieram do mesmo lugar e não se conheceram no nordeste, mesmo assim, criaram, ao chegar em Dourados, fortes laços de amizade.

Fiz opção por onze das quatorze entrevistas realizadas, porque elas apontavam diferenças e semelhanças vividas por esses sujeitos. Além disso, eles foram os entrevistados que mais falaram e ficaram desinibidos para fazê-lo. Percebia ao realizar as entrevistas que o diferente deveria ser trabalhado e cada vez mais me convencia de que a homogeneidade estava longe de ser percebida nessas entrevistas. A razão disso foi o fato das pessoas vivenciarem trajetórias que, apesar de parecerem semelhantes, apresentavam as suas peculiaridades, pois embora, esses sujeitos tivessem vivenciado experiências comuns, as narrativas eram diferenciadas, a forma que cada um viveu e escolheu para organizar o seu enredo se dá de maneira diferente.

O objetivo de selecionar pessoas diferentes, homens e mulheres com idades e de estados diferentes, possibilitou-me investigar o que os diferenciavam e o que os aproximavam. Esses homens e mulheres estavam na cidade há, no mínimo, quinze anos,

¹⁶ Maria Gomes dos Santos, 68 anos, Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 17/10/2002.

em função disso puderam trazer à tona um horizonte do que era viver na cidade nas décadas que chegaram e o que era viver nesta mesma cidade, cinquenta, quarenta, trinta ou quinze anos depois da data da sua chegada.

Depois de realizar todas as entrevistas, precisava de autorização para inserir essas entrevistas na análise de minha pesquisa. Portanto, recorri àquelas pessoas que haviam indicado um conhecido para ser entrevistado para que pudessem ajudar-me a conseguir as autorizações. Como alguns desses sujeitos apresentam dificuldades com a escrita e a leitura, deixei a entrevista transcrita com eles por mais de um dia para que pudessem fazer a leitura, ou pedir que alguém a fizesse para eles. Depois, então, passei recolhendo e perguntei se desejariam acrescentar algo mais além do que estava escrito. Alguns fizeram correções de datas e nomes e a Dona Maria Gomes, o Sr. Cláudio Freire e o Sr. Acelino fizeram algumas correções de ordem gramatical, que em nada interfere no conteúdo da entrevista.

O fato de alguns não serem letrados levou-me a ser cautelosa na hora de recolher as autorizações. Porém, em relação às pessoas que eu sabia que não liam e não assinavam nem mesmo o nome, fiquei apenas com a autorização oral concedida na hora em que realizava a entrevista.

Ajudou-me nesse procedimento a reflexão sobre o texto em que Portelli discute a ética na História Oral¹⁷. Eu pensava: porque a autorização escrita para pessoas não letradas? E por que ainda temos necessidade da escrita como comprovação, embora estejamos trabalhando com a oralidade? Desta forma, resolvi deixar sem autorização escrita, as entrevistas daquelas pessoas que não eram capazes de assinar o próprio nome, assim evitei colocá-las em uma situação de constrangimento diante da pesquisadora.

Os sujeitos sociais com os quais trabalho tem um mesmo perfil social, porque compartilham em suas memórias de um objetivo comum que é a melhora da qualidade de vida. Embora, venham de lugares diferentes, são todos trabalhadores em busca de melhores oportunidades, seja como pequeno proprietário, como empregados no campo ou realizando diversos trabalhos na cidade.

Nessa expectativa de mudar de vida e o fato de pertencerem a lugares de origem diferentes, ao narrarem as histórias de vida cada um a apresenta de uma maneira

¹⁷ PORTELLI, Alessandro . O que faz a História oral diferente. Trad. Maria Therezinha . Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*. PUC-SP, n15, pp. 13-49, abr/97.

diferente. Os enredos¹⁸ não são os mesmos, embora com uma expectativa comum, a trajetória percorrida os diferenciam enquanto sujeitos sociais. Portanto, o meu objetivo é analisar esses enredos diferenciados.

A maneira como estes sujeitos sociais constroem o presente e passado está vinculada a viveres familiares, retratados em temporalidades que estão pautadas em outros vínculos, que não o tempo do calendário. O que interessa é refletir sobre essas trajetórias e as relações que foram estabelecidas no cotidiano desses sujeitos ao fazerem este percurso. Para que eu pudesse refletir sobre essas trajetórias o uso da fontes orais foi fundamental, pois como abordado por Raphael Samuel¹⁹:

A evidência oral torna possível não apenas o preenchimento de vazios mas também a redefinição de o que se trata na História Local. Ao invés de permitir que os documentos estruturam o trabalho – ou que filtrem categorias de lei, contabilidade ou governo local -, o historiador pode fazer com que a pedra de toque se torne a experiência real da vida das pessoas tanto no meio doméstico como no trabalho.

O uso da fonte oral neste trabalho não é para preencher vazios, mas para que através da memória desses sujeitos possa conhecer mais da história vivida por eles. Pesquiso aspectos da experiência de vida dessas pessoas, tais como; as relações de trabalho estabelecidas pelos homens e mulheres no campo e na cidade que foram se modificando ao longo das suas trajetórias.

Nesse sentido, ao realizar as primeiras entrevistas, percebi que além das minhas inquietações os entrevistados traziam outras, as quais não tinha pensado. Essas pessoas ao narrarem a vida cotidiana traziam muito da própria história da cidade. Histórias essas que diziam respeito ao modo como viviam nesta cidade, como trabalhavam, moravam e se divertiam, traziam em suas memórias o que era a cidade em várias décadas diferentes, tanto no campo como na cidade.

Desse modo, no desenvolver da pesquisa, pude refletir sobre as possibilidades de trabalho sobre a cidade e comecei a olhar esses sujeitos enquanto trabalhadores dentro da cidade de Dourados. Percebi, então, que o viver na cidade²⁰ deveria ser melhor

¹⁸ Enredos neste trabalho deve ser entendido como a maneira que eles escolhem para narrar as suas vidas, assim compõem enredos diferenciados.

¹⁹ SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9 n°19 set.89/fev.90. p. 232-233

²⁰ Esta discussão se iniciou na missão de trabalho com a professora Déa Ribeiro Fenelon. Refiro-me aqui a Missão de Trabalho – Cidade e Trabalho – PROCAD, desenvolvida pelo Mestrado em História sob responsabilidade da linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais no período de 2 a 18 de junho de 2002 na Universidade Federal de Uberlândia.

estudado. O objetivo deste estudo é analisar alguns aspectos da cidade, à medida que emergissem nas narrativas dos sujeitos entrevistados.

Os nordestinos guardam em suas memórias outros significados em relação à permanência deles em Dourados como trabalhadores. Isso fica evidente nas expectativas que cada um traz consigo ao deixar o nordeste. Nesse sentido, fui apreendendo e interpretando os significados atribuídos por eles a sua presença na cidade, significados estes que são diferentes e acontecem em um campo de tensão, que vai além do projeto de colonização empreendido pela CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados). Por isso, foi importante analisar como se deu o viver dessas pessoas na cidade não se atendo apenas a periodização firmada quer nos trabalhos de memorialistas quer pela historiografia local.

Esses sujeitos ao narrarem as suas experiências de vida, fazem o movimento de ir e vir no tempo por meio de suas memórias, reelaboram o passado e escolhem o que contar e como contar. Eles deixam transparecer em seus relatos os sentidos de sair do nordeste, trabalhar no campo ao chegarem em Dourados e posteriormente mudarem para cidade.

Nesta pesquisa para analisar essas trajetórias e viveres no campo e na cidade, busquei trabalhar com a História Oral e as memórias, porque somente por meio desta perspectiva pude investigar o que foi e é significativo para esses sujeitos. Como colocado por Yara Aun “*As fontes orais são únicas e significativas por causa de seu enredo, ou seja, do caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores para contá-la.*”²¹ Nesses enredos, que são únicos e diferenciados, os sujeitos entrevistados ao falarem do hoje, fazem emergir o passado, o presente e uma perspectiva de futuro.

Ao trabalhar com esses enredos que são únicos e diferenciados, considero importante referenciar a concepção de memória discutida em Raphael Samuel²² onde o autor coloca que:

A memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da “tradição”, ela é progressivamente alterada de geração

²¹ KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*. PUC-SP, (22), jun. 2001. p.84

²² SAMUEL, Raphael. Teatros da Memória. In: *Revista Projeto História*. PUC-SP, n. 14, fev., 1997 p. 44

em geração. Ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido. Tem, estampada, as paixões dominantes em seu tempo. Como a história, a memória é inerentemente revisionista, e nunca é tão camaleônica como quando parece permanecer igual.

Nesse trabalho, os nordestinos são pensados enquanto sujeitos da história, analiso os relatos de suas trajetórias, o ir e vir, e por meio de suas memórias procuro interpretar os significados constituídos na arte de narrar as suas experiências. Neste sentido, é interessante observar a abordagem feita por Yara Aun²³ em relação ao tratamento que deve ser dado ao sujeito dentro da história social, com base no método de investigação da História Oral.

Abordando a história como um processo construído pelos próprios homens, de maneira compartilhada, complexa, ambígua e contraditória, o sujeito histórico não é pensado como uma abstração ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricadas.

As fontes orais possibilitaram-me neste trabalho, entender a dinâmica das transformações ocorridas ao longo da trajetória desses sujeitos sociais. Em minha pesquisa busco, por meio do trabalho da memória, as expectativas ou motivações que fizeram com que os nordestinos deixassem suas cidades. Analiso, ainda, em que medida as trajetórias e histórias dessas pessoas foram modificando-se ao chegarem no campo e na cidade em Dourados.

Por isso, ao trabalhar com história oral e memória, preocupei-me com o fato de pensar a memória não como um “arquivo de lembranças”, e sim, como um tempo em que as pessoas, além de recordar atribuem significados ao passado e ao presente.

Nesse sentido, as entrevistas revelaram-me aspectos das trajetórias narradas pelos nordestinos como expressão do viver na cidade, o modo como constituem os seus vínculos e, simultaneamente, como imprimem nos lugares e na própria cidade, os seus modos de ser e viver que estão presentes no morar, trabalhar e se divertir. Todos esses aspectos evidenciam o que eles pensam dos lugares ou territórios da cidade onde estão vivendo, pois segundo Thompson²⁴ refletir sobre a “experiência” e a “cultura” significa compreender:

²³ KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*. PUC-SP, (22), jun. 2001. p.80

²⁴ THOMPSON, E. P. *O Termo Ausente: experiência*. IN A Miséria da Teoria ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981 p. 189

... as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral.

Esses sujeitos trabalham com a memória e vão elaborando sentidos no decorrer das trajetórias, trazendo para as suas narrativas no presente muito do que foi vivenciado no passado, com os significados atribuídos a cada momento em função de traumas, de expectativas e desejos, sentimentos que compuseram as suas memórias e fizeram parte de suas trajetórias emergindo em suas falas a medida que compunham os enredos.

Dessa forma, a maneira que as pessoas escolhem narrar as suas vidas está ligada à experiência e aos sentimentos que cada um carrega e a maneira como interpretam a história vivida, sentimentos que orientam as suas ações no presente. Portanto, na minha pesquisa analiso essas experiências de sujeitos que ao chegarem em Dourados, constituíram os seus territórios, deram importância às relações de vizinhança e às relações de identificação social como fundamental para a permanência deles na cidade.

Ainda, referindo-me a Thompson,²⁵ procurei pensar o texto e o contexto intrinsecamente juntos, o contexto emergindo no texto por meio das análises sobre as evidências construídas e interrogadas pelo historiador.

Nesse sentido, no trabalho com as narrativas orais, a partir dos enredos construídos pelos sujeitos entrevistados fui tirando o contexto da minha pesquisa analisando os elementos constitutivos da realidade social e histórica vivida pelos sujeitos com os quais dialoguei.²⁶

Pois na história, como bem discute Thompson,²⁷ não existem regras definidas e nem laboratório de verificação, o que define a interpretação dos fatos está relacionado a escolha de valores e simultaneamente ao modo como se interpreta as evidências

²⁵ Ver THOMPSON, E. P. *Costume e cultura*. IN *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

²⁶ Conforme discussão realizada pela professora Yara Aun Khoury durante a missão de trabalho procad – oficinas de história cujo tema era : narrativas orais na investigação da história social, sendo que a discussão sobre texto e contexto também se deu durante as aulas de historiografia com o professor Paulo Almeida.

²⁷ Ver THOMPSON, E. P. *Intervalo; A lógica histórica*. IN *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

históricas. Portanto, procurei interpretar as memórias e histórias como evidências e dialogar com elas.

Além das entrevistas que foram as fontes primordiais, pesquisei no arquivo do Jornal “O Progresso” que publicou o primeiro número em Dourados no ano de 1951. Esse jornal foi fundado, na época, pelo advogado e jornalista Weimar Gonçalves Torres. Esse meio de comunicação tinha como função, no começo da década de cinquenta, propagar o “progresso” que muitos acreditavam que a cidade teria. Dessa forma, em suas páginas havia muitas propagandas das terras do Município com o objetivo de atrair trabalhadores para a região. Além de veicular propagandas dos loteamentos urbanos que começavam a ser demarcados naquele momento, as propagandas também evidenciavam os benefícios que a cidade podia oferecer em função da implantação da rede de luz elétrica, melhoria das estradas, campo de aviação, entre outros anunciados pelo jornal como melhoria para a cidade que eram valorizados como “progresso” pelo proprietário do Jornal.

O Jornal continuava, até o momento dessa pesquisa, dirigido pela família de Weimar Gonçalves Torres que foi considerado por um grupo de pessoas ligadas ao poder público, como um jornalista que acreditou no potencial da cidade e um grande empreendedor para a década de cinquenta. Como forma de homenageá-lo esse grupo de pessoas nomeou uma das avenidas da cidade de Weimar Gonçalves Torres. Esse jornal continua, como no passado, a propagar as mudanças que ocorrem na cidade. As notícias enfatizam a idéia do “progresso” e “desenvolvimento” da região.

Ao anunciar o “progresso”, esse jornal enfatiza a presença dos trabalhadores nordestinos na cidade em dois momentos específicos: o primeiro, quando eles estavam chegando na cidade, momento em que aparecem como mão-de-obra para atender os interesses dos empreendedores deste progresso e o outro momento é enfatizado como esses mesmos sujeitos estão vivendo em Dourados na década de noventa.

No recorte feito pelo jornal é a partir da década de noventa que os nordestinos voltam a entrar em cena nas manchetes. Evidencia-se, em seus artigos, uma presença maior deles na cidade de Dourados por meio dos eventos promovidos pelo CTN – Centro de Tradições Nordestinas e a presença da Casa Nordestina. Isso não significa que o Jornal mudou a perspectiva de divulgar e promover o progresso da cidade, pois, ao noticiar os eventos promovidos pelas instituições voltadas para as atividades dos nordestinos, continua a divulgar essas ações como fazendo parte do “progresso” da região.

Em um primeiro momento, as notícias apresentavam os nordestinos como mão-de-obra, somente na década de noventa, alguns deles foram apresentados como vencedores que contribuíram para o desenvolvimento e crescimento da cidade. Ao considerar alguns nordestinos como bem sucedidos, o jornal tende a homogeneizar suas trajetórias e ocultar as diferenças entre os viveres de nordestinos na cidade.

Além do jornal *O Progresso* fui buscar o material do próprio CTN para que pudesse perceber qual significado essa instituição estava atribuindo à presença dos nordestinos na cidade. Dentre os materiais utilizados destacam-se os informativos produzidos pela entidade e o Estatuto de Fundação.

Após dialogar com o material bibliográfico pertinente ao tema, realizar as entrevistas e fazer a pesquisa no Jornal, optei por uma divisão do trabalho em que pudesse contemplar a trajetória desses sujeitos desde a saída do nordeste até suas experiências de viver em Dourados. Em função disso, no primeiro capítulo: “Memórias de nordestinos em Dourados: Refazendo trajetórias” busco investigar como foi a saída desses sujeitos do nordeste, apresento alguns dos motivos que teriam impulsionado essa saída, bem como, a maneira como transcorreu a viagem. Busco explicitar, também, as diferenças apontadas em suas falas quando narram sobre a saída do nordeste, em que apresentam um nordeste multifacetado por isso são motivados a deixá-lo pelos motivos mais diversos desde um sonho de jovem até a fuga da seca que os castigava.

A chegada, a saída e as expectativas dessas pessoas em relação à região de Dourados não eram sempre as mesmas, trabalho com essa diversidade de expectativas apresentada em suas falas e procuro perceber qual o significado para eles de conviver com as mudanças ocorridas em suas vidas logo ao chegar na região e como transcorreu a vida no campo.

No segundo capítulo: “Refazendo caminhos: Lugares e territórios na cidade nas memórias de nordestinos” apresento a mudança desses sujeitos para cidade. Momento em que eles têm que re-elaborar outras formas de viver, principalmente, em trabalhar em um mundo que era diferente do já experienciado por eles. Busco, então, analisar como foi a vida deles nesse outro território, procuro os sentidos e as razões expressas em suas falas para buscarem a cidade. No entanto, por meio das memórias, procurei recompor o que era a cidade para esses sujeitos sociais, encontrei em seus relatos muitas cidades tais como, a do barro e do asfalto, do progresso, do sossego e da violência, da fatura e das dificuldades. Foram usados na elaboração deste capítulo dois mapas com o objetivo de localizar o leitor em relação aos pontos principais da cidade apontados pelos

entrevistados e, além disso, apontar para a mudança ocorrida no espaço geográfico dessa cidade.

No terceiro capítulo: “Mudanças e permanências: A experiência de ser nordestino em Dourados” procuro problematizar os sentidos e significados atribuídos por eles em relação ao lazer no nordeste. O modo como discorrem a respeito das maneiras variadas de se divertir, levando em consideração a vida no nordeste naquele momento. Procuro analisar como foram processadas as mudanças e permanências nos hábitos alimentares e no lazer. Essas práticas estão relacionadas à experiências de vida diferenciadas, em espaços distintos um do outro e algumas dessas práticas cotidianas vividas no nordeste são invocadas pelos nordestinos em Dourados. Nesse contexto, procuro analisar de que forma aconteceu a implantação da Casa Nordestina e do CTN – Centro de Tradições Nordestinas na cidade e qual a relação desses sujeitos com essas instituições. Analiso o sentido dado por esses moradores em buscar estes lugares como territórios referenciados em suas memórias e trajetórias, pois ao narrarem sobre as festas e os hábitos alimentares estão se remetendo ao cotidiano no nordeste e em Dourados, estabelecendo relações que não se dão apenas no campo do lazer, mas que envolvem ações cotidianas expressas na maneira como se sentem pertencendo à cidade.

UM

**MEMÓRIAS DE NORDESTINOS EM DOURADOS:
REFAZENDO TRAJETÓRIAS**

A vida do campo e da cidade é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo; move-se em sentimentos e idéias, através de uma rede de relacionamentos e decisões.
Raymond Williams

A vida de uma família, de um grupo de pessoas, ou até mesmo de um indivíduo isolado é móvel, essa mobilidade se dá ao longo das suas trajetórias e são evocadas pelas suas memórias quando convidados a recordar. Escolhi alguns nordestinos para dialogar sobre a mobilidade de suas vidas ao longo do tempo. Eles começaram a sua história em algum Estado do nordeste brasileiro e foram narrando as suas experiências.

Nesta pesquisa busquei investigar esse movimento citado por Raymond Williams²⁸. Procurei saber como ele é realizado e o que significa para o nordestino sair de sua terra natal, chegar em Dourados, dirigir-se ao campo e depois deixá-lo e ir para cidade. Esse estudo será feito por meio das narrativas dos sujeitos sociais os quais escolhi para dialogar. O campo aqui, não é pensado como um lugar estático, parado em um passado que se foi, mas sim, como um lugar que faz parte da vida desses sujeitos, onde viveram e estabeleceram relações que são por eles narradas por meio de suas memórias.

Esse movimento de trabalhadores não está desvinculado do cenário histórico e político da década de quarenta, período em que o Governo Vargas implementou o projeto denominado “Marcha para o Oeste”. Em Dourados, o reflexo desse movimento, que aconteceu em nível nacional, culminou com a criação da CAND (Colônia Agrícola

²⁸ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 19

Nacional de Dourados), no ano de 1943. A implantação definitiva dessa colônia foi em janeiro de 1944, período em que houve uma ocupação da terra orientada pelo Estado.

O projeto implementado pelo governo Vargas, na década de 40, iniciou o processo de interiorização da produção no país e deslocou brasileiros que viviam em locais de baixa produtividade agrícola para áreas de alta fertilidade. Nesse sentido os sujeitos entrevistados expressam em suas narrativas os sentimentos vivenciados por eles em relação ao trajeto realizado e as mudanças ocorridas. No entanto, eles não falam apenas de uma mobilidade no espaço, com saída e chegada em regiões definidas, mas narram as experiências vividas por eles nesse processo de mudança.

Dessa forma, analisar a trajetória desses sujeitos somente pelo deslocamento no espaço geográfico, descaracteriza as histórias vividas por eles e as reduzem apenas à cifras ou à mão-de-obra para ocupação dos “espaços vazios”. Como não é esta a proposta deste trabalho, concebo o espaço na perspectiva da geografia crítica *“como um fato social, produto da ação humana, uma natureza socializada que, por sua vez, interfere no processo social não apenas pela carga de historicidade passada mas também pela carga de historicidade possível de ser construída”*²⁹ é esse então o movimento que busco estudar nesta pesquisa. Por isso, não é objetivo privilegiar aqui um estudo da região nordeste ou da região centro-oeste, mas sim, o estudo de como esse espaço foi construído por esses sujeitos sociais que foram entrevistados.

Neste primeiro capítulo, busco por meio dos relatos das trajetórias dos nordestinos, mostrar como eles saíram do nordeste e chegaram em Dourados. Busquei também analisar a vida deles no campo, não sendo possível desvincular a questão do trabalho nesses espaços por eles constituídos.

Por isso, faz-se necessário explicitar que, com a criação da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados) na região de Dourados, houve uma intensificação da propaganda para atrair trabalhadores para o campo e posteriormente também para a cidade. Porém, nem todos os entrevistados foram para Dourados atraídos por essa propaganda, outros motivos como as dificuldades que passavam na região de origem, o fato de já possuírem familiares em Dourados também os impulsionam a decidir sair do nordeste.

²⁹ Esta discussão do uso do espaço é feita pelo geógrafo Milton Santos e se encontra citada In: SILVA Marcos A. da. *República em Migalhas. História Regional e Local* p. 28

Em seu primeiro número, o jornal local traz um artigo com o seguinte título: *VERTIGINOSA! A marcha de Dourados para o progresso*³⁰, isso ocorreu em 1951. Percebe-se que esse jornal começava a veicular matérias que pudessem fazer propagandas da região para que mais pessoas para lá fossem. O próprio nome do jornal era “carregado” de significados “*O Progresso*”. Nas primeiras páginas do jornal, esse “progresso” é referendado:

Quem conheceu este imenso município a pouco mais de 5 anos não se atreveria a prever o grande progresso que tomaria esta terra. Na verdade data de pouco mais de 3 anos o descobrimento econômico de Dourados a que se prendem diversos fatores que, enfim podem ser reduzidos num único: o esplendor e a magnifitudo da terra dadivosa e fecunda que possue. (grifo meu)

Nessa matéria, parece que o “progresso” não necessitava de pessoas, pois precisava apenas ter terras férteis e isso o município tinha, em função disso, o crescimento econômico era garantido. Ainda, em 1952, continuava a propaganda da terra, mas agora inseria-se alguns trabalhadores, eles também eram necessários ao “progresso” e crescimento da cidade. Pude verificar, ao pesquisar nos arquivos do jornal, que eram publicados artigos interessados em fazer propaganda da região para atrair trabalhadores. Havia vários anúncios para venda de terras e uma das qualidades ressaltadas era a fertilidade. Como a terra sem trabalhadores nada oferecia,³¹ destaca-se a presença destes ao chegarem à cidade:

A fama da nossa terra, dispondo das melhores terras de agricultura continua atraindo a atenção dos homens do trabalho. Raro é o dia em que isolados em grupos, deixem de entrar em Dourados numerosos trabalhadores da lavoura que aqui aportam, animados pela esperança de construir pelo trabalho, um futuro melhor para os seus filhos.

Nesse artigo, o jornal destacou a chegada de trabalhadores que buscavam um futuro melhor e que vieram, “*construir pelo trabalho, um futuro melhor para os seus filhos*”. Observa-se que a propaganda do “progresso” estava presente o tempo todo e que, se as pessoas quisessem trabalhar, a cidade os receberia de braços abertos e ofereceria grandes oportunidades. Os artigos que veiculavam no jornal, buscavam ainda revelar algumas expectativas desses trabalhadores ao mencionar que eles esperavam construir pelo trabalho um futuro melhor para os filhos. A versão construída pelo Jornal

³⁰ Jornal *O progresso. Vertiginosa! a Marcha de Dourados para o Progresso*. Ano I, Nº 1 Dourados, 21 de abril de 1951.

³¹ Jornal *O Progresso*. Dourados continua atraindo braços para o trabalho. Trinta e dois dias de viagem em demanda da Terra Prometida. Dourados, 20 de julho de 1952, nº 64.

era de que não estavam “bem” no Estado de origem e, por isso, partiram em busca de uma vida melhor ou do “paraíso”.

Esses artigos encontrados no jornal, tentavam passar a imagem de que a terra era boa e a cidade prosperava em ritmo crescente. Ao anunciar que a cada dia novos grupos de trabalhadores chegavam à cidade, buscava-se evidenciar o crescimento demográfico que estava ocorrendo na cidade em função da fertilidade do solo que atraía a muitas pessoas para o trabalho.

Outros dados são oferecidos pelo Jornal, tais como: o Estado de origem dos trabalhadores, a chegada das pessoas em grupo, o transporte utilizado, o tempo gasto na viagem. Ainda no mesmo artigo evidencia-se a recepção dos trabalhadores na cidade:

O primeiro desses grupos, provem do lugar denominado Riachão de Jacuipe, no Estado da Baía, tendo chegado a Dourados na terça-feira última, após 32 dias de viagem, num caminhão Fargo. Dourados recebe de braços abertos a esses denodados trabalhadores que aqui vem para contribuir para o nosso progresso e a riqueza de nossa terra.

Os trabalhadores são recebidos de “braços abertos”, pois vieram contribuir para o progresso e a riqueza da terra. Essas pessoas viajavam em grupos e faziam essa viagem com um caminhão.

Essas propagandas prolongaram-se por várias décadas, até os anos oitenta, conforme divulgado pela revista publicada por ocasião do aniversário de cinquenta anos da cidade: *“Hoje como ontem, Dourados é a terra prometida, celeiro do Estado e fonte de progresso e desenvolvimento. Recebemos aqui, com amizade e carinho todos que queiram trabalhar, viver, prosperar”*.³²

Nesse momento de comemoração do aniversário da cidade, o prefeito proferiu o seu discurso fazendo uma comparação do presente com o passado; *“hoje como ontem”*. Por esse dizer passou a impressão de que não houve mudanças na cidade, o que era há cinquenta anos atrás, permanece ainda na década de oitenta. As terras são as mesmas, as oportunidades para o trabalho também, se quiser trabalhar é só mudar para Dourados. A cidade é tida como a terra prometida, promete muito crescimento e prosperidade para quem nela queira trabalhar.

A fala do prefeito sugeriu ainda o lugar de prestígio que Dourados ocupava entre as cidades do Estado quando disse que a cidade era *“celeiro do Estado e fonte de*

³²GONÇALVES, Luiz Antonio Álvares. *Dourados – 50 anos*. Editado pela Equiplan Serviços Gráficos Ltda. Dourados: 1985.

progresso e desenvolvimento”. Esse progresso encontra-se também referenciado no Jornal da década de cinquenta, quando muitos nordestinos dirigiam-se para Dourados.

Ainda com referência à fala do prefeito, ele continua a apresentação da cidade da seguinte maneira: *‘Neste meio século, o homem e a máquina transformaram este solo fértil, num verdadeiro manancial de riquezas, fazendo brotar do chão os dourados grãos do progresso, que fizeram Dourados crescer e prosperar’*. Mesmo depois de cinquenta anos de emancipação, o apelo para atrair trabalhadores ainda continuava. No dizer do prefeito o atrativo para os trabalhadores estão nas magníficas terras e nas máquinas que fizeram com que a cidade progredisse.

O artigo foi escrito com o objetivo de continuar atraindo trabalhadores para a região, e a terra ainda era a *“terra prometida”* que estava nos jornais na década de cinquenta. Essas propagandas não veiculavam apenas em Dourados, mas ocorria também em nível nacional, divulgadas pelo governo Vargas.

Pode-se notar uma homogeneidade tanto na fala do prefeito, no ano de 1985, como nos artigos do jornal em 1952, o apelo ao trabalhador era colocado da mesma forma: se eles quisessem trabalhar e prosperar era só virem para Dourados, pois as terras eram férteis e iriam garantir-lhe o futuro, a cidade continuava “ontem” como “hoje” a receber esses trabalhadores de “braços abertos”. Nesses escritos apagam-se as diferenças e mostra-se uma harmonia, como se todos tivessem as mesmas oportunidades de trabalho ao chegar na cidade. No entanto, veremos que nem todos compartilharam desta aparente “igualdade” que se quer propagar através do poder público e do jornal.

Essa terra é referenciada na memória dos entrevistados como realmente férteis, porém, embora dadivosa, muitos produziam apenas para subsistência, devido à falta de mercado para vender os produtos, não podiam tirar dela grandes lucros. Pode-se evidenciar isso pelo relato de Dona Maria Gomes³³ que chegou a Dourados no ano de 1953 e veio do Estado de Pernambuco:

... porque feijão e arroz naquele tempo e milho a gente plantava e colhia mais não tinha valor... Não tinha pra quem a gente (vender) colhia bastante dava a terra fértil dava, mais não tinha preço e ninguém ia viver só com feijão e milho e essas coisas, tinha que comprar outras coisa.

Ela concorda com a notícia do jornal de que as terras eram férteis, plantava e colhia muito, mas não tinha para quem vender. No entanto, não era necessário apenas

³³ Maria Gomes dos Santos, 68 anos, Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 17/10/2002.

querer trabalhar e vir para Dourados que iria prosperar, era necessário ter outras condições, como: mercado para venda de produtos, pois nem todos conseguiam, na década de cinquenta, escoar a produção.

Como Dona Maria Gomes, muitos vieram para Dourados atraídos por essas propagandas de terras prometidas. Os trabalhadores que se dirigiam a CAND nas décadas de cinquenta e sessenta, já não encontravam mais a terra gratuita, tinham que comprar os direitos de outros que lá estavam. Além disso, não existia uma documentação oficial destas terras. Dessa forma, alguns trabalhadores tiveram prejuízos nestas compras, como foi o caso do Sr. João.³⁴ Ele chegou a Dourados no ano de 1963, veio de Alagoas. Depois de passar alguns anos trabalhando no sítio do pai, comprou um sítio próprio e conta:

No sitio do meu pai era o seguinte eu trabalhei seis anos depois de seis anos eu me casei, daí já tinha comprado uma chácara de sete alqueires, daí comprei a chácara ela não me deu um bom resultado porque o proprietário cuidou de não me dar a escritura da propriedade né, eu fui negocieei ela com grande prejuízo.

A fala do Sr. João sugere que a terra não estava disponível para todos, e alguns, que a adquiriram, acabaram tendo prejuízos devido à falta de documentação. Isto porque os lotes concedidos pela CAND não poderiam ser vendidos a terceiros, porque as pessoas que compraram ainda não possuíam a escritura definitiva. Essa escritura só foi entregue aos proprietários na década de sessenta com a emancipação desta colônia. No entanto, alguns efetuavam a compra de direitos, e depois não conseguiam vender. Outros, no entanto, compraram vários direitos de pessoas que abandonavam os lotes e “especulavam³⁵” com esta terra ou começavam a formar grandes propriedades.

O sogro de Dona Maria Gomes³⁶ é um exemplo de trabalhador que veio do Estado de São Paulo, no ano de 1953, em busca de terras gratuitas, mas não as encontrou. Em função disso, procedeu a compra destes direitos conforme relatado pela mesma: “terra tava difícil, já não tavam dando, a gente comprava assim a posse das pessoas que vinham e tiravam e desanimavam”. Diferente do Sr. João, o sogro de Dona Maria Gomes comprou essas posses e depois conseguiu a escritura definitiva, dessa forma, não teve prejuízos com a terra.

³⁴ João Ferreira Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

³⁵ O ato de especular significa que compravam muitas terras por um preço baixo e as deixavam sem produzir vendendo-as mais tarde por um valor mais alto, outros, no entanto, se aproveitavam do baixo preço da terra e compravam pequenos lotes formando grandes fazendas para produção em larga escala.

³⁶ Maria Gomes dos Santos, 68 anos, Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 17/10/2002.

Alcir Lenharo³⁷ ao se referir à ocupação destas terras, na década de cinquenta, também se refere a especulação:

A colônia Agrícola Nacional atuava como o imã econômico; suas terras tornavam-se cobiçadas e objeto de desenfreada especulação. Em pouco tempo, as pequenas propriedades foram sendo concentradas em grupos de 5 ou 6, formando pequenas fazendas dedicadas à pecuária. Terras fertilíssimas foram desperdiçadas com a introdução do capim colonião.

Para esse autor, a propaganda veiculada pelo governo Getúlio Vargas em relação a CAND, que anunciava a colônia implantada em Dourados como modelo a ser seguido no país, atraiu muitos trabalhadores para região e, posteriormente, muitos “especuladores” que compravam vários lotes originando assim as pequenas fazendas.

Pode-se reafirmar esse pressuposto, tendo como referência os trabalhos produzidos na historiografia local, onde se atribui o povoamento efetivo da região de Dourados a CAND. Pode-se evidenciar isso no trabalho de Mario Cezar Tompes³⁸ que escreve em sua dissertação:

Quem dinamizou Dourados e lhe imprimiu um crescimento mais intenso destacando-o dos demais centros foi a CAND, o maior projeto de colonização instalado no Mato Grosso do Sul, que, ao atrair um fluxo numeroso de força de trabalho, criou um mercado consumidor importante para a economia local (foram distribuídos lotes para 6.200 famílias o que representou a adição de um contingente em torno de 25.000 novos habitantes rurais.

A característica de terra fértil veiculava nas propagandas que se faziam da cidade para atrair trabalhadores. Devido a chegada de grandes contingentes de trabalhadores, na década de cinquenta, começava a se formar também o centro urbano da cidade. Em função disso, veiculava-se várias propagandas³⁹ de vendas de terrenos em novos bairros, que estavam começando a se formar naquele momento:

³⁷ LENHARO, Alcir. A terra para quem nela não trabalha: a especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: v. 6 n. 12, mar./ago. 1986. p. 53

³⁸ SILVA, Mário Cezar Tompes da. “*Expansão do Complexo Agroindustrial e o processo de Mudança no Espaço de Dourados*” São Paulo: Dissertação de Mestrado USP, 1992 p. 62.

³⁹ A maioria das propagandas eram veiculadas nos primeiros números do *Jornal o progresso* no entanto as cópias para coloca-las aqui foram tiradas do trabalho de MOREIRA, Regina Heloisa Targa. Op. Cit. p. 88 quando esta se refere a grande procura por terras com a chegada da CAND.

Atenção! JÁ ESTÃO À VENDA OS
MAGNÍFICOS LOTES DA

Vila Progresso

A poucos metros da rua principal de Dourados. Entre o prolongamento das ruas Pernambuco e Ceará. Preços acessíveis — a vista ou a prazo. Único loteamento servido pela rede de luz elétrica.

EM DOURADOS *Vlademiro Muller do Amaral*

Jornal "O Progresso" - 22/02/1953.

Para a venda ou compra de terras neste Município, procure a

**COMPANHIA PROPULSORA DA
RIQUEZA IMOBILIÁRIA**
(Em organização)

Dispondo de agentes especializados no Est. de S. Paulo e Paraná. Aceita opções para promover a venda de terras em pequenas e grandes glebas.

Praça João Mendes, 154 S. Paulo
Agente n/ cidade
Vlademiro Muller do Amaral
Rua Marcelino Pires s/n.

Jornal "O Progresso" - 21/04/1951.

A propaganda da Vila Progresso era direcionada às pessoas que estavam na cidade e queriam adquirir um terreno. Nessa propaganda apareceram alguns dados, como; o preço acessível e a forma de pagamento que poderia ser efetuada à vista e/ou a prazo. Além disso, é visível também o nome das ruas em que estava localizado o loteamento, entre as ruas Pernambuco e Ceará. Esse fato deixa transparecer que havia uma forte presença da população Pernambucana e Cearense na cidade. Depois, com o passar dos anos, os nomes dessas ruas foram substituídos por nomes de “pioneiros.” Eram considerados “pioneiros” aqueles que chegavam e compravam grandes quantidades de terras. Esse anúncio evidenciava também as mudanças que ocorriam na cidade, pois divulgava a Vila Progresso como o único loteamento que era contemplado

com a luz elétrica. Esse benefício começava a aparecer na cidade na década de cinquenta.

Embora estas propagandas retratassem a cidade acabavam por ser disseminadas em outros locais. No caso da propaganda da Companhia Propulsora da Riqueza Imobiliária, ela atingiu pessoas que vinham de fora em busca de terras na região. O jornal possibilitava às pessoas que queriam ser proprietárias uma visão das condições da terra almejada. Além disso, a Companhia Propulsora da Riqueza Imobiliária possuía vendedores em São Paulo e no Paraná, isso permite inferir que havia uma intenção de vender loteamentos para proprietários de terras de outros Estados. Como em São Paulo e no Paraná se encontravam muitos nordestinos, esta propaganda acabava também chegando até eles. Na década de cinquenta, nem todos tinham acesso ao jornal, além disso, ele era impresso semanalmente, mas as notícias espalhavam-se por meio daqueles que o liam.

Nas entrevistas, pude perceber que outras formas de explicar porque essas pessoas vieram para Dourados foi a propaganda feita por parentes e amigos que já se encontravam na região. A propaganda de parentes e amigos diferenciava-se da propaganda veiculada nos jornais e rádios, pois era feita por meio de cartas enviadas aos parentes, como estas pessoas já estavam na região podiam comprovar a qualidade das terras. Eles escreviam dizendo que as terras eram boas e que viessem para Dourados.

Dessa forma, muitos deixavam a região de origem e vinham para Dourados, ficavam um tempo no sítio dos parentes e depois, iam “se virando”. Dona Romana⁴⁰ chegou em Dourados no ano de 1972, veio do Ceará. A propaganda feita pelos parentes foi um dos motivos que a ajudou tomar a decisão de se dirigir à região de Dourados:

O tio que morava aqui era irmão do pai dele (se refere ao marido), daí escrevia dizendo que era bom, chamando eles tudo, mas nós ficava assim, nós nunca tinha saído pra canto nenhum nós tinha medo né, mas nesse dia resolvemo vim, daí vendemo a casa deu só pras passagem e viemo.

Embora o tio escrevesse dizendo que a cidade era boa, dona Romana e a família ainda sentiam medo de partir, mas devido às adversidades enfrentadas no Ceará, como seca e falta de emprego, eles resolveram sair de lá. O sentimento de medo que acompanhava a família cede lugar às necessidades vividas por eles na década de setenta no Ceará. Eles moravam na cidade, o marido vinha sofrendo bastante com o

⁴⁰ Romana Pereira Freire, 60 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 08/08/2002.

desemprego e os filhos estavam sendo contaminados por muitas doenças. Isso os motivou a deixar o nordeste, venderam o bem que possuíam, a casa e apenas com o dinheiro da passagem, partiram movidos pela esperança de novas possibilidades em um lugar distante e desconhecido da realidade vivenciada por eles até aquele momento.

Em uma época em que poucos tinham acesso à leitura de jornais, outros meios de comunicação eram utilizados, como é o caso do rádio que, em alguns casos, poderia alcançar a população do campo, como aconteceu com a família de Dona Anizia⁴¹ que chegou no ano de 1952, veio do Ceará. Eles passaram primeiro pelo interior do Paraná, onde residiam. Lá, seu pai ficou sabendo das terras que estavam sendo doadas em Dourados:

...daí pelo rádio ele (o pai dela) ouvia falá na Colônia Federal que o governador Getúlio Vargas que tava cortando essas terras aqui e dando pra pobreza, a única coisa que ele exigia era que fosse casado no civil pra podê documentar os lotes, então através do rádio, ele ouvia através do rádio, e pegou todos os endereços, pelo rádio ele pegou todos os endereços e veio baixa aqui em Mato Grosso.

A propaganda veiculada pelo rádio atingiu o pai de dona Anizia que, segundo ela, anotou todos os endereços e veio parar no Mato Grosso. A única exigência necessária para concessão das terras, era ser casado no civil para que a escritura pudesse ser viabilizada e essa exigência o seu pai cumpria.

O pai de Dona Anizia vendeu a propriedade que tinha no Ceará e veio para Jacarezinho (cidade do interior do Paraná), onde já tinha um filho residindo. Isso evidencia que os laços familiares foi um dos motivos encorajadores para as pessoas aventurarem-se em busca de outros lugares. Muitos dos entrevistados, no momento de decidir qual caminho deveriam seguir, buscavam dirigir-se para lugares onde já tinham parentes ou amigos. Esse fato propiciava uma melhor acolhida, o que realmente veio a acontecer, no caso de alguns, que se dirigiram para Dourados, o apoio familiar nos primeiros tempos foi decisivo.

Em Jacarezinho, o pai de Dona Anizia trabalhava de empregado em uma fazenda e, como tinha sido proprietário no Ceará, não se acostumava a ser empregado. Por isso veio à procura das terras na região de Dourados.

O objetivo do pai de Dona Anizia era adquirir o próprio sítio, foi essa a sua expectativa quando deixou o interior do Paraná.

⁴¹ Anizia Francisca da Silva, 59 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 06/08/2002.

Nesse sentido, a propaganda não tinha o mesmo significado para todos os entrevistados, não criava neles as mesmas expectativas. Para o pai de dona Anisia a expectativa era de possuir a terra novamente e ser proprietário, mas esse não era o sonho de todos que para lá se dirigiam. A propaganda produzia sentidos diferentes de acordo com os interesses e expectativas trazidos por cada um dos entrevistados.

Os sujeitos sociais os quais foram entrevistados traziam em suas narrativas motivos variados que os fizeram deixar a região de origem. Dessa forma, uma pessoa que nunca tinha possuído uma propriedade, também poderia almejar adquirir um pedaço de terra para garantir melhores condições de vida para a família.

O pai de Dona Anizia pretendia continuar trabalhando na terra, porque era o seu trabalho tanto no Ceará, como no interior do Paraná, o que ele fazia era trabalhar no campo. No entanto, a expectativa buscada por ele era de executar este trabalho como proprietário e não como empregado. Ele não havia adaptado-se a prestar serviço aos outros. Embora Dona Anizia tenha dito que o pai era um dos melhores empregados da fazenda, ele queria ter a sua própria terra de volta. Percebe-se pelo relato do pai de Dona Anizia, que nem todos que procuram a CAND eram “flagelados da seca” muitos vinham com a expectativa de se tornarem proprietários.

Dona Anizia disse que o pai tirou dez lotes na época, um para cada genro, mas quando voltou ao interior do Paraná onde estavam morando, em Jacarezinho, os genros não quiseram vir. Então ele tinha comprado um sítio em Caarapó, cidade próxima de Dourados, na época era distrito. O fato dos genros não virem para Dourados, fez com que ele abandonasse os lotes na Colônia e fosse para o seu sítio com a esposa e as filhas.

Para ele, o que importava era estar em terras próprias, não se importou com a terra que ele ganhou, deixou-a para trás e foi para o seu próprio sítio. A expectativa dele era clara, a de se tornar proprietário e voltar a trabalhar com a sua terra. Isso foi possível porque as terras eram mais baratas na região. Dessa forma, as economias trazidas do Ceará com as do interior do Paraná, ele pôde adquirir o seu próprio sítio.

A forma como Dona Maria Gomes⁴² ficou sabendo das terras de Dourados foi diferente das anteriores. Ela ficou sabendo dessas terras por meio da chamada “propaganda boca a boca”, que ia se disseminando por todos os lugares, não foi o rádio ou o jornal que chegou diretamente às mãos do seu sogro, mas sim o ouvir falar, o famoso “boato”, como conta ela:

⁴² Maria Gomes dos Santos, 68 anos, Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 17/10/2002.

...Ah! boato né o povo falava que o Getúlio Vargas tava dando terra aqui. O meu sogro sabendo que aqui tinha essa colônia que dava terra né e veio, só que quando ele veio já não tava mais dando terra comprava posse de outro daí ele comprô uma posse e o José veio com uns quantos peões pra derrubar que era mata virgem né, José veio na frente...

A Colônia a qual Dona Maria Gomes se refere é a CAND. Ela chegou em Dourados em 1953 veio de Pernambuco. Ela chegou um ano depois do pai de Dona Anizia. Quando eles chegaram, já não estavam mais distribuindo terras gratuitamente, mas eles poderiam comprar os direitos de alguns que estavam abandonando os lotes. Desta forma, pode-se perceber que a propaganda feita pela CAND, nem sempre chegava de maneira correta aos ouvidos das pessoas que estavam em outros estados. O sogro de Dona Maria Gomes veio porque queria terras gratuitas.

A fala de Dona Maria Gomes possibilita entender como a propaganda “boca a boca” funcionava, pois o sogro dela ficou sabendo das terras por meio de um “boato”. Isso possibilitou perceber o quanto essa propaganda foi disseminada pelas pessoas.

Outro ponto importante a ser observado em sua fala, é o primeiro trabalho que eles tinham que fazer ao tomarem posse da terra. Eles tinham que derrubar a mata virgem dos lotes, e depois podiam estabelecer-se no local. Isso demonstra as condições em que se encontrava a terra, existia ainda, uma grande quantidade de mata virgem.

Antes de se dirigirem para Dourados, era comum os entrevistados passarem um curto período de tempo em São Paulo ou no interior do Paraná. Isso não era uma regra geral para todos, pois alguns se dirigiram diretamente para Dourados. No entanto, como São Paulo, além de ser uma parada obrigatória, era lá que todos tinham algum parente estabelecido. Em função disso, ficavam algum tempo lá, até que pudessem partir em busca de outras oportunidades.

Quando Dona Maria Gomes dirigiu-se para Dourados, já fazia um ano que tinha deixado Pernambuco com o pai e um irmão, ela tinha ido para São Paulo. O pai e o irmão retornaram para o nordeste e ela não. Continuou em São Paulo e depois de um ano foi para Dourados.

Nas entrevistas, outros motivos foram apresentados para que essas pessoas deixassem a região de origem Dona Romana,⁴³ por exemplo, quando relata os motivos da saída do nordeste, relembra a história da família vivida no Ceará para poder chegar a Dourados. Ela fala das expectativas criadas ao longo da sua vida, pois passou por muitas

⁴³ Romana Pereira Freire, 60 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 08/08/2002.

dificuldades, o marido esteve desempregado, muitos filhos morreram, e isso foi o que os motivou a sair, ou seja, a falta de expectativa em relação a vida que lá levavam. As mulheres elaboram, em suas memórias, o tempo da saída da região de origem e da chegada, em Dourados associados às expectativas relacionadas ao trabalho e as condições de sobrevivência familiares. Dona Romana relata sobre estes tempos difíceis vividos no Ceará no começo da década de setenta, ela chegou em Dourados no ano de 1972.:

No nordeste ele trabalhava assim em firma né. Depois as firma deu as conta pra tudinho, ele ficou trabalhando de carroceiro, foi quando nós passamo mais precisão porque ele tinha que comprá o capim pro burro né pra podê no outro dia trabalhá...daí quando ele começou a trabalhá de carroceiro naqueles depósitos de carvão ele enchia a carroça de carvão e vendia carvão em casa né, daí que dava pra tirar o dinheiro assim do pão dos meninos né, tinha dois pequeno né, aí que tirava o dinheiro todo dia... daí depois ficou ruim de serviço que o burro quase morreu de fome, o burro quase morreu de fome que não achava frete em lugar nenhum. Depois que eu disse eu me encabulei, você vende essa casa e nós vamo batalhá lá onde tá o seu tio, o seu tio disse que lá é muito bom, porque desse jeito né, não vai morrê de fome, porque né, não tava tendo mais frete o tempo tava ruim mesmo. Foi dali ele vendeu a carroça, vendeu a casa e nós viemo, com oito dias que nós vendemo a casa nós saimo só com a roupa do corpo, também eu não tinha nada dentro de casa né, só com a roupa mesmo, tinha vendido, tinha uma cama.

Na fala de Dona Romana percebi que a busca por melhor emprego e as condições precárias de trabalho e de vida, foram os motivos que a levaram a deixar o nordeste. Ela estava preocupada com a sobrevivência familiar, e tomou a decisão de sair, pois não queria esperar para morrer de fome, por isso decidiu por uma mudança que pudesse dar a ela e aos filhos condições de sobreviver.

Dona Romana e o marido fazem parte de poucos dos entrevistados que não tiveram a experiência de trabalhar com a terra. Lá eles trabalhavam em feira vendendo frutas, de carroceiro, em firmas, como diz ela, isso quando tinham emprego, porém a cidade, naquele momento, não oferecia condições para sobrevivência básica das famílias. Nas lembranças sobre os viveres no Ceará pode-se perceber que devido aos grandes períodos em que o marido ficou desempregado, chegou até mesmo a faltar comida para a família.

O papel da mulher na família era determinante, pois sempre trabalhava junto com o marido, “lá, eu ajudava assim eu vendia as coisa né, eu sempre gostei de vendê, uma vez teve um dia que eu vendia manga, outra vez eu vendia caju, é batalhá pela vida né... nem lavação de roupa lá é difícil é só essas coisa assim vendendo, eu sei que eu me

virava assim...” A mulher parece sentir as mudanças melhor do que os homens, por isso, lutam para mudar, como diz ela: “*é batalhar pela vida né*”. Os motivos que justificam a mudança para Dourados estão relacionados à sobrevivência da família.

Foi Dona Romana que tomou a decisão de deixar o Ceará. Durante a entrevista, ela disse que teve ao todo dez filhos, mas desses dez, cinco que nasceram lá no Ceará morreram, nasciam e morriam logo em seguida de desnutrição. A expectativa dela ao vir para Dourados era mesmo a de sobreviver às adversidades que vinha enfrentando, queria ver os filhos “se criarem” como diz ela, já que havia sofrido muito com doenças, como a desnutrição e com a morte de alguns filhos:

Eu tive cinco né, tive dez, morreu cinco no Ceará, por isso que nós mudemo de lá pra cá né, era só morrendo. Nós resolvemos por causa disso por causa dos filhos nós queria criá os nosso filho, era todo ano tendo filho e morrendo né, até esse que eu vim com quatro mês ele veio bem doentinho, os filhos era tudo doente era nascendo e morrendo, nascendo e morrendo eu acho que se nós não tivesse vindo pra cá, acho que esse outro tinha morrido tava com a mesma doença né aí as duas que eu tive aqui essa daí e a outra se criaram tudinho, daí o caso que nós viemo foi esse né, passava muita fome.

Na fala de Dona Romana evidencia-se bem a sua expectativa em relação à mudança quando diz; “*nós queria criá os nosso filho*”. Isto porque as adversidades as quais a sua família vinha enfrentando não dava a ela a possibilidade de poder ver os filhos sobreviverem. Então, resolveu mudar para lutar, não aceitou a submissão a essa situação. Estas adversidades estão vinculadas à falta de emprego, de assistência médica, dentre outras privações vividas por algumas dessas famílias.

O motivo que impulsionou a mudança de Dona Romana não foi fator determinante para outros entrevistados, porque eles tinham boas condições de vida. A região do Ceará onde Dona Romana morava era muito seca e eles sofreram muito com isso, mas outros entrevistados não deixaram o nordeste por causa de seca. É o caso do Sr. José Alves⁴⁴ que recorda dos benefícios da terra onde nasceu, no sul de Alagoas. Ele destaca principalmente as chuvas e se entristece quando ouve as pessoas dizerem que no nordeste tudo é seco. Ele atribui essa imagem de seca do nordeste à imprensa: “*infelizmente a imprensa só mostra esse lado, eles querem fazê uma coisa do nordeste, só mostra assim que veio por causa da seca que está morrendo de fome, eu nunca vi isso lá no nordeste, lá no nordeste onde nós tamo no sul de Alagoas*”.

⁴⁴ José Alves dos Santos, 60 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 07/08/2002.

O Sr. José Alves saiu de Alagoas com 18 anos de idade, ele relata que naquela época, no ano de 1962, todo jovem da sua idade tinha um sonho, que era conhecer São Paulo. A mudança do Sr. José Alves foi para concretizar um sonho de jovem, isso não deixa de ser também uma busca de melhores condições de vida. Onde ele estava era bom, mas em São Paulo poderia melhorar ainda mais, por isso, ele não voltou e continuou buscando melhores condições de vida, depois foi para o interior do Paraná plantar café e de lá, para o Mato Grosso do Sul, onde o clima era propício para o cultivo desta planta. Em sua narrativa conta:

Lá no nordeste lá do sul de Alagoas de onde nós somos o meu pai era sitiante, nós tinha casa de farinha nós tinha gado, nós tinha tropa de burro, e eu graças a Deus sou do sul de Alagoas e lá não falta chuva de jeito nenhum, lá chove mais do que aqui...mais muita gente daqui do sul fala e pensa que todos os nordestinos que vem pra cá é fugindo da seca, isso é uma lenda, isso é uma coisa que não existe.

A fala do Sr. José Alves abre a possibilidade de pensar em diferentes “nordestes”. Por ele ter vindo de uma região chuvosa desconhece a seca e as privações pela qual Dona Romana passou, e justifica a sua mudança à concretização de um sonho de jovem. Ele não se reconhece nas imagens públicas criadas sobre o nordeste, em que todos deixam a região fugindo da seca, pelo contrário, ele reage a este argumento e explica como funciona a divisão regional do nordeste.

Para poder explicar como os jovens do seu tempo realizavam o sonho de conhecer São Paulo, citou o exemplo dos jovens que na década de noventa, queriam ir para o Japão e para os Estados Unidos para trabalhar e ganhar dinheiro. Ele, como os jovens do seu tempo, saiu para ir conhecer São Paulo, ficar um ano e voltar.

Em suas narrativas disse que resolveu ficar em São Paulo porque quando saiu de Alagoas ele tinha um burro. Ele vendeu esse burro para viajar, e, dessa forma quando voltasse, todos os irmãos estariam com o burro e ele não. Em função disso, foi para o sítio de um tio no interior de São Paulo catar algodão, gostou do serviço fez amizades e ficou. Ele veio para São Paulo por um sonho e não queria voltar sem ter conquistado nada:

Daí quando foi daí uns tempo que eu pensei assim em voltar, mas eu disse eu não vou, quando eu saí de lá eu e meus irmãos mais velho nós tinha quatro burro, eu tinha um o meu irmão tinha outro, o meu outro irmão tinha outro, e o outro tinha outro, o meu pai dava para cada um um burro, daí eu tinha vendido o meu, tinha vindo embora, por cinco contos e setecentos, daí eu pensei eu chegá lá os meus irmãos tem roça, os meus irmãos tem arreio, os meus irmãos

tem burro, e eu chegá lá sem nada eu não vou não, aí por causa desse motivo também que eu não voltei.

Ter um animal, naquela época, na região de onde veio, significava ter posses, ser “bem visto” pelos vizinhos e amigos. Uma vez que ele tinha vendido o seu para viajar, não queria voltar sem nada, pois se sentiria “rebaixado” diante dos seus irmãos. Isso porque depois de um ano, além do burro, os seus irmãos já possuiriam outros bens, então era necessário que primeiro ele trabalhasse para acumular algum bem, para depois voltar.

O Sr. José Alves é um árduo defensor do seu Estado e citou o exemplo de Minas Gerais, para exemplificar como o povo generaliza. Ele disse que Minas Gerais é um lugar ótimo, mas em função de uma região seca, o povo fala de “um todo”. Hoje ele é proprietário de um salão de barbeiro, por isso, conversa com muitas pessoas diferentes que passam no seu serviço e diz que dá desgosto quando vê o pessoal falar que no nordeste é tudo seco e, em seguida relata a generalização da seca do nordeste:

...tem aquele pedacinho que dá uma seca no estado de Alagoas, o resto é o agreste, e o resto é chuva, é muito grande do Sergipe até Pernambuco beirando o mar é um trecho muito grande só fartura, só riqueza, não tem miséria, mas infelizmente o povo fala por causa de uma cidade em Alagoas, daí no outro dia já fala, em Alagoas o nordeste está acabando tudo, me dá um desgosto danado isso, mas infelizmente fazê o que?

Ele se referiu a esses aspectos do nordeste quando eu lhe perguntei o porquê tinha deixado a região. Não havia sido mencionado antes o fator da seca. Ele logo justificou-se dizendo que não veio por causa da seca. Essa atitude contrapõe o discurso da televisão e do jornal a respeito da seca do nordeste, pois não concorda com essa imagem e não se enxerga nela. Com isso pode-se perceber que não se deve tratar essa grande região como um todo homogêneo.

A ênfase em dizer que não veio de um lugar seco perpassa toda a sua fala. Isso se deve ao fato do Sr. José Alves ter vindo do sul de Alagoas e de não ter vivenciado a seca como Dona Romana a vivenciou no Ceará. Ele faz questão de enfatizar que se diferencia da imagem criada, inclusive na cidade de Dourados, de que os nordestinos que para lá se dirigiram eram flagelados da seca que passavam fome. Ele se contrapõe a essa versão oficializada na cidade.

Para ele, a seca é tão desconhecida como o é para uma pessoa que mora em uma outra região chuvosa. Por isso, ele afirma que as pessoas não deixam o nordeste devido à seca, “isto é uma lenda, isso é uma coisa que não existe”. Ele faz esta afirmativa para

ênfatizar que o lugar do qual ele está falando é diferente, na realidade que ele vivia isso não existia.

Percebe-se também em sua fala o quanto ele ênfatiza o fato do pai possuir um sítio. Ele começou a sua fala justificando que o pai era sitiante e possuíam o que tinha de melhor naquele momento. No começo da década de sessenta eles tinham a casa de farinha, o gado e as tropas de burro. Usa essas palavras para dizer que não era miserável, que não existia pobreza em sua vida. Ser sitiante na década de sessenta, possuir os bens que o pai possuía, era manter uma posição social confortável. Ele disse que o único bem que eles não tinham era carro, mas justificou o fato de não possuir dizendo que naquele tempo, até em São Paulo, era difícil ter caro. Com isso, queria dizer que realmente o pai possuía o que tinha de melhor no momento, pois até em São Paulo, que era considerado por eles o grande centro do país, tinha poucos caros. Em função disso, em Alagoas por ser considerado um centro menor, o pai não tinha a obrigação de ter caro.

Percebo através das falas desses sujeitos, que não se pode homogeneizar a região nordeste e sim buscar perceber as suas diferenças. Isso ficou claro nas falas do Sr. José Alves e de Dona Romana, o que fica evidente em seus relatos são as diferenças em relação à vida e as expectativas de cada um. Dessa forma, emerge em suas narrativas as contradições e não igualdades.

A postura adotada pelo Sr. José Alves em defesa do nordeste, fazendo referência ao Estado de Alagoas, também foi percebida na fala de outros sujeitos como o Sr. João⁴⁵ que veio do sul de Alagoas e não atribuiu o motivo de sua saída do nordeste à fome e à seca:

Não vim do norte por causa de fome, seca não, vim pra conhece o lugar, o meu pai era proprietário e não voltei mais no norte né tô com 62 pra 2002 tá com muitos anos né? Tá com quarenta e poucos anos que eu tô aqui.

Tanto em sua fala como na do Sr. José Alves aparece a preocupação em dizer que o pai era proprietário. O fato de ter uma propriedade é um argumento usado para deixar claro que não havia necessidade de deixar a sua cidade de origem. Ele e o Sr. José Alves começaram a dar essas explicações para responderem a respeito do porquê tinham deixado Alagoas.

⁴⁵ João Ferreira Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

O pai do Sr. João veio para Dourados na década de cinquenta, adquiriu um lote na CAND e ficou na região por quatro anos. Depois, retornou para Alagoas e o Sr. João veio para ficar com os irmãos no lote, porque quando o pai veio para Dourados o Sr. João havia ficado em Alagoas “tomando conta” do sítio do pai com a mãe e as irmãs.

Muitos dos entrevistados disseram que assim que chegaram no campo foram morar em um ranchinho de sapé e, só depois, construíram as suas casas. O Sr. João também procedeu desta forma e disse que ao chegar no campo, estranhou muito a forma como eram construídas as casas:

As únicas coisa que eu estranhei muito era as casas e segundo a moradia que era muito distante uma da outra, duzentos e cinquenta metros uma da outra né, então isso daí pra quem morava quase parede meia vendo o vizinho do outro lado né a gente estranha muito né.

O estranhamento foi em relação às casas em função de que, quando ele morava em Alagoas, as casas eram de taipa (eram casas construídas de barro batido). Os sítios abrigavam mais de uma família. Por essa razão as casas eram feitas umas do lado das outras já em Dourados, as casas não eram construídas nessa disposição. Dessa forma, a relação com os vizinhos era diferente em Dourados, porque as casas eram longe um das outras ele não podia estar o tempo todo em contato com os vizinhos e isso ele estranhou.

Em Dourados, ele morava na área da CAND e lá, as casas eram construídas obedecendo um modelo pré-determinado, estabelecido pelo projeto de colonização. Elas eram construídas e cobertas com madeira, já que era um material abundante na região. Diz o seu João:

Cobria de taubinha rachava a madeira né o cedro e tinha o malfim, e tinha laranjinha né, essas três madeiras nós tirava pra fazer taubinha pra cubri a casa né, isso que a gente fazia. Não existia telha naquela época (1963), bom na cidade existia né, não existia no campo.

Esta abundância de madeira era devido a grande quantidade de mata virgem que existia no local. Portanto, realizavam o corte dessa madeira e traziam para uma serraria da Colônia, onde era preparada para fazer as casas. O Sr. João, em sua fala, deixa transparecer uma das diferenças entre as construções existentes no campo e as da cidade em Dourados, quando se refere à telha. Ele diz, *não existia no campo*. Na vida desses nordestinos no campo, era aproveitado o que estava ao alcance deles. No caso das construções das casas a madeira era o material mais viável, já que tinha a matéria prima acessível naquele momento, em grande quantidade e praticamente sem custos.

Tanto o Sr. José Barbosa⁴⁶ como o Sr. João fazem referência à forma como eram construídas as casas. O Sr. José Barbosa está se referindo à casa que foi morar quando se casou, em 1960:

Era boa a casa, uma casa de tábuas bonitinha, naquela época tinha poucas casas (de alvenaria), naquela época era muita casa de tábuas. Era todas de tábuas nós ia lá cerrava com o traçador e depois rachava com o facão, e mandava fazê, e ali a gente rachava ela e acertava ela, depois pegava e cobria, não tinha telha.

A sua fala revela o modo como essas casas eram construídas, principalmente o fato de serem cobertas com tábuas. Essa era uma prática desconhecida desses sujeitos. Em Dourados, a casa era construída com a ajuda dos vizinhos, pois era difícil fazer este trabalho sozinho e termina dizendo que “*não tinha telha*”, na verdade a telha existia, mas não era acessível às pessoas do campo que tinham poucos recursos para adquiri-la.

Outros entrevistados referem-se ao grande número de serrarias existentes na cidade na década de sessenta. Isso possibilita pensar que, as casas eram predominantemente construídas com madeira. O tijolo e a telha eram materiais de difícil aquisição naquele momento. Somente os grandes fazendeiros poderiam ter uma casa construída com esses materiais. As casas de alvenaria existiam na cidade, mas eram poucas, e mesmo os que tinham condições de adquirir o tijolo, acabavam por optar pela construção de madeira. Essa diversidade de construções, evidencia as diferenças sociais existentes em Dourados naquele época.

Ainda se referindo aos motivos da saída dos nordestinos para Dourados um outro fator que motivou essa mudança foi a presença do agenciador⁴⁷, que é citado nos relatos de Dona Lindalva⁴⁸ que veio contratada para trabalhar em uma fazenda no final da década de cinquenta, ela disse que vinham de ônibus e não de pau-de-arara. Esse agenciamento, no entanto, não estava relacionado a uma propaganda enganosa. Dona Lindalva para responder a pergunta de como os fazendeiros os contratavam e quem os fazia, ela disse:

⁴⁶ José Barbosa da Silva, 68 anos, Estado de origem: Maranhão. Entrevista realizada em 09/05/2002

⁴⁷ O agenciador seria uma pessoa contratada pelos fazendeiros da região para buscar pessoas no nordeste para trabalharem em suas fazendas. A pesquisadora Dalva de Oliveira Maria Silva, apresenta a figura do agenciador como um fator determinante para vinda de um grande número de nordestinos para Ituiutaba-MG, e também para São Paulo nas décadas de quarenta e cinquenta, esse agenciador fazia propagandas enganosas para atrair os trabalhadores, cf. SILVA, Dalva Maria de Oliveira. *Memórias: Lembranças e Esquecimento. Trabalhadores nordestinos no pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60*. São Paulo – PUC, 1997.

⁴⁸ Lindalva Alves de Carvalho, 75 anos, Estado de origem: Bahia. Entrevista realizada em 17/10/2002.

Nós vinha por conta própria mais ele (o fazendeiro) mandava (o dinheiro) né, ele mandou pro Ceará busca dezesseis família na migração...é outras pessoas mesmo de lá que tava por aqui né, ia lá e trazia né.

Dona Lindalva não veio com os cearenses os quais ela descreve. Ela veio da Bahia com o marido. Pela sua fala pode-se perceber que o agenciador não era uma pessoa que impunha e condicionava a saída dos mesmos da região. Diz ela: “*nós vinha por conta própria*”. As pessoas que iam buscá-los no nordeste eram parentes e amigos que já estavam na fazenda em Dourados. A pedido do fazendeiro voltavam no nordeste para trazer outros. O fazendeiro dava para a pessoa que ia buscar outros nordestinos o dinheiro para passagem e despesas com a viagem até Dourados.

Ao chegar esses trabalhadores deveriam derrubar as matas e depois começar a cultivar a terra. Segundo Dona Lindalva, eles recebiam um pedaço de terra para trabalhar e pagavam o fazendeiro com parte da colheita. Ela foi a única entrevistada que se refere à figura de um agenciador, mas, pode-se dizer que existiram agenciadores nessa região na década de cinquenta, como ocorria em outras partes do país, porém não foram encontradas, nas entrevistas e no material bibliográfico consultado, evidências que possibilitassem aprofundar a discussão sobre o assunto.

Pelas entrevistas analisadas, pode-se sugerir que a maior parte dos entrevistados que vieram para Dourados, o fizeram por conta própria, atraídos pela propaganda ou pelo comentário de parentes que lá estavam. As pessoas que saíram do nordeste tiveram a “liberdade” de optar por deixar ou não a região de origem. Essa “liberdade” porém, para pessoas de algumas regiões nordestinas, foi cerceada pela suas necessidade de fugir da seca, da fome e do desemprego. Esses fatores os pressionavam a deixar a cidade de origem e dirigir-se para outros lugares em busca de melhores oportunidades de vida. Ao sair tinham o objetivo de suprir as suas necessidades, expectativas e sonhos como ficou evidente em suas falas.

Após ter apontado para alguns dos motivos que incentivaram a vinda desses sujeitos para Dourados, passo então a analisar de que forma esses sujeitos faziam essa viagem. Será investigado qual era o percurso que faziam, quais os meios de transporte utilizados, em quantos dias faziam a viagem, se essa viagem era feita em grupo ou individualmente, e, qual a razão em optar por um meio de transporte em detrimento de outros.

Em seus relatos os entrevistados contam que a viagem era feita de muitas maneiras e com muito sofrimento. Os meios de transporte usados por eles eram

diversificados tais como: pau-de-arara, trem, navio, ônibus e carona, dependia da década a qual faziam a viagem e o percurso que escolhiam. O trajeto mais comum segundo os entrevistados foi; irem de trem até São Paulo e de lá embarcarem em um ônibus até Dourados. Poucos foram os nordestinos que deixaram o nordeste de pau-de-arara e os que o fizeram foram somente até São Paulo. Em seus relatos sobre os percalços sofridos durante o trajeto deixaram evidente as condições que se encontravam as rodovias naquela época.

Nas décadas de quarenta e cinquenta, para se chegar a Dourados tinha que, obrigatoriamente, passar por São Paulo. Essa cidade foi pensada como horizonte primeiro de muitos nordestinos. No final da década de cinquenta e começo dos anos sessenta, com a construção de Brasília e a abertura e melhoria de algumas rodovias foi possível seguir outros caminhos. Porém, os entrevistados que fizeram a viagem nessas décadas optaram pelo caminho até São Paulo onde o acesso por meio do trem era mais fácil.

Como São Paulo era o local para onde eles se dirigiam, era lá, também, que alguns ficavam sabendo das terras em Dourados. Nas décadas de quarenta, cinquenta, sessenta e setenta São Paulo foi o sonho de muitos dos nordestinos que deixavam a região de origem. Além dessa cidade estar em uma localização estratégica de passagem e ser, na época, o grande centro, lugar onde as pessoas buscavam um mundo de maravilhas, propaganda que era feita nas regiões de onde eles saiam.

De São Paulo a Dourados até a década de sessenta, poderia fazer esse trajeto de trem, o qual ia até Itahum, distrito de Dourados, distante da cidade aproximadamente 74 km, ou de ônibus até Campo Grande (atual capital do Estado). De lá embarcavam em outro ônibus, que na época era chamada de jardineira, indo até Dourados. Restava ainda outra opção, “pegar carona” como fizeram alguns dos entrevistados.

Dona Lindalva⁴⁹ veio da Bahia e fez a viagem de trem. A primeira vez que ela veio foi em 1958, depois retornou ao nordeste e voltou em 1960. Ela foi a única entrevistada que fez esse percurso de retornar à região de origem e depois voltar para Dourados:

Nossa! Naquele tempo a viagem era muito duída né, quando eu vim mais o meu marido era ruim mais a gente não tinha criança só tinha ele não tinha criança, mais quando eu vim da última vez que eu vim com os meninos daí foi mais danado né, que eu demorava muito em todo lugar que a gente chegava a gente

⁴⁹ Lindalva Alves de Carvalho, 75 anos, Estado de origem: Bahia. Entrevista realizada em 17/10/2002.

tinha que fazê baldeação né, a viagem era de trem num tinha carro num tinha ônibus tinha que viajá de trem né, e a gente sofria muito, muito sofrida né agora São Paulo para cá a gente veio de ônibus né mais o ônibus também era aqueles ônibus bem peba (quer dizer ruim) né, as estradas muito ruim mais graças a Deus a gente chego né.

Quando ela diz que não tinha ônibus, não tinha carro e que a viagem tinha que ser de trem, pode-se imaginar quais eram as condições das rodovias na década de cinquenta. Naquela época poucas rodovias eram pavimentadas e elas davam acesso apenas a grandes centros, como São Paulo, já o trem, poderia levá-los para qualquer outro lugar.

Havia também o problema das pontes, elas não existiam em certos lugares para atravessar os rios. As pessoas tinham que fazer esse trajeto de barco ou balsa como pode-se evidenciar em algumas das narrativas e, isto, dificultava a viagem e a tornava ainda mais demorada. No relato do Sr. João⁵⁰, que deixou Alagoas no ano de 1963, ele descreve como fez para atravessar de Alagoas para Sergipe:

Quando eu vim do nordeste a canoa que eu embarquei em casa que me trouxe até ali Própria eu e os colega já ficou ali perto de onde é aquele ponte hoje, tava só o corte feito, a terraplanagem né, nada de ponte tava só a placa vai sair uma ponte, eu até duvidei.

O rio que ele atravessou para passar do Estado de Alagoas para Sergipe foi o São Francisco. Foi esse o lugar descrito por ele que estava previsto construir uma ponte, disse que na época olhou aquela construção mas nem acreditou que iam realmente construir a ponte: *“tava só o corte feito, a terraplanagem né, nada de ponte tava só a placa vai sair uma ponte eu até duvidei”*.

Quando o Sr. João descreve a sua viagem parece ter sido uma aventura, mas para ele, em 1963, foi uma dificuldade. Ele disse que esse foi um dos motivos que o fez ficar na cidade, pois não pensava, em pouco tempo, fazer aquela viagem de volta. Ele veio para Dourados com apenas dezesseis anos de idade e sozinho, o pai o colocou em um trem e o ensinou o caminho. Ele veio para trabalhar com os irmãos em um sítio que o pai havia ganhado em Dourados, na época da CAND:

E nós pegô o trem ali possemo em Aracaju (esta parte da viagem ele fazia com seis amigos) e de lá peguemo o trem foi quinze dias de viagem, foi quinze dias, então em São Paulo quando os colega me deixaro em São Paulo em frente à estação do norte eu falei para eles bom nós saimo pra i pro Mato Grosso e vocês viraram a cabeça pra ficar aqui, como é que nós vamos ficá, como é que

⁵⁰ João Ferreira Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

nóis vamo decidi isso aí? então eu falei: Bom eu saí pra ir pra Mato Grosso, então eu vou pra Mato Grosso.

A sua narrativa traz elementos que possibilitam entender as condições das rodovias naquele momento, a falta de pontes para atravessar os rios, a não pavimentação das rodovias fazia com que o trem se tornasse para eles à opção mais viável, sendo São Paulo a parada obrigatória. No entanto, ao sair da região de origem já tinha como destino a cidade de Dourados, mas os amigos no decorrer da viagem mudaram de idéia e acabaram ficando em São Paulo. Pois, naquela década, havia um incentivo por parte do governo do Estado de São Paulo ao oferecer trabalho para as pessoas que se destinavam àquela região. Em função disso, os amigos que viajavam com o Sr. João tinham parentes no interior de São Paulo e se dirigiram para casa dos mesmos na Alta Sorocabana .

O Sr. João relata que depois que os amigos o deixaram em São Paulo, ele ficou meio perdido e um homem tentou roubar a sua mala, pegou-a de sua mão com a desculpa de ajudá-lo a segurar e disse que embarcaria no mesmo ônibus que o Sr João. Esse homem entrou em um coletivo da cidade e o Sr. João entrou junto por causa da mala. Ele foi parar em um lugar estranho, já estava anoitecendo e o homem continuava a segui-lo, então ele conseguiu falar para uns policiaes o que estava acontecendo e eles o ajudaram, levando-o de volta para a estação e o colocando no trem:

Peguei o trem vim pra estação do norte daí comprei passagem pra Porto Epitácio conversei com os guarda lá eles falô, não você pega pra Porto Epitácio que fica melhor de lá você vai direto para Dourados. Aí cheguei em Presidente Epitácio peguei um balco (barco) atravessei o rio ali. Daí eu peguei ali um caminhão daqueles que sempre viajava com carga de transporte peguei um caminhão de um japonês e vim aqui pra Dourados.

O rio que ele teve que atravessar foi o rio Paraná, na divisa de São Paulo com Mato Grosso do Sul, onde a ponte também ainda estava em construção. Essas construções foram realizadas no começo da década de sessenta, porque já havia ocorrido a construção de Brasília e o governo federal estava construindo novas rodovias em direção não só aos grandes centros, mas também em direção as regiões do interior do país, como o Estado de Mato Grosso do Sul.

Essa foi à solução encontrada pelo Sr. João para chegar a Dourados, de carona. Ao final da sua narrativa, disse que nunca mais quis voltar ao nordeste, em função do sofrimento dessa viagem:

Olha essa viagem eu falei eu não faço essa viagem pro nordeste nem tão já, eu só vou pro norte agora quando eu trabalá, duas coisas ou eu vou de avião que é poucas horas de viagem ou então quem sabe eu compro até uma condução pra ir pro norte porque naquele tempo a condução de ônibus era muito difícil.

Embora os tempos tenham mudado e as condições da viagem também, já faz quarenta anos que o Sr. João está em Dourados e nunca mais voltou ao nordeste. Ele alega que um dos motivos para não retornar à região de origem foi o sofrimento e o medo que passou durante a viagem. Por isso, hoje, ele diz que só vai se for de avião. No entanto, não perdeu o contato com os familiares que lá deixou. Ele disse que já teve dinheiro para fazer esta viagem, mas preferiu empregar de outra maneira. Ele relatou que sempre um irmão ou outro vai buscar os pais para passar uns tempos com eles em Dourados. O trajeto feito pelo Sr. João foi o mais comum entre os entrevistados; embarcar em um trem até São Paulo e de lá viajar em um ônibus ou conseguir uma carona até Dourados.

O Sr. José Barbosa⁵¹ chegou em Dourados em 1959, como ele não tinha dinheiro suficiente para fazer a viagem, optou por fazê-la de carona. Ele veio do Maranhão até Dourados pedindo carona em postos de gasolina. Quando chegou em São Paulo, teve que embarcar em um trem até Presidente Epitácio, cidade que fica na divisa de São Paulo com Mato Grosso do Sul e de lá, conseguiu, no posto da policia rodoviária, mais uma carona até Glória de Dourados, na época distrito de Dourados. O Sr. José Barbosa tinha uma irmã que morava nesse local, veio ao encontro dela. Ele faz o seguinte relato da viagem:

Ah! foi duro viu, eu vim de carona em cima de caminhão, eu sozinho né. Peguei uma carona de São Luis até Pernambuco em Ararintina daí em Ararintina eu fiquei no posto de gasolina daí chegou dois caminhoneiro que vinha pra Bahia, nós veio até conquista na Bahia, daí lá me deixaram num posto de gasolina, daí chegô uns cara que vinha da Paraíba com caminhão de algodão... vim até o Rio de Janeiro... daí de lá eu vim mais eles até a capital de São Paulo, daí eles falô assim Ceará onde que você qué ficá? Eu falei eu quero ficá perto da estação da luz que lá é mais fácil de eu pegá carro pro Mato Grosso...

Ele fez todo esse percurso viajando nas carrocerias dos caminhões, inclusive em cima de uma carga de algodão muito alta. Ele sempre se oferecia para pagar um pouco da passagem, mas os caminhoneiros não cobravam. Em função disso, em alguns lugares, quando chegavam ao destino final ele ajudava a descarregar. Somente de São

⁵¹ José Barbosa da Silva, 68 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 09/05/2002.

Paulo até a divisa com o Mato Grosso do Sul que ele seguiu de trem, fazendo o mesmo percurso do Sr. João:

...daí cheguei lá tinha um trem que vinha pra baixo um pouquinho, tinha um trem a passagem baratinha daí eu vim, pra baixo um pouquinho...Aí quando eu vinha no trem conversando falando com um cara lá que vinha do norte, que tava com pouco dinheiro, ele falou assim não chegando no Porto XV você fala com o homem lá tem um tenente, fala de onde você vem, você fala pra ele dá uma passagem pra você pra Dourados.

Quando chegou em um lugar denominado Porto XV, ele pediu a passagem para o “tal tenente” e esse tenente arrumou-lhe uma carona em um caminhão até Dourados. No final do relato do Sr. José Barbosa dá para perceber o quanto este trajeto era conhecido, pois ao conversar com um outro viajante que estava no trem, ele já lhe indicou o lugar onde poderia conseguir uma passagem até Dourados. O lugar onde o viajante parou foi próximo do lugar onde o Sr. João também havia parado e foi neste lugar que lhe arrumaram uma carona até Dourados. O mesmo aconteceu com o Sr. José Barbosa. Ele conseguiu uma carona em um posto da policia rodoviária. Esses postos da policia rodoviária, pareciam auxiliar os viajantes no sentido de conseguirem uma carona até o lugar de destino. Em função disso, muitos já se dirigiam a estes locais.

Nos relatos dos entrevistados, ao se referirem à viagem, o que marcou as suas experiências neste trajeto foi o sofrimento, principalmente, em função dos meios de transportes que, nas décadas de quarenta, cinquenta e sessenta, eram precários e escassos. Isso tornava a viagem bastante demorada e fazia com que as pessoas adquirissem experiências ao longo do trajeto.

O Sr. Cláudio⁵² fez a viagem ainda criança veio do Ceará com sete anos de idade tendo saído de lá no ano de 1956. Ele foi o único dos entrevistados que teve a experiência de viajar de pau-de-arara até São Paulo, e faz o seguinte relato:

Eu tinha seis prá sete anos e eu me lembro que arrumaram um caminhão pau-de-arara e lá vem várias famílias... Era uma coisa interessante porque era a primeira vez que eu estava viajando em um caminhão ou em um carro. De trem eu já tinha viajado, mais de automóvel não. Eu fiquei surpreso com essa história do caminhão... Viemos em cima desse caminhão com lona e várias família. É uma coisa interessante a preocupação com os outros que tinha o povo do caminhão, o grupo que acho que por mais de duas semanas habitou esse caminhão como uma casa. O caminhão rodava o dia inteiro. Ali por umas nove dez horas da noite... parava em uma pousada perto de um riacho, de algum córrego... O pessoal ia à um banho, armar as redes que é uma característica nordestina, as redes, fazer comida e depois dormir. Então, uma

⁵² Cláudio Freire de Souza, 52 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 17/12/2002.

coisa bem rústica e bem sofrida. Bom, as refeições eram aquelas mais simples possíveis, baseadas em arroz que fazia lá nos panelões, muita farinha e carne, carne de sol.

Nesse relato pode-se perceber a expectativa de uma criança de sete anos que nunca havia andado de caminhão e isso, ao mesmo tempo que o entusiasmava, também o assustava. É significativa a referência à saída das famílias em grupo e à forma da convivência no caminhão durante o trajeto.

No caminho a tripulação ia estabelecendo relações de sociabilidade ao parar para dormir e comer. Nesse momento ressaltava todo o jeito de ser nordestino, como: dormir na rede, comer a carne de sol e a alimentação à base de farinha.

Ao chegar em São Paulo, o Sr. Cláudio remete-se à Casa da Imigração e à forma como se encaminhavam as pessoas para outros destinos:

Chegava em São Paulo esse pessoal ia pra um lugar que se chamava Imigração. Umas casas enormes, uns casarões... Lá as pessoas dispunham de quartos coletivos para homens e para mulheres e refeição. Ali as pessoas tinham também serviço de barbearia, cabeleireiro, tinha tudo... As pessoas ali faziam um plano para onde queriam ir. Funcionários do governo orientavam as famílias: Vocês querem ir para Alta Sorocabana? Tem serviço lá, os fazendeiros estão pegando pessoal para fazer derrubadas... Querem ir pra tal lugar? E apresentava a forma das pessoas irem. Em geral o destino era a Alta Sorocabana. Àquela época existia um inventivo do governo de São Paulo para o povoamento do Pontal do Paranapanema. Presidente Eptácio, tinha muita terra pública ainda nessa região...

A família do Sr. Claudio dirigia-se para Álvares Machado (interior de São Paulo) onde já tinham um tio morando. Ao chegarem lá o pai foi trabalhar como lenhador. Pode-se notar pela sua fala todo o trabalho que era feito pelo governo de São Paulo naquela época, no ano de 1956, para atender as pessoas que lá chegavam. Evidencia-se, ainda a preocupação do Estado em direcionar as pessoas para os locais onde necessitavam de mão-de-obra. Ele resalta que na Casa do Imigrante, onde ficavam por um tempo até se dirigirem ao local destinado, tudo era gratuito e vários serviços eram prestados, tais como: a barbearia, a comida, a roupa e outros benefícios necessários para a permanência daquelas pessoas naquele local.

Enquanto relatava a sua viagem no pau-de-arara, ele se lembrava da expectativa que as pessoas carregavam:

A gente aprendeu bastante vendo o sofrimento e ao mesmo tempo a alegria das pessoas. Você sair do seu espaço, o seu território, o seu habitat, ganhar o mundo como eles falavam, sem destino certo, provoca uma ansiedade muito grande. Por outro lado, provoca também uma alegria; as pessoas falavam; oh,

nós estamos chegando! Chegando onde, eu não sabia, mas, estávamos chegando e isso era o que importava naquele momento. Era chegar.

Esses sujeitos sociais ao narrarem, articulam o presente com o passado, por isso, voltam analisam a trajetória e concluem que aprenderam muito com ela. O Sr. Claudio como ainda era criança, não sabia que expectativa era essa e já se apresentava cansado por estar tantos dias viajando. Para os adultos, que com ele viajavam, vinha a expectativa de estar chegando em um novo lugar, com novas possibilidades de vida, onde um futuro anunciava-se por isso, esperavam ansiosos pela chegada.

Fazer essa viagem em um navio ou pau-de-arara não era confortável, porém, outros meios de transporte como os ônibus naquela época, eram igualmente desconfortáveis e também apresentavam as suas deficiências.

Dona Romana,⁵³ que chegou em Dourados em 1972, não veio de trem e ao falar da sua viagem, disse que o marido veio do Ceará para São Paulo e só depois decidiu seguir para Dourados:

Nós viemo de ônibus é, daí fizemo naqueles tempo tinha baldeação (troca de ônibus) né, não vinha direto, daí paremo em São Paulo daí viemo direto aqui pra Mato Grosso, aí chegemo em São Paulo nós decemo do ônibus lá, fiquemo lá uns dois dias com os três filhos né, o outro mais velho e o novinho bem doente, aí paremo ele ficou desorientado né (o marido) colocou a mão na cabeça, só que eu nem sabia, depois que ele contou, porque eu só dava pra cuidá do meu menino pequeno né, a menina tinha dois anos o outro quatro anos, e outro quatro mês bem doentinho já morrendo, daí quando chegamo lá ele pensou, daí Deus falou com ele que ele viesse aqui pro Mato Grosso, daí quando chegemo aqui graças a Deus se demo bem, a família ficou toda contente toda alegre né.

Como Dona Romana fez a viagem já na década de setenta, as condições das rodovias estavam melhores e então fez o percurso todo de ônibus como os outros entrevistados que chegaram depois desta data. Dessa forma, o trem passou a ser substituído pelo ônibus. Porém, ainda tinham que fazer muita baldeação como diz ela, o que acabava tornando a viagem demorada e para Dona Romana que veio com criança doente a viagem foi ainda mais sofrida.

Dourados apresentava-se para ela como o lugar mostrado por Deus ao marido, como uma solução para os problemas, já que ela disse que ao chegar em São Paulo, o marido não sabia ao certo para onde se dirigir. Embora dona Romana tenha dito que foi Deus o responsável pela decisão do marido de vir para o Mato Grosso, acredito que o

⁵³ Romana Pereira Freire, 60 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 08/08/2002.

fato de já ter um tio na cidade ajudou-lhe a tomar a decisão, como ela própria já havia falado em outro momento da entrevista.

Dona Romana foi uma das entrevistadas que chegou em Dourados e foi trabalhar no sítio de parentes, onde permaneceu por um tempo até conseguir o seu próprio sítio. Dentre as entrevistas analisadas, percebe-se que poucos vinham com relações de trabalho já estabelecidas. Apenas Dona Lindalva, anteriormente citada, já veio contratada pelo fazendeiro, os outros vinham sem ter um emprego certo e acabavam conseguindo trabalho com parentes e amigos que já moravam no local. Dessa forma, eles já vinham para sítios que estavam em período de plantio, não tinham que executar o serviço de derrubada das matas, como aconteceu com as pessoas que se dirigiam para propriedades que ainda não estavam preparadas para o plantio.

As relações de trabalho assalariado nas décadas de quarenta e cinquenta, de acordo com as falas dos entrevistados, eram raras. O sistema de serviço existente era o de arrendamento com o pagamento feito em produtos, ou seja, recebiam a terra para trabalhar e pagavam com parte da colheita. Além disso, tinham que trabalhar também nas terras do dono da fazenda.

Houve nordestinos que não chegaram a estabelecer estes vínculos empregatícios, pois vieram para tornarem-se pequenos proprietários, principalmente, as pessoas que vieram na década de quarenta e começo de cinquenta, porque elas dirigiram-se a CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados) e adquiriam um lote de 30 hectares. Dessa forma, elas começavam “a vida” plantando café, algodão e outros produtos para subsistência. O serviço de derrubada de matas era feito pelos trabalhadores que vinham encomendados para trabalhar nas fazendas e pelas pessoas que recebiam os lotes da CAND, eles tinham que derrubar as matas para começar a plantar.

Outros entrevistados, como o pai de Dona Anizia, já referenciado neste trabalho, chegavam e compravam terras com dinheiro que tinham acumulado na região de origem ou com o dinheiro da venda de terras em outros locais. Alguns que chegaram à região depois da década de setenta, dirigiram-se direto para a cidade e exerciam trabalhos específicos da região urbana.

As pessoas que vinham para trabalhar em sítio de parentes e amigos, já desenvolviam no nordeste este tipo de trabalho com o campo. Dos entrevistados, somente o marido de Dona Romana não tinha ainda contato com a terra, mas ela disse que assim que chegou em Dourados rápido aprendeu a catar algodão. Lá no Ceará o

trabalho no campo não era viável devido à seca, no entanto, ao chegarem em Dourados, foram desde o primeiro dia catar algodão e o marido logo aprendeu:

Aqui ele chegou na casa do tio dele tava na safra do algodão daí ele foi cata algodão, quando foi nesse dia ele tirou mais que o primo dele, que era por quilo né, chamava arroba, um tirava dois ele tirava três ele tirava quatro ele era trabalhador mesmo.

Embora as relações com o serviço fossem diferentes, isso não causou estranhamento ao esposo, segundo Dona Romana; *ele era trabalhador mesmo*. Ela reafirma com isso, que ele só não trabalhava porque não aparecia serviço lá no Ceará, mas quando tinha era dedicado e se adaptava a qualquer trabalho. Em pouco tempo, já estava integrado junto aos demais primos e tinha aprendido a executar a tarefa de catar algodão. Percebe-se em seu relato que ela dá grande importância ao trabalho, isso pode estar relacionado ao fato do marido passar por longos períodos de desemprego no Ceará. Portanto, para ela, se tiver trabalho tudo fica bem.

Os entrevistados que vinham e permaneciam no sítio de parentes, tinham a primeira experiência de trabalho nesses locais. Depois, saíam e conseguiam outros empregos, mas a família era o lugar acolhedor como colocado pelo Sr. José Barbosa⁵⁴ que, como citado anteriormente, chegou no ano de 1959 e se dirigiu para o sítio da irmã:

... daí eu fui trabalhá no sítio, trabalhei uns dia pro meu cunhado mais meu cunhado não podia pagá né, daí apareceu lá um fazendeiro, e falou assim você casa que eu te dou um pedaço de roça pra você tocá, solteiro eu não dou não, daí eu falei mais casá que jeito rapaz, eu não tenho nada.. eu entrei lá, eu levantava, dava cinqüenta metros de casa no cafezal, eu chegava lá escorava na enxada ficava esperando o dia clareá, ai depois a mulher fazia um café pra mim e levava lá na roça, seis meses, eles ia lá, aquilo tava limpo de ponta a ponta e era só eu.

O Sr. José Barbosa já tinha experiência em trabalhar com a terra no Maranhão, além disso, também havia desenvolvido lá outras atividades como caminhoneiro. Porém, quando deixou o Maranhão e veio ao encontro da irmã, quis trabalhar com o que sabia fazer, que era lidar com a terra, como eles dizem. Dessa forma, procurou logo por um serviço desse tipo. Ele começou a ajudar o cunhado no sítio, mas como a família da irmã produzia apenas para o sustento familiar, não era possível pagar-lhe pelo serviço prestado.

⁵⁴ José Barbosa da Silva, 68 anos, Estado de origem: Maranhão. Entrevista realizada em 09/05/2002.

A proposta que o fazendeiro fez para o Sr. José Barbosa parecia ser, para ele, uma ótima oportunidade. No entanto, ele disse ter estranhado o fato do fazendeiro ter pedido para que ele se casasse. Então mesmo sem ter muitas condições convidou a sua namorada para fugir e casar com ele. Ele disse que no dia seguinte, já estavam na fazenda para trabalhar e ganharam a casa para morar como prometido pelo fazendeiro. Pelos relatos do Sr. José Barbosa não foi possível maiores informações para justificar o porquê da exigência do fazendeiro de que a pessoa para receber a casa deveria ser casada. A hipótese provável é que o trabalho em família poderia ser mais produtivo do que o trabalho solitário. Isto porque os casados tinham maior responsabilidade com a terra e, em alguns casos, o número de filhos poderia ajudar aumentar a mão-de-obra.

O trabalho que o casal deveria desenvolver consistia em cuidar dos cafezais que estavam plantados nessas terras e como pagamento para realizar esse serviço eles recebiam uma parte das terras da fazenda para produzir por conta própria. O Sr. José Barbosa fala orgulhoso de como conseguiu limpar todo o café sozinho. Ele casou e foi trabalhar com a mulher na fazenda. Disse que, antes, moravam lá um homem com a mulher e dois filhos e não conseguiam limpar o terreno, mas ele sozinho conseguiu. Em sua fala refere-se a um dos produtos plantados na região, na época, que era o café.

Nas décadas de cinquenta e sessenta, alguns nordestinos que foram para Dourados plantavam também o algodão que era uma das culturas predominantes naquele momento. Além disso, cultivavam o feijão e outros cereais em meio ao café e o algodão que eram os produtos principais.

Eram considerados pequenos produtores aqueles que possuíam um pequeno lote de terra e trabalhavam junto com os seus familiares. Esses agricultores em alguns casos contratavam os vizinhos para ajudar na época da colheita. Nesse período, era necessário um maior número de mão-de-obra. E nessa relação de trabalho familiar o papel da mulher junto ao marido era fundamental, como lembra Dona Romana⁵⁵:

...ele chegava da serraria a lua clara e a menina ficava cuidando do novinho, eu ajeitava a mamadeira, dava banho, quando ele chegava a lua clara né ele ia cavando e eu plantando feijão, ele cavando e eu plantando.

Quando Dona Romana disse que ele chegava e a lua ainda estava clara, ela se refere às noites de lua cheia, porque nesse período as noites ficam claras como se fossem dia, então eles poderiam trabalhar a terra no começo da noite. O esposo

⁵⁵ Romana Pereira Freire, 60 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 08/08/2002.

trabalhava em uma serraria perto do sítio onde moravam. Ele tinha um vínculo empregatício assalariado neste estabelecimento e, além disso, continuava a manter a plantação no sítio. Isso deixa evidente a sua forte relação com o campo.

A narrativa de Dona Romana traz elementos que evidenciam a cooperação de todos da família na realização dos serviços, começava pela ajuda das crianças que cuidavam dos mais novos, até a sua participação junto com o marido na plantação da lavoura. Ela também disse que cuidava das galinhas no terreiro que eram vendidas para garantir uma renda maior para família.

Era dessa forma que se estabeleciam as relações de trabalho no campo. Predominava tanto entre os pequenos produtores como entre os arrendatários a relação de uma economia doméstica em que, o pai, a esposa e os filhos trabalhavam juntos para suprir as necessidades da família.

A esposa do Sr. João⁵⁶ quando estava no campo, também o acompanhava na roça, conforme lembrado por ele ao falar de como era o trabalho na roça:

A mulher se vira no terreiro da casa pra criá cuidá e quando amanhecia o dia ponhava um chapeuzinho na cabeça corria pra roça ia trabalhá a muié ia cuidá de porco cuidá das galinhas de fazê o almocinho né, daí quando chegava o tempo da colheita que ia colhe daí tinha que levantá quatro horas da manhã passava o café.

O Sr. João enfatiza a importância da mulher estar ao seu lado ajudando para que ele pudesse conseguir realizar o trabalho. Na época da colheita, a mulher não precisava ir ao campo, porém, deveria levantar mais cedo do que era considerado normal fora da colheita, para preparar o café para as pessoas que iriam dirigir-se ao trabalho. Uma vez que ela também tinha as suas obrigações; cuidar dos porcos e das galinhas, ou seja, “do terreiro”, como diziam eles.

A fala do Sr. João faz uma descrição de como as pessoas viviam no campo, naquela época. O período da colheita era o período que eles tinham mais trabalho, muitas vezes precisavam recorrer à ajuda dos vizinhos e, as mulheres também tinham, neste período da colheita, as suas funções aumentadas, porque além de “cuidar do terreiro” muitas ajudavam na colheita. Em função disso, levantavam mais cedo já que os homens dirigiam-se mais cedo para roça.

⁵⁶ João Ferreira Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

Dona Maria das Graças⁵⁷ chegou em Dourados, no final da década de quarenta, ainda muito criança, com apenas oito anos de idade, mas ela guarda em suas lembranças, como foram os primeiros anos no campo na pequena propriedade onde morava com o pai e as irmãs. Ela descreve como viviam no campo no começo da década de cinquenta:

Plantava feijão e milho, era o que tinha né, ninguém vendia nada pra ninguém plantava só os poquinho ía abrindo o sítio e plantando aquelas coisas... É porque não tinha negócio de vendê pra fulano, cada um plantava o que dava pra sobrevivê né, meu pai logo abriu plantô uns pé de café, começô cria porco e assim que nós vivia, teve uma vez que perdeu tanto feijão no mundo que vinha vendê aqui pra Dourados ninguém queria.

Nos relatos de Dona Maria das Graças é possível perceber como era a vida no campo e fica evidente que a economia era basicamente para subsistência. Pode-se observar isso no seguinte dizer; ‘*meu pai planto uns pé de café começô criá porco e assim nós vivia*’. As terras eram realmente férteis, isso fica comprovado em razão do sucesso da colheita, no entanto, a produção não tinha mercado, o que as pessoas faziam para sobreviver era plantar outros produtos além do café e criar alguns animais para o consumo. O café foi considerado na década de cinquenta, como um produto fácil de se cultivar na região em função do solo fértil e o clima propício, porque havia pouca incidência de geadas.

Dona Maria das Graças casou-se em Dourados ainda muito jovem e disse que lembra que o pai e o marido muitas vezes jogavam feijão fora, por que não tinham para quem vender. As pessoas cultivavam a terra e produziam alimentos, mas não havia como escoar essa produção para os grandes centros:

...daí logo quando eu me casei, o José mesmo interrô cinqüenta saco de feijão, derramava feijão assim na estrada... É daí vinha vendê feijão aqui em Dourados ninguém queria nem de graça, também era só uma rua uma vila né, aí eles pegaro e ponharo os feijão dentro de um caminhão rasgava a boca do saco assim e derramava aquele feijão, daí a gente ia pra escola apodrecia assim dava até friera ne nós de tanto feijão.

A cidade de Dourados na década de cinquenta, como disse ela, era só uma vila, só tinha uma rua, como poderia achar para quem vender em um lugar tão pequeno, onde os vizinhos também plantavam e também geravam excedentes na produção? Na década de cinquenta a população total de Dourados somava 22.834 estando a maior parte

⁵⁷ Maria das Graças Oliveira, 66 anos, Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 21/10/2002.

concentrada na zona rural com 18.104 habitantes o viver urbano era ainda insignificante com apenas 4.730 habitantes morando na cidade.

Esse aumento da produção referenciado na fala dos entrevistados é abordado em artigo escrito por Alcir Lenharo,⁵⁸ o autor escreve sobre a distribuição e ocupação da terra no centro-oeste e atribui o grande aumento da produção ocorrido em Dourados a implantação da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados) que atraiu para região muitas pessoas fazendo com que houvesse também um crescimento demográfico:

Dourados converteu-se no maior centro produtor da região. No meio da década, quando a estrada de rodagem chegou a Dourados, deu-se uma grande elevação na produção de certas safras, como o café 461%, o feijão 163%. Durante a década a população de Dourados cresceu em torno de 611%, puxando o sul para uma concentração de população desnivelada em relação ao norte.

O artigo de Alcir Lenharo aponta para algumas das mudanças ocorridas em Dourados na década de cinquenta, porém mesmo com esse aumento de produção e de população pequenos produtores como o pai de Dona Maria das Graças não tinham para quem vender, ou melhor como vender, a sua produção. Porém, as pessoas que tinham caminhões e condições financeiras para escoar a produção conseguiam vendê-la para comerciantes locais ou companhias que se instalavam na cidade e agenciavam a produção levando-a para os grandes centros.

Dona Maria Gomes⁵⁹ evidencia em sua fala como faziam para adquirir outros produtos na década de cinquenta já que não tinham como vender o feijão plantado:

...a gente trabalhava a gente não pegava em dinheiro, quando nós fomos pro nosso sítio né, a gente fazia erva mate né, ele levantava madrugada pra ir sapecá a erva e pra por pra secar era a renda que tinha mais fácil né, porque feijão e arroz naquele tempo e milho a gente plantava e colhia mais não tinha valor, no ano que nós chegamos aqui jogaram um monte de feijão no mato porque apodreceu, não tinha preço, não tinha preço nenhum mesmo, ninguém queria...Não tinha pra quem a gente (vender) colhia bastante dava a terra fértil dava, mais não tinha preço e ninguém ia viver só com feijão e milho e essas coisas, tinha que comprar outras coisa precisava do óleo do sabão de tanta coisa que a gente precisa aí a gente fomos pra lá foi melhorando um pouco a gente trocava a troco de sabão de açúcar querosene né dinheiro não via.

Dona Maria Gomes, ao narrar a história de sua vida no campo, enfatiza problemas da terra do comércio e da cidade. Ela chegou em Dourados em 1953 e o

⁵⁸ LENHARO, Alcir. A terra para quem nela não trabalha: a especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: v. 6 n. 12, mar./ago. 1986. p. 53

⁵⁹ Maria Gomes dos Santos, 68 anos, Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 17/10/2002.

feijão que ela viu jogar fora, provavelmente, seja o mesmo que Dona Maria das Graças referiu-se, já a erva-mate, era uma planta nativa da região e que ainda tinha comércio, pois a companhia Mate Laranjeira a exportava para a Argentina. No entanto, o seu cultivo exigia muita mão-de-obra disponível e uma grande extensão de terra para produzir, por isso era difícil para pequenos proprietários trabalhar com o cultivo dessa erva.

Fica evidente na fala de Dona Maria Gomes a pouca circulação de moeda, quando disse: *“trocava a troco de sabão, de açúcar, querosene né, dinheiro não via”*. O marido que trabalhava com a erva-mate ainda tinha possibilidade de ter alguma renda. No entanto, a sua vida não era diferente da dos outros pequenos proprietários que plantavam o feijão e milho mas não tinham para quem vender. O feijão, depois do café, foi o produto escolhido para o plantio por esses trabalhadores.

Quando ela disse *“a gente fomos pra lá”*, estava referindo-se ao momento em que eles deixaram o sítio do sogro e foram trabalhar no próprio sítio, que o sogro comprou e deu para o filho. Em sua narrativa, ela disse que sempre sonhou em ter o seu próprio sítio e chamava o marido para realizarem esse sonho. A terra, para ela, era muito importante principalmente devido às dificuldades que ela tinha passado em Pernambuco. Disse ela: *e eu sempre fui mais persistente porque eu pensava aqui nós temos o sítio, em São Paulo nós não temos nada*, ela se refere a São Paulo, pois o marido, por várias vezes, pensou em vender o sítio e voltar para São Paulo, onde ele residia anteriormente.

A trajetória de Dona Maria Gomes assemelha-se a trajetória de outros que também viviam no campo e eram proprietários, plantavam para subsistência e efetuavam algumas trocas, pois não tinham como escoar a produção.

Em trabalho referente à expansão da agroindústria em Dourados, realizado pelo geógrafo Mário Cezar Tompes da Silva,⁶⁰ o autor se refere a relação dos colonos com o mercado:

Nem todos os colonos cultivavam culturas comerciais, sobretudo na CAND havia um certo número que praticava uma economia de auto-abastecimento muito acentuada, mantendo escassas relações com o mercado. Procuravam este último apenas para se abastecerem de alguns poucos produtos essenciais e que eram impossíveis de serem produzidos no próprio estabelecimento rural (como o sal, o querosene e o açúcar).

⁶⁰ SILVA, Mário Cezar Tompes da. Expansão do Complexo Agroindustrial e o processo de Mudança no Espaço de Dourados. São Paulo: USP, 1992 (Dissertação de Mestrado). P. 58

O autor enfatiza em seu trabalho que realmente houve um grande aumento da produção nestas décadas. Porém, esses pequenos produtores, como possuíam pequenas quantidades de terras, não produziam o suficiente para manter relações comerciais com o mercado. No entanto, o montante da produção de todos os colonos era significativo.

O Sr. João⁶¹, que chegou em Dourados na década de sessenta, também se refere à produção do seu sítio:

...produzia bem, plantava algodão, plantava amendoim né, plantava milho, criava muitos porcos, porco né, só nunca fui chegado à criação de gado porque a área era pequena não tinha como oferecê na parte de criá gado, mais na parte de lavoura dava muito bem, produzia bem, a gente vivia muito bem.

O Sr. João chegou na década de sessenta, pode-se perceber algumas diferenças em relação à década de cinquenta, por exemplo, em relação ao plantio observa-se a introdução de outros produtos como o algodão e o milho que, na década anterior, eram cultivados em menor proporção. A preferência era dada ao feijão como fica evidente nas falas anteriores. Sr. João, como os outros, enfatiza que a terra era boa e se colhia bastante, produzia de forma diversificada e criava animais para o consumo. O viver bem para o Sr. João está relacionado às condições da produção e à quantidade do que produzia naquele momento, em função disso, ficou satisfeito com o campo logo que chegou.

O algodão era levado em caminhões para Itahum⁶² (distrito de Dourados) e de lá a safra era escoada por ferrovia. Na praça de Dourados, havia agentes de grandes firmas compradoras como a Anderson Clayton e outras. No entanto, para se chegar com a produção até Itahum era necessário ter caminhão, um veículo que apenas grandes proprietários como a companhia Mate Laranjeira possuíam. Isso foi discutido no trabalho de Mário Cezar Tompes da Silva⁶³ no momento em que discute o aumento da produção nas décadas de cinquenta e sessenta. Ele aponta para o domínio que alguns comerciantes passaram a exercer sobre os colonos, pois esses comerciantes acabavam por financiar a safra dos colonos que por sua vez, pagavam em produto e quando não tinham uma boa colheita muitos acabaram perdendo as suas terras:

⁶¹ João Ferreira Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

⁶² Itahum fica distante de Dourados 74 km e possuía na década de cinquenta um ramal da estrada de ferros Noroeste do Brasil, sendo esta usada para escoar a produção da região até São Paulo e de lá para o porto de Santos.

⁶³ SILVA, Mário Cezar Tompes da. Expansão do Complexo Agroindustrial e o processo de Mudança no Espaço de Dourados. São Paulo: USP, 1992 (Dissertação de Mestrado). P. 61

Esta rede de comerciantes detinha frotas próprias de caminhão que garantiam, não apenas o controle sobre o recolhimento e o escoamento da produção para o mercado paulista, mas representavam um fator a mais de subordinação dos colonos que não dispunham destes meios de transporte.

O comércio em Dourados era praticamente mantido pela Companhia Mate Laranjeira, que comprava toda a safra de milho e produtos da terra, e mesmo após a implantação da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados), essa companhia perdeu parte do seu monopólio sobre as terras, mesmo assim continuou controlando o comércio local.

Na década de cinquenta, as condições das rodovias também eram precárias para escoação dos produtos plantados e a Companhia Mate Laranjeira dispunha de uma frota de caminhões e conseguia acesso às linhas de trem por Itahum.

O Jornal *O Progresso*⁶⁴ em seu primeiro número, como sempre preocupou-se em divulgar os benefícios da cidade, refere-se a grande safra que os trabalhadores conseguiram. O Jornal também divulgou como se processava a compra e o escoamento desta produção, da forma que foi divulgado parecia que era um processo natural e que todos os colonos podiam fazer:

Dourados dia a dia transforma-se num dos maiores centros Agrícolas do Brasil. Possuindo duas colônias em franca produção, assinala periodicamente a entrada de centenas e centenas de colonos, vindos de outras terras que aqui buscam, pelo trabalho da lavoura enriquecimento justo e honesto. A produção de algodão cuja plantação, no município, foi iniciada praticamente no ano passado, está calculada para a presente safra em 150.000 arrobas o que proporcionará a entrada de vários milhões de cruzeiros no município, em pagamento do produto, e também para custear o frete dos caminhões que o levam para Itahum, estando calculados, serem necessárias cinco mil viagens só para o escoamento da safra de algodão, havendo já na praça diversos agentes de grandes firmas compradoras como a Anderson Clayton e outras.

No artigo divulgado pelo Jornal, evidencia-se apenas o sucesso do cultivo das terras, a grande produção dos produtos plantados e a renda que esta produção daria para cidade. As dificuldades enfrentadas pelos pequenos produtores para o escoamento dessa produção não eram citadas. O Jornal enfatiza ainda a grande produção do algodão existente naquele momento e, depois, enfatiza o investimento em outros produtos que também começavam a despontar, como o café:

⁶⁴ Jornal O Progresso. “Calculada em 150.000 arrobas a safra de algodão”. Dourados, 21 de abril de 1951 Ano I nº 1.

Por outro lado, planta-se café em toda parte, existindo no município cafezais em plena produção com apenas três anos! O rei do café, Comendador Geremia Lunardelli prepara em Caarapó (na época distrito de Dourados) a plantação inicial de 200 mil pés, para esse ano, outros plantam em escalas menores em todos os quadrantes do município. Dentro em pouco, Dourados será um município de grande produção cafeeira. As cifras atingem proporções ainda maiores em se tratando da produção de cereais como arroz, milho, feijão, etc. Que são plantados em larga escala, mesmo pelos formadores de café e cultores do algodão.

O Jornal traz nessa matéria, o nome de um dos grandes produtores de café na época, qualificando-o de “rei do café” isso evidencia a função desse jornal de retratar apenas a produção de grandes proprietários e não de colonos. A matéria divulga ainda a produção de outros cereais que foram plantados em menor proporção em meio ao café e o algodão.

Todos esses produtos foram cultivados pelos entrevistados que eram pequenos proprietários como o Sr. João, o pai de Dona Maria das Graças e o marido de Dona Maria Gomes. No entanto, o que eles produziam não era absorvido pelo mercado. E suas falas sugerem uma produção diversificada para o abastecimento familiar e a realização de troca de alguns produtos excedentes, por outros bens necessários à sobrevivência no campo. Isso possibilita inferir que a história da vida desses sujeitos no campo não era a divulgada pelo jornal.

O trabalho de Mário Cezar Tompes da Silva⁶⁵, permite entender como a “figura” do comerciante tornou-se dominante entre esses pequenos produtores:

Esse era um mundo que tinha na figura do comerciante seu centro dinamizador. Este agente era o responsável não apenas pelo fornecimento dos bens de consumo imediatos, mas também dos instrumentos de produção, detendo o controle do escoamento da produção e de parcela importante do crédito, além de ser o organizador dos esquemas de comercialização e seu principal beneficiário.

Embora existisse entre esses trabalhadores a “figura” dominante do comerciante, ao chegarem em Dourados, esses trabalhadores criavam as próprias estratégias de sobrevivência e, por algum tempo, conseguiam driblar essa lógica do mercado. Um dos fatores que os ajudaram a viver no campo, neste período, foi a cumplicidade que existia entre os vizinhos de sítio, em função da ajuda mútua que eles prestavam uns aos outros.

⁶⁵ SILVA, Mário Cezar Tompes da. Expansão do Complexo Agroindustrial e o processo de Mudança no Espaço de Dourados. São Paulo: USP, 1992 (Dissertação de Mestrado). P. 59

Ao narrarem as suas experiências de vida no campo, esses sujeitos sociais trazem na memória os fortes laços de parentesco e amizade que os uniam logo que chegavam. Estas relações de sociabilidade criadas entre esses trabalhadores que moravam no sítio, sempre os ajudaram a melhorar a vida e a se manterem lá. As expectativas de sobreviver na terra era compartilhada pelos vizinhos de sítio desde a chegada em Dourados. Ao se referir aos laços de parentesco e sociabilidade criado logo ao chegar em Dourados o Sr. João⁶⁶ relata o seguinte:

Naquele tempo você chegava do norte (o entrevistado fala norte mas está aqui se referindo à região nordeste que muitos dos entrevistados chamam de norte) aqui o teu amigo, o teu conhecido, o teu parente dava pra você um ranchinho lá de sapé um barraquinho pra você morá né, e ali pessoa tava sem nada só com a família, daí um chegava, um com um saco de feijão, outro com uma leitoinha outro com um frango né, e outro vai pegá milho lá no meu galpão, e aquilo você ia conviver com aquele povo né, você ia crescer com aquele povo né.

Quando o Sr. João diz “*naquele tempo*”, ele está se referindo ao ano de 1963. Percebe-se em sua fala a importância dada às relações de vizinhança, pois quando ele chegou em Dourados foi morar no sítio, juntamente com os seus irmãos, mas ele percebeu que mesmo se não tivesse parentes, todos se mobilizavam para ajudar aquele que estava chegando, como salienta: “*o teu amigo, o teu conhecido, o teu parente dava para você um ranchinho lá de sapé*”. Essa boa acolhida foi um dos motivos que fizeram com que ele se sentisse bem no novo local onde estava começando uma nova vida.

Esse hábito de receber os vizinhos de sítio, os acolhendo em suas casas até que eles conseguissem sobreviver sozinhos, é enfatizado nos relatos de todos os entrevistados, esse é um hábito dos que chegavam do nordeste e traziam com eles a hospitalidade própria dos nordestinos.

Ao terminar o seu relato o Sr. João deixa transparecer toda a sua expectativa em relação à cidade, na seguinte fala; “*e aquilo você ia conviver com aquele povo né, você ia crescer com aquele povo né*”. O crescimento ao qual ele se refere aqui, significa que eles iriam continuar a vida juntos, ajudando-se mutuamente. Esse crescimento não está associado somente a um crescer com base em bens materiais, mas sim, nas amizades com os vizinhos. Neste sentido, uniam-se em torno de expectativas comuns, que eram compartilhadas com os vizinhos que buscavam sempre ajudar uns aos outros nas necessidades cotidianas.

⁶⁶ João Ferreira Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada no dia 16/10/2002.

Ele ainda se lembra que quando cada um dos irmãos passaram a ter os próprios sítios, todos iam ajudar a derrubar a mata, quando acabava a derrubada da mata de um, começavam o do outro, até que todos estivessem com o sítio pronto para o plantio. Isso torna evidente que essas relações de sociabilidade acontecia também no mundo do trabalho. Em alguns momentos, na época da colheita, chamavam os vizinhos para ajudar, pois era necessário um maior número de mão-de-obra.

O “ser nordestino” em Dourados é constituído por eles nestes momentos quando se unem para compartilharem as mesmas dificuldades e criarem estratégias para viver no campo, procurando uma maneira de ajudar uns aos outros. Dessa forma, quando um chega, o outro o acolhe na casa até que consiga onde morar, outros, ainda são acolhidos em fazendas e sítios de familiares onde passam a trabalhar e assim criam e desenvolvem laços de sociabilidade e amizade entre eles.

Dona Romana,⁶⁷ que chegou na região de Dourados em 1972, teve experiências diferentes em relação aos entrevistados anteriores, pois mantinham dois tipos de relações de trabalho, no campo e na cidade:

Daí eu sei que moremo aqui fiquemo uns dois anos no sítio do tio dele né, depois ele pegou a profissão de trabalhá de serraria e tava bem a vida, iche Maria! O que ele ganhava nós nem gastava, tinha o sítio do tio dele, pegô um pedaço de terra do sítio plantou né,. Daí a nossa vida melhorou foi tão feliz pra mim aquela vida que você nem imagina, aí com aquele dinheiro que ele recebia da serraria nós nem gastava que não faltava nada, feijão nós tinha que nós colhia, daí nós morava lá nós tinha galinha no terreiro nós vendia né, ele pegava o dinheiro da serraria nós nem gastava, não foi nem um ano daí ele pegou e construiu uma casinha na cidade, o pessoal dero as telha né, e ele comprou o terreno daí melhorou.

O marido de Dona Romana, como outros, veio e ficou um tempo no sítio do tio, onde eles moravam e trabalhavam plantando e colhendo algodão. Depois, foi para serraria, então ela disse que a vida continuou melhorando muito. Esta serraria que o marido trabalhava era no distrito de Indapolis próximo à cidade de Dourados. No entanto, como o sítio do tio era perto da cidade continuaram a morar no sítio e tinham um pedaço de terra para plantar. Em função disso, eles mantinham as relações de trabalho com o campo e com a cidade. O marido possuía vínculos empregatícios e salário, o que facilitou a compra de uma casa na cidade.

Dona Romana narra maravilhada este período, pelo fato do marido não precisar gastar o dinheiro que ganhava na serraria, pois tinham tudo em casa e isso, para ela, era

⁶⁷ Romana Pereira Freire, 60 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 08/08/2002.

fantástico. Ela sempre enfatiza que havia muita fartura e podia ter leite, verdura, animais e frutas para se servir, isso significava, para ela, não passar “por necessidades” como a falta de alimentos, como acontecia no Ceará. Embora o marido tivesse um emprego na vila, era o campo que lhe garantia o sustento e lhe possibilitava acumular bens com o salário ganho na serraria. Observa-se a mudança no material usado para construção da casa, que foi coberta de telha, mas como ainda era um material caro, ele ganhou, evidencia-se aí a relação de sociabilidade novamente presente.

Pelos significados que esses trabalhadores dão à vida no campo, eles não se consideram vítimas, nem desbravadores e menos ainda fracassados. A todo o momento estão querendo evidenciar, por meio de suas narrativas, que chegaram, trabalharam e construíram suas vidas em outro local, diferente do lugar de origem. Eles passam a imagem de que são trabalhadores realizados e felizes com as pequenas conquistas cotidianas presentes no dia a dia.

Nesse sentido, a vida de abundância e fartura no campo parece ter existido para todos os entrevistados, mas chegou um momento em que eles não podiam mais viver só do que plantavam, realizavam trocas no mercado local e usavam a mão-de-obra familiar. Movidos pelas expectativas pessoais de melhoras e pelas mudanças ocorridas no campo, a partir da década de setenta, esses sujeitos começaram a abandonar o campo dirigindo-se à cidade.

Os sujeitos sociais os quais entrevistei, que moravam no campo, o deixaram e foram para cidade de Dourados. Muitos disseram que fizeram esta mudança para que os filhos tivessem oportunidade de estudar, porém outros motivos contribuíram para que eles tomassem a decisão de mudar para a cidade, dentre os motivos, pode-se destacar a mecanização da agricultura e o início da produção de soja, trigo e milho em grande escala. Isso aconteceu em função da chegada de fazendeiros que adquiriam uma maior quantidade de terra, que na década de setenta com a chegada desses investidores, passa a ter um valor maior.

O Sr. João⁶⁸ em suas narrativas, deixa transparecer uma tristeza em relação à situação que estava o campo, quando fala das dificuldades em se produzir na terra:

O que vai em riba da propriedade tá muito caro, é problema de máquina, é adubo, é calcário, é semente muito cara, colheita é tudo feito por máquina né, então não tem, não tá sobrando nada pro trabaiaidô...você tem que desembolsá dinheiro do bolso pra cobrir despesa da lavoura... e eu falei bom eu como já

⁶⁸ João Ferreira Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

sou analfabeto o meu pai não me deu estudo as minhas forças tá se acabando recurso eu tô vendo que não vou conseguir aqui no campo eu vou dá estudo pra minha família e foi o que eu fiz.

Explica em seu relato as mudanças que estavam ocorrendo no campo naquele momento. Essas mudanças dizem respeito à falta de recursos das pessoas para se manterem no campo devido aos altos custos. Ele não poderia mais manter a sua propriedade sem as máquinas e os adubos, pois a concorrência com os fazendeiros que chegavam na década de setenta era difícil. As suas práticas de lidar com a terra e fazer tudo manualmente e com a mão-de-obra praticamente familiar, sem necessidade de empregados, não poderiam mais ser sustentadas, portanto, a opção que lhe pareceu viável foi a de mudar para cidade.

*DOIS***REFAZENDO CAMINHOS: LUGARES E TERRITÓRIOS NA CIDADE
NAS MEMÓRIAS DE NORDESTINOS.**

*Eu vim pra cidade porque o campo não deu mais pra vivê tava muito difícil, e aqui eu estudei os meus filho né e tão trabalhando né.
João Ferreira Santos⁶⁹*

Com a chegada dos fazendeiros que compraram grandes quantidades de terras e plantaram uma grande quantidade de soja e trigo, os pequenos proprietários sentiram-se pressionados e muitos venderam os seus lotes e foram para cidade em busca de melhores oportunidades. Isso ocorreu porque perceberam que no campo não seria mais possível a sobrevivência. A fala do Sr. João, citada na epígrafe, enfatiza que a oportunidade de ir para cidade e poder propiciar estudo aos filhos, era para ele uma possibilidade de melhora. Para ele o campo não oferecia mais condições para sua sobrevivência devido às mudanças ocorridas ao longo dos anos.

Percebe-se que o trabalhador do campo só teria condições de manter-se como pequeno produtor independente, se tivesse condições de obter na produção e na venda do excedente o mínimo necessário para a sobrevivência familiar, o que parecia não estar mais acontecendo.

Nesse segundo capítulo, analiso o relato desses sujeitos sociais em relação à mudança para cidade, quais os significados atribuídos por eles, em função de morar em um lugar onde puderam trabalhar, propiciar a oportunidade para os filhos estudarem e, além disso, investigo quais as expectativas dos mesmos em relação à cidade desde a década em que se fixaram nesse local até o momento presente.

⁶⁹ João Ferreira Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

Nos enredos analisados, morar, estudar e trabalhar, são questões que reaparecem em suas memórias de forma simultânea, porque foram situações experienciadas por eles na cidade.

Em um primeiro momento, procuro analisar porque esses sujeitos procuravam a cidade, pois de acordo com as evidências levantadas em suas falas, saber o motivo da mudança será determinante também na opção da escolha da casa para morar e do trabalho a ser desenvolvido e depois, passo a analisar as mudanças ocorridas em relação ao trabalho, moradia e estudo para os filhos. Procuro analisar também como essas pessoas percebem e sentem a cidade, levando em consideração a época em que chegaram e foram a constituindo. Ao analisar o relato desses trabalhadores procuro respeitar as diferentes trajetórias vivenciadas por eles enfatizando a diferença no tempo presente em suas memórias.

Durante a entrevista o Sr. João remetia-se o tempo todo ao passado e ao presente, e hoje ele acredita que viver no campo está mais difícil. Nota-se um grande ressentimento na fala do Sr. João, por não ter conseguido ficar no campo. Ele reclama da política econômica implantada no final da década de sessenta pelo Presidente Castelo Branco. Essa política fez cair o preço do algodão e ele teve prejuízo com a sua plantação. Não podia mais continuar tendo prejuízo, porque ele tinha que “tirar dinheiro do bolso” para plantar. Em função disso, deixou o campo e foi para cidade.

Os entrevistados deixam evidente em seus relatos que deixaram o campo para propiciar a oportunidade dos filhos estudarem na cidade, mesmo aqueles que diziam que o campo não oferecia mais condições para sobrevivência familiar, como é o caso do Sr. João, ao relatar a sua mudança para cidade, ressalta a importância de possibilitar a oportunidade para os filhos estudarem, ele disse:

Naquele tempo não tinha estudo no campo né, tinha aquelas escolinha muito pequena os professor, o ensinamento não desenvolvia né, e eu falei bom eu como já sou analfabeto o meu pai não me deu estudo as minhas forças tá se acabando recurso eu tô vendo que não vou conseguir aqui no campo eu vou dar estudo pra minha família e foi o que eu fiz eu acho que eu acertei porque tá tudo empregado, i uns tira oitocentos, outros tira novecentos, outros tira mil né, então tá tocando a vida.

Essa fala evidencia a preocupação do Sr. João em proporcionar aos filhos uma educação de melhor qualidade daquela existente no campo. Este foi um dos motivos que foram apresentados pelo Sr. João para procurar a cidade. A satisfação em ter oportunizado o estudo aos filhos é exaltada entre os entrevistados cujos filhos cursaram

uma faculdade. Eles fazem questão de ressaltar esse fato, e, orgulham-se disso. No caso do Sr. João, por exemplo, ele teve apenas dois filhos, uma família pequena se comparada a dos demais entrevistados que tiveram de seis a dez filhos.

Hoje, os filhos estão trabalhando e têm um bom salário, o Sr. João atribui isso ao fato de ter esforçado para se transferir para a cidade, por isso ele disse: *“eu acho que acertei porque tá tudo empregado”*. O Sr. João percebeu que o campo não seria mais viável para manter a sua família devido as mudanças. Então, procurou a cidade para que os filhos pudessem estudar e trabalhar. Criou-se assim uma outra expectativa de vida para os filhos.

Ele está constantemente voltando ao passado para se referir ao presente e à perspectiva de futuro. Isso ocorre quando fala dos empregos que teve, o que faz hoje e o que pretende fazer ao longo de sua vida. Esta dimensão da vida só pode ser percebida através da história oral, porque os sujeitos ao narrarem, vão constituindo em seus enredos o acontecido, as suas expectativas e o que poderá acontecer.

Ao se referir aos trabalhos desenvolvidos por ele na cidade o Sr. João afirma:

Eu trabalhei de montador de móveis, como eles não valorizaram o meu trabalho eu pedi a demissão, daí entrei em outra loja, móveis trivelato, trabalhei quatro anos, aí quando eu fui pode, como se diz, dar um pouco de educação para minha família né.

Em seu relato pode-se destacar dois momentos importantes, o fato de ter um emprego que valorizasse o seu trabalho e, conseqüentemente, possibilitar o estudo dos filhos. Essa preocupação justifica-se porque ele mudou para a cidade para os filhos estudarem. Para que isso fosse possível, ele teria que ter um emprego que garantisse um bom salário que possibilitasse a ele manter os filhos na escola. Em função disso, procurou não ser “explorado”. O fato de possibilitar o estudo dos filhos é motivo de orgulho para o Sr. João:

Aqui eu estudei os meus filho né e tão trabalhando né, e uma é professora o outro está se formando farmacêutico né, e eu tô aqui acabando de tirar o meu tempo... estou contente, porque já cheguei a idade que tô né graças a Deus sou bem realizado porque se eu criei dois filhos nunca passou necessidade estudei né, então tô realizado, agora como se diz eles tem que fazer a parte deles que a minha eu já fiz.

Essa fala evidencia uma expectativa dele do passado. *“Eu estudei os meus filhos”*. Esse era o seu desejo, ele queria dar aos filhos condições de estudar e, então, como conseguiu realizar esse sonho expressa uma satisfação no presente; *“graças a*

Deus sou bem realizado”. O Sr. João sente-se realizado porque os filhos não passaram por necessidade e puderam estudar. Na sequência de sua fala, ele apresenta uma projeção de futuro; *“agora como se diz eles têm que fazer a parte deles que a minha eu já fiz”*. Isso significa que ele havia cumprido a missão, em dar oportunidade de estudo aos filhos e, agora, os filhos deveriam seguir seu próprio caminho.

Os sujeitos sociais com os quais dialoguei fazem parte de uma geração que viveu no campo e alguns não tiveram oportunidade de acesso à escola. Essa geração começou a trabalhar muito jovem no campo, porque ajudavam os pais, por isso, não tiveram a oportunidade de estudar. No presente, tentam proporcionar aos filhos a realização de um sonho que não puderam concretizar no passado. Todos esses sujeitos preocupam-se com a educação dos filhos. Inclusive, para eles, o estudo propicia uma ascensão social e a oportunidade de “vencer na vida”. Percebe-se que os valores criados por eles no presente têm origem na vida passada e, agora, tentam, projetar por meio dos filhos, as expectativas e sonhos do passado, percebem que no mundo atual, os filhos terão poucas oportunidades de trabalho se não estudarem.

É evidente que possibilitar estudo aos filhos não foi o único motivo que os fizeram procurar a cidade. Eles tiveram as suas decepções com o campo, tiveram problemas de saúde, dentre outros, que os levaram à cidade. No entanto, evidenciam sempre a opção de proporcionar estudo aos filhos. Enfatizam, em suas falas, que acertaram na escolha e que os filhos estão formados e trabalhando, isso ficou evidente na fala do Sr. João.

Alguns resistiram à idéia de ir para cidade, como o esposo de Dona Maria Gomes.⁷⁰ Eles deixaram o campo no ano de 1972 e vieram para cidade por insistência dela:

Ah, aqui foi muito ruim pra ele, ele ficou um pouco tocando roça lá e viu que não dava arrendô o sítio e veio pra cá e tinha um amigo nosso que era lá do sítio também, que morava ali na Oliveira Marques (rua da cidade) que era pedreiro daí convidou ele pra trabalhar e ele começou trabalhando com esse amigo, ainda foi pra fazenda, fazenda Mate Laranjeira construí pra lá né e lá ele aprendeu com esse amigo né e depois ele trabalhava construía também, até essa nossa casa (aponta para casa) era só dali pra trás essa cozinha de alvenaria já foi ele que fez né, então ele trabalhava de pedreiro parou depois que deu esse derrame.

⁷⁰ Maria Gomes dos Santos, 68 anos, Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 17/10/2002.

O marido de Dona Maria Gomes estava acostumado com o serviço no campo, não sabia desenvolver outra atividade na cidade. Por isso, a esposa veio para cidade com os filhos e ele continuou no sítio por um tempo. Depois, arrendou o sítio e seguiu a esposa. Na sua fala ela enfatiza: “*é viu que não dava arrendô o sítio e veio pra cá*”. Pode-se atribuir a esta frase o mesmo significado da fala do Sr. João quando ele veio para a cidade, porque o trabalho no campo estava inviável. Em função disso, a única opção encontrada por eles foi mudar para a cidade e conseguir outro trabalho.

Na cidade, o marido de Dona Maria Gomes, como tantos outros, teve que aprender um novo serviço, já que só sabia realizar o trabalho do campo. Ele começou a nova vida na cidade com a ajuda de um amigo que era pedreiro e ensinou-lhe o serviço. As relações de amizade estabelecidas no campo os acompanham quando mudam para a cidade, porque eles continuam a se ajudarem mutuamente. Eles fazem questão de ressaltar, em suas falas, que apesar de não saberem trabalhar nos ofícios da cidade, eles logo aprendem e em pouco tempo já estão fazendo todo o serviço de construção, foi o caso do esposo de Dona Maria Gomes. Ela afirma que ele construiu a casa deles.

Na fala de Dona Maria Gomes é possível analisar como eles conseguiram sobreviver na cidade, sendo que ela também enfatiza a importância de possibilitar o estudo aos filhos:

...aí eu vim com as crianças pra eles estudar que aqui era pertinho do Menodora (escola da cidade) ali né, e eu trabalhava numa escolinha lá (no campo) dei aula doze anos numa escolinha daí arrumei pra trabalhar aqui na secretária trabalhei treze anos e me aposentei, e os filhos foram estudar porque eu pensava eu não tenho, eu lecionei porque como diz em terra de cego quem tem um olho é rei né, eu cheguei e falaram pra eu leciona, eu falei: Como gente eu não sei de nada eu tinha o terceiro ano primário como que eu ia leciona, mas não tinha ninguém, daí pediram nomeação e veio, veio nomeação pra mim daí eu tive que assumi com muita vergonha com muita dificuldade porque eu não tinha preparo nenhum pra lecioná mais como as crianças tudo analfabeto aprendendo a ler e escrever já era muita coisa né.

Na sua fala, ela evidencia que a casa era pertinho da escola. O local escolhido para morar também estava relacionado as suas expectativas que eram de trabalhar e colocar os filhos para estudar naquela escola. A questão da moradia é muito enfatizado nas falas dos sujeitos entrevistados.

A escolinha que Dona Maria Gomes refere-se é a que ela trabalhava quando morava no sítio. Depois que veio para cidade, passou a trabalhar na secretaria de uma escola do Estado onde se aposentou. Na seqüência do seu relato, continua a falar da importância de sua mudança para a cidade e proporcionar aos filhos a oportunidade de

estudar. Ela afirma que, hoje, como tantos outros, sente-se orgulhosa de ver os filhos formados:

Depois que eu quis que as filhas estudasse, porque eu pensava o que que eu tenho eu não tenho nada pra dá pra elas o que eu tenho pra dar é o estudo, se eu não tive sorte de estudar pelo menos as filhas estudar né e graças a Deus essa é a alegria que eu tenho, você vê têm três que trabalham lá no CEUD (Universidade Federal da cidade) tem esse que formou-se em farmácia, farmacêutico né, tem outro que trabalha em São Paulo, essa que teve aqui fez o segundo grau, a outra mais nova tem o segundo grau todas elas fizeram o segundo grau.

A importância dada por esses sujeitos em relação ao fato de terem oportunizado aos filhos a possibilidade de estudar, fica evidente em todas as falas. Dona Maria Gomes explica bem o porquê disso, porque ela não teve oportunidades de estudar, então queria que os filhos estudassem. Isso é uma constante nas falas, eles tentam por meio dos estudos, propiciar aos filhos a oportunidade de realizar alguns sonhos que não tiveram a oportunidade de realizar como a oportunidade de estudar.

O estudo é visto por eles como um meio de conseguir ascensão social: “*eu não tenho nada pra dar pra eles, o que eu tenho é o estudo*”. A oportunidade de estudar, possibilita aos filhos “crescer na vida” e isso ela pôde ver concretizado em seus filhos quando afirma: “*you vê têm três que trabalha lá no CEUD (Centro Universitário de Dourados)*”. Ela parece justificar que o motivo das filhas estarem hoje neste emprego, está associado à oportunidade que elas tiveram de estudar e a sua satisfação é clara quando diz: “*e graças a Deus esta é a alegria que eu tenho*”.

Tanto Dona Maria Gomes como o Sr. João ao mudarem para cidade depositaram as suas expectativas nos filhos, na possibilidade de que eles, por meio dos estudos, tivessem condições de aspirar uma vida melhor.

O Sr. José Barbosa⁷¹ também afirma que mudou para a cidade para os filhos estudarem, conta ele: “*Eu vim por causa das crianças né, lá o estudo era bem fraco naquele tempo, o mais velho já tinha uns onze anos, daí vim pra cá*”. Naquele tempo, o qual Sr. José refere-se é o ano de 1977, quando ele veio para cidade. A sua fala assemelha-se a do Sr. João, quando afirma que o estudo no campo era fraco, a sua preocupação é que os filhos estavam crescendo e precisavam estudar. Fica evidente também a preocupação com o emprego. Quando lhe pergunto do que ele trabalhava na cidade ele conta:

⁷¹ José Barbosa da Silva, 68 anos, Estado de origem: Maranhão. Entrevista realizada em 09-05-2002.

É de carpinteiro, pedreiro, fazia tudo, pegava a casa e deixava pronta, de tudo eu fazia menos pintura, mais o resto, eu fazia. Daí depois os menino foram crescendo eles trabalhava, no começo eles trabalhava comigo né, depois eles pegaram serviço no escritório.

Nesta parte da entrevista, o Sr. José Barbosa passa a contar como foi arrumando serviço para os filhos, um trabalhou no escritório e depois no banco, três deles fizeram contabilidade e, hoje, dois têm escritórios na cidade. Em função disso, como os outros sujeitos que foram entrevistados, orgulha-se de poder ter proporcionado aos filhos meios para que estudassem e isso proporcionou a eles crescimento profissional na cidade. Ter uma família numerosa no campo, poderia significar uma ajuda de mão-de-obra na lavoura, já na cidade, com os trabalhos os filhos poderiam contribuir para ajudar no orçamento da casa. O Sr. José Barbosa, em suas narrativas, conta que ao mudar para cidade os meninos começaram logo a trabalhar com ele. No início, ajudavam na construção civil, depois, estudaram e arrumaram outros empregos com melhor remuneração.

Tanto ele, como os outros que se dirigiram para cidade em busca de melhores condições de vida não sabiam em que trabalhar e nem como trabalhar. Alguns foram para construção civil e os seus relatos possibilita acompanhar o aprendizado deles na cidade. Eles começavam fazer serviço de pedreiro, carpinteiro e por fim já eram capazes de construir uma casa, o único trabalho que alguns não realizavam era a pintura.

Vencer na cidade, para muitos dos entrevistados, significa ter arrumado um emprego, comprado uma casa, estudado os filhos e vê-los empregados e isso os fazem sentirem realizados. Essa melhora de condições de vida não parecia fazer parte do horizonte dessas pessoas no campo, porque o trabalho no campo passava por mudanças que eles não podiam acompanhar e, lá, os filhos não poderiam ter acesso a uma educação de melhor qualidade e a empregos que ajudassem na renda familiar.

A busca do emprego associada à moradia e a oportunidade de propiciarem aos filhos estudo, aparece referenciada na fala do Sr. José Alves.⁷² Ele morava em um sítio em uma cidade chamada Ivinhema, próxima a Dourados, mas teve problemas na coluna e com intoxicação por causa dos venenos usados na lavoura, então vendeu o sítio e foi para cidade de Dourados, em 1977: *“Aí comecei a cortar cabelo em 77, aí graças a Deus tinha colégio perto, matriculei meus filhos, eles todos começaram a estudar e eu trabalhando de barbeiro”*.

⁷² José Alves dos Santos, 60 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 07-08-2002.

É significativo na sua fala enfatizar que ao mudar para cidade tinha colégio perto de casa, ao escolher a casa para comprar disse ter procurado uma que ficasse perto da escola onde os filhos poderiam estudar. No entanto, nessa escola, só tinha o primeiro grau (Ensino Fundamental) e depois que os filhos foram para o segundo grau (Ensino Médio), tiveram que se deslocar para escolas longe de casa.

O Sr. José Alves, ao falar das mudanças ocorridas na cidade, também remete-se a sua expectativa e à realização em estar na cidade. Ele relata o seguinte:

Quem diria que Dourados ia ficar do jeito que tá, eu acertei, graças a Deus, e não me arrependo de ter vindo pra aqui, porque o que eu trouxe do sítio, o meu começo foi a lavoura, o café principalmente, mais o que eu trouxe eu empreguei aqui em Dourados, e graças a Deus acertei, acertei mesmo, porque se eu tivesse no sítio, não tinha condições de ter formado os meus filhos, como é que eu ia formar os meus filhos trabalhando?

Fica evidente na fala do Sr. José Alves como na fala de outros entrevistados, a importância em dar oportunidade para os filhos estudarem. Se estivesse no sítio os filhos não poderiam estudar, pois lá, não existiam escolas e ele não teria condições de mandar os filhos para estudar fora, com a renda do seu trabalho. Por isso, disse que acertou em mudar para cidade.

Ele exerce a profissão de barbeiro até o presente momento e se sente realizado, porque conseguiu construir o seu próprio salão e não paga mais aluguel. Além disso, os filhos conseguiram estudar. A profissão de barbeiro aprendeu com o pai quando ainda morava no sítio em Alagoas. Ele aprendeu da seguinte maneira; cortava o cabelo dos vizinhos nos finais de semana os primeiros cortes ele não cobrava depois, passou a cobrar. Essa profissão que aprendeu com o pai ainda muito jovem, ele passou a exercê-la quando mudou para a cidade e lá fez um curso para ter um certificado.

Hoje, além da renda da barbearia, recebe o aluguel de alguns imóveis que possui na cidade. Ele destaca a importância de, hoje, ter o seu próprio ponto comercial:

Daí eu fiquei dez anos pagando aluguel na Marcelino Pires (Avenida principal da cidade), mas eu sempre tive um sonho de comprar um lugar um ponto comercial pra saí do aluguel, daí Deus me ajudou-me que apareceu um ponto ali no centro e eu consegui comprar, já tinha uma casa feita, vendi a casa que eu morava lá no Ouro Verde (bairro da cidade) e comprei ali pertinho da feira pertinho do centro, e construí o meu salão na frente, faz quinze anos graças a Deus, saí do aluguel e hoje tô nesse ponto até hoje, depois a família foi crescendo os filhos foram casando aí eu já construí outra casa, aqui onde eu tô morando na Vila Adelina e uma das minhas filhas mora lá no salão, na casa do salão, e já tá com quinze anos que eu saí do aluguel graças a Deus.

O Sr. José enfatiza o fato de ter conseguido comprar seu próprio imóvel, para ele, isso significa ter conseguido vencer as adversidades da cidade. Ter o próprio ponto comercial é importante, porque ele deixou de pagar aluguel e também de pagar pelo ponto do comércio, que, segundo ele, era muito caro e disputado na década de setenta. Ele explica que, o comércio, após a década de noventa, sofreu uma decadência e muitos pontos têm fechado. No momento em que eu o entrevistava, ele dizia que a cidade cresceu e sobra pontos de comércio no centro. Para ele foi um alívio sair do aluguel e conseguir construir o seu próprio salão.

Dona Maria das Graças⁷³ conta o que o marido fez para sobreviver na cidade. Eles mudaram para cidade em 1965. Antes de vir para Dourados já tinham tentado trabalhar no comércio de bar de duas cidades Vcentina e Fátima do Sul que na época eram distrito de Dourados:

Daí nós viemos e colocamo um barzinho ali atrás da Fiet (Fiat, concessionária de carros), né, ali fiquemo também, daí foi indo não deu nada né, fumo a falência outra vez, daí pronto, daí a minha menina construiu essa casa aqui né... ele começo a fazê jogo do bicho, tinha esse Razuk (dono do jogo do bicho na cidade) aí foram lá em casa e pediram pra ele fazê né, ele nem entendia o que que era isso né, pediram pro Luiz Carlos (filho dela) fazê ele não quis saber só queria saber de jogo bola, eu falei pega você esse talão aí e vai fazê, em vez de você ficá olhando pra essa partelerinha aí com essas garafinhas na pratelera você vai fazê esse jogo, vê se você faz. Daí minha filha, comecemos, tinha vez que eu sonhava assim e eu dizia hoje vai dar carneiro e daí o povo começava a joga e ganhava (risos).

Na cidade de Dourados, a família procurou sobreviver com o comércio de bar, porque já haviam tentado essa atividade em outras localidades e conheciam como proceder. No entanto, esse empreendimento não deu certo. A mulher sempre estava ao lado do marido em todos os momentos e parece que elas tinham uma percepção melhor das mudanças, então ajudavam o marido a recomeçar um novo trabalho.

O jogo do bicho foi a opção de trabalho encontrada pelo marido de Dona Maria das Graças, uma vez que ele não sabia realizar outra atividade. Essa oportunidade de ser cambista foi incentivada pela esposa, porque ela disse que ele era analfabeto, “*num tinha serviço pra ele né, e também é meio analfabeto, também é difícil conseguir serviço né*”. É interessante observar como esses sujeitos reinventam essas novas oportunidades de trabalho e conseguem sobreviver. Dona Maria contou na entrevista que o marido nunca quis aprender a ler e escrever, ela mesma já havia tentado ensinar.

⁷³ Maria das Graças Oliveira, 66 anos, Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 21/10/2002

No entanto, no momento em que necessita, no trabalho, ler e escrever ele consegue desenvolver essas habilidades, “*ele anota, ele escreve tudo, o joginho dele ele entende, mais se põe ele pra lê pegá uma carta aí ele não sabe lê o que tá escrito na carta o nome quem é*”.

Como ele sempre trabalhou no campo e aprendeu a conhecer o dinheiro e fazer o troco nas suas atividades cotidianas, ele não sentia necessidade do aprendizado da escola e buscou apenas o que era necessário para a sua permanência no emprego, optou pelo aprendizado da vida em detrimento do aprendizado oficial.

Ao narrarem as histórias de suas vidas no presente, vêm à memória desses sujeitos algum sofrimento passado, mas há uma ênfase maior em seus relatos das vitórias, essas vitórias são enfatizadas quando dizem que têm casa para morar, que puderam propiciar estudo aos filhos e que esses filhos estão trabalhando e realizados.

Como dialogo com esses sujeitos no presente, os sonhos já foram concretizados em suas vidas. Dessa forma, procuram por meio de suas memórias relembrar muito mais das vitórias e quando referem-se ao sofrimento é para dizer que, apesar desse sofrimento, hoje, são vencedores.

Na fala dos entrevistados, chamou-me a atenção a forma como representam e dão significado à cidade de Dourados. Eles deixam emergir uma cidade que fazia parte das suas vidas nas ações mais cotidianas tais como: deslocar-se para o trabalho e os filhos para escola. No entanto, busco neste trabalho a cidade que emerge na fala dos sujeitos sociais com os quais dialoguei.

Sr. José Alves,⁷⁴ por exemplo, descreve como era a cidade quando chegou em 1977 e como está hoje,

Era em 77 aí mudei, comprei uma casa pra eu morar e comprei mais duas casa e aluguei, aí comprei um salão, naquele tempo na Marcelino Pires (Avenida principal da cidade) aqui na cidade pra entrá na Marcelino Pires tinha que comprar ponto, não tinha uma porta fechada, hoje em dia se quiser aluga cem porta tem, tudo fechada pra aluga, naquele tempo que tinha comprá o ponto de alguém se quisesse entrar não tinha uma porta fechada, tinha que comprar o ponto e o aluguel era matando mesmo, daí eu comprei o salão o ponto por 27 mil conto naquele tempo, vendi o sítio por 250 mil e paguei no salão 27 mil conto, comprei uma casa 170 sei que empreguei todo o dinheiro em estar bem.

Em sua fala possibilita levantar algumas questões que dizem respeito às mudanças que ocorreram na cidade. Na década de setenta, essas mudanças estão

⁷⁴ José Alves dos Santos, 60 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 07/08/2002.

relacionadas à concorrência pelo trabalho. Sr. José Alves disse que ter ponto naquela época no centro da cidade era difícil. Isso evidencia o crescimento da cidade neste período. A sua fala traz elementos que apontam para diferença da cidade em relação à década de cinquenta, conforme os relatos de Dona Maria das Graças e Maria Gomes, elas se referiram à falta de comércio para venda dos produtos produzidos no campo, como referenciado no primeiro capítulo. Nos relatos do Sr. José Alves, fica mais evidente um comércio maior no centro da cidade. Fica evidente também a necessidade de novas frentes de trabalho que não estavam relacionadas apenas com a venda de produtos produzidos no campo, mas era necessário prestadores de serviços, como ele, que cortava cabelos.

A questão da formação do território e da demarcação desse espaço aconteceu quando os sujeitos chegaram na cidade em busca de um lugar para trabalhar, como apresentado pelo Sr. José Alves, segundo ele, ter o seu próprio ponto de comércio era caro, quando afirma “*o aluguel era matando mesmo*”. Por isso, ele lutou para ter o seu próprio ponto e deixar de pagar aluguel. É dessa maneira que esses sujeitos vão constituindo os seus lugares na cidade pois, afinal “*só existe o território na medida em que ele é marca, na medida em que ele é constituído pelo sujeito social*”.⁷⁵

E nessa constituição desses lugares, muitos trouxeram em sua memória a lembrança da cidade desde o momento em que chegaram e como faziam para sobreviver, como é o caso do Sr. José Barbosa⁷⁶ que também foi para cidade em 1977:

Dourados, naquela época, olha nós moremo ali perto do Maria da Glória (escola da cidade) naquele tempo quando formava uma chuva, daí ficava aquele tempo, ficava tudo vermelho Dourados... tinha uns cara que trabalhava com aqueles caminhão de carregá boi, quando chovia eles iam pra frente iam pra trás para poder sair do barro, quando secava ficava aqueles burraco assim, passava de bicicleta só faltava tampá o pneu da bicicleta.

Nessas falas, pode-se perceber como eram os lugares onde moravam em relação a falta de asfalto nas ruas, como era o centro e as dificuldades para se locomoverem de um espaço para o outro. E ao lembrar como era a cidade, eles diziam “*naquele tempo*”, eles voltam sempre ao passado para poder dizer como está a cidade no presente, por isso, sempre se referem ao barro e ao asfalto como maneira de evidenciar as mudanças ocorridas ao longo do tempo.

⁷⁵ ROLNIK. Rachel. *História Urbana: história na cidade?* Em Cidade e História – Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX, UFBA, Mestrado em Urbanismo, 1992. p. 29

⁷⁶ José Barbosa da Silva, 68 anos, Estado de origem: Maranhão. Entrevista realizada em 09-05-2002.

Esse barro, citado pelo Sr. José Barbosa, é lembrado pela maioria dos entrevistados, Dourados possui um solo com terras vermelhas, quando chove, esse barro gruda na sola dos calçados dificultando o caminhar. No período da seca causa uma poeira vermelha que faz muita sujeita, principalmente, nos lugares que ainda não possuíam asfalto. Esse aspecto parece ter provocado estranheza nesses sujeitos ao mudarem para a cidade, porque na década de setenta, ainda eram poucas as ruas pavimentadas.

A terra que no campo era fértil e garantia a sobrevivência de muitos, na cidade é um problema. Isso enfatiza a diferença de visão dessas pessoas ao mudarem para cidade, onde as necessidades e os interesses são outros. No momento em que tiveram que caminhar pelas ruas para ir ao trabalho, para ir a escola e as ruas não eram asfaltadas, a terra fértil torna-se um barro inoportuno, porque atrapalha e suja os pés, as casas e as roupas. Este estranhamento com o barro não aconteceu apenas pela não existência do asfalto, pois todos moravam no campo e conviviam diariamente com esse mesmo barro. No entanto, a reivindicação por um espaço que tenha asfalto está relacionada às condições sociais que eles passaram a viver na cidade, morar em uma casa que fica longe do asfalto dificulta a ida ao trabalho e a ida dos filhos para escola.

Neste sentido, a história oral permitiu acompanhar as diferentes trajetórias e entender os significados atribuídos pelos sujeitos entrevistados a cada momento das suas vidas. Foi possível perceber os diferentes significados dados ao solo, como no caso do Sr. João.⁷⁷ No campo, ele atribuía o significado de fartura, de terra fértil, já na cidade, o significado era outro. Tanto o Sr. João como outros entrevistados viam o barro presente nas ruas da cidade como um atraso para o desenvolvimento da mesma e o asfalto era considerado progresso. A referência que o Sr. João faz da cidade diz respeito ao ano de 1963 quando ele chegou em Dourados e morava no campo:

A cidade aqui era um nada né, era só barro quando chovia poça d'água aí, nada de asfalto naquela época e a Marcelino (avenida principal da cidade) era asfaltada ali naquele tempo que eu cheguei só a Marcelino o resto era tudo só barro né.

⁷⁷ João Ferreira dos Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

A expressão “nada” referida em sua fala, está relacionada ao fato da cidade não ser asfaltada. Isso significa que além do asfalto ser considerado uma benfeitoria, é citado como sinônimo de conforto e bem estar para as suas vidas, porque facilitava o deslocamento para o trabalho, para a escola, para o lazer e para visitar parentes e amigos.

Os espaços ocupados por esses sujeitos sociais são constituídos por eles ao longo de suas trajetórias. Dessa forma ao narrarem sobre as mudanças que iam ocorrendo na cidade, levou-me a pensar o espaço como “*uma marca, como expressão, como assinatura, como notação das relações sociais, como cartografia das relações sócias... nessa história, é esta marca que faz o território; ou seja, o território não existe previamente*”.⁷⁸ Como o território não pode ser demarcado previamente, ele é marcado pelos espaços ocupados e modificados pelos sujeitos sociais. Em função disso, quando eles chegavam em Dourados diziam que não tinha nada, pois, nessa época, o território ainda não havia sido por eles constituídos.

Em 1960, Dourados tinha 40.829 habitantes. Deste total 11.491 viviam na cidade e 29.321, na área rural. Dez anos depois, em 1970, a diferença entre a população do campo e a cidade reduz-se e, de 62.202 habitantes, 32.881 residiam nos sítios, chácaras ou fazendas e 29.321 na área urbana de Dourados. Já em 1980, a população da cidade supera a população do campo, sendo a população total de 100.986 habitantes, 82.905 residiam na cidade e apenas 18.081 na área rural.

O gráfico a seguir representa o crescimento da população urbana e rural na cidade de Dourados no período entre 1950 e 2000.

⁷⁸ Esta citação é feita por Raquel Ronik quando esta discute a questão do território na cidade. ROLNIK, Rachel. História Urbana: história na cidade? In: *Cidade e História – Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*, UFBA, Mestrado em Urbanismo, 1992. p. 28

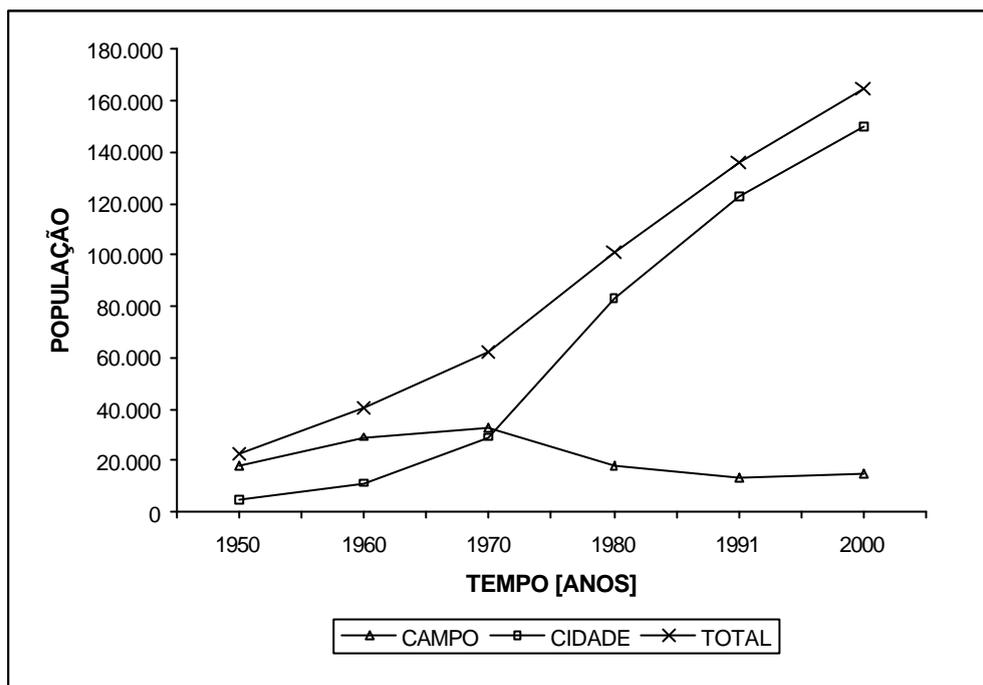
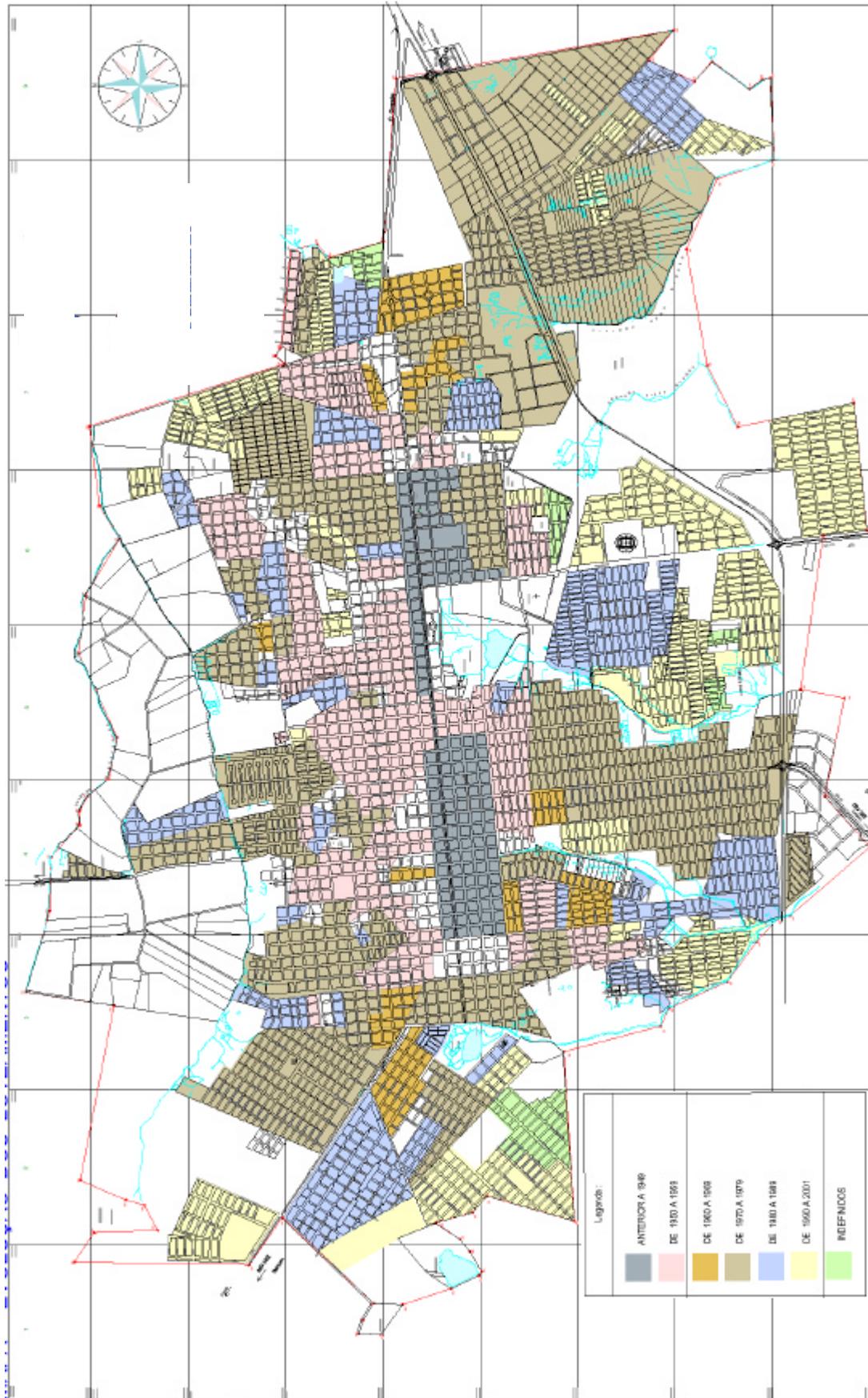


Gráfico 01. Evolução da população na cidade de Dourados - MS entre os anos de 1950 a 2000.

Esses dados fornecidos pelo IBGE possibilitam visualizar as mudanças que foram acontecendo ao longo destas décadas. Período em que as pessoas foram aos poucos trocando o campo pela cidade.

O crescimento do espaço geográfico, que pode ser visualizado no Mapa nº 1, na página seguinte, não veio acompanhado de outras benfeitorias necessárias para sobrevivência dessas pessoas na cidade como; escolas e até mesmo o asfalto, que poderia facilitar o deslocamento de um lugar para o outro uma vez que moravam em lugares distantes do trabalho e, muitas vezes, longe do lugar onde os filhos deveriam estudar.

O mapa possibilita a visualização das mudanças ocorridas no espaço da cidade em diferentes décadas. Pelo mapa pode-se acompanhar o crescimento da cidade de 1949 até o ano de 2001. É possível observar que o crescimento maior se deu entre dois momentos específicos. Na década de cinquenta e na década de setenta, período este em que a maioria dos entrevistados mudaram para a cidade. Ao observar a tabela a baixo, pode-se perceber a redução da relação entre a população do campo e da cidade, principalmente a partir da década de setenta.



Mapa 01. Evolução dos loteamentos da Cidade de Dourados – MS entre 1940 a 2000.
Fonte: IPLAN – Instituto de Planejamento e Meio Ambiente (Dourados-MS)

Nesse sentido pode-se dizer que o território é mais do que espaço geográfico, para eles, o território é constituído por afazeres cotidianos. Portanto, embora, o mapa mostre um crescimento geográfico e as pessoas entrevistadas tenham percebido este crescimento da cidade, elas só reconhecem essas mudanças constituindo-se no território, não é apenas a mudança do espaço pelo espaço. Dessa forma, *“o território é uma noção que incorpora a idéia de subjetividade. Não existe um território sem um sujeito, e pode existir um espaço independente do sujeito. O espaço do mapa dos urbanistas é um espaço; o espaço real vivido é o território.”*⁷⁹

Em função disso, esses sujeitos vão constituindo o território de várias maneiras diferentes, de acordo com a experiência de vida daquele momento. Esses sujeitos quando estão residindo no campo, a referência à cidade acontece com base no vivido por eles no campo, quando estão na cidade e sentem as conseqüências das mudanças, as referências passam a ser outras.

Dona Maria Gomes⁸⁰ em sua fala remete-se a cidade na década de cinquenta, quando ainda morava no campo:

Ave Maria! Era horrível gente, era uma sujeira a gente vinha pra cidade tomava banho trocava de roupa tudo, que a gente vinha pra cidade né, quando a gente voltava parecia que a gente ia da roça de tanta sujeira poeira, não tinha asfalto era aquelas poça de lama no meio da rua né, os mato quando fazia uma seca igual agora os matos ficava vermelho, vermelho chega caia assim o peso da poeira né, aquela poeira horrível.

Isso evidencia a dificuldade que ela encontrava ao se deslocar do campo para a cidade, ela faz uma comparação da sujeira da cidade com o trabalho na “roça”. Os elementos de comparação da sua fala estão relacionados ao campo. Estar sujo, com a roupa suja, deveria ser uma característica de quem estava trabalhando na “roça” e não de quem morava na cidade. No entanto, a poeira e os meios de transportes precários faziam com que ela voltasse para casa suja. Nesta época, ela conta que para ir à cidade usavam uma jardineira, segundo ela, era um carro que a metade era caminhão e metade ônibus. Em sua fala fica evidente que esse trajeto era feito pelas pessoas que moravam no campo e se dirigiam à cidade de vez em quando para realizar algumas compras.

⁷⁹ ROLNIK. Rachel. História Urbana: história na cidade? In: *Cidade e História – Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*, UFBA, Mestrado em Urbanismo, 1992. p. 28

⁸⁰ Maria Gomes dos Santos, 68 anos. Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 17/10/2002.

A questão da sujeira causada pela poeira é mais citada pelas mulheres, porque elas que tinham que lavar a roupa com o barro que ficava grudado e custava a sair e, além disso, tinham também que limpar as suas casas. Dessa forma, sentiam mais forte o problema da terra. Já para os homens, isso era um problema em função do deslocamento de casa para o trabalho em dias de chuva, tinham que atravessar pelas ruas cheias de barro. Isso evidencia a diferença existente entre o trabalho do homem e o trabalho doméstico que era efetuado pelas mulheres, o trabalho das mulheres estava de maneira direta relacionado à sujeira da cidade.

Lembro-me que ainda criança ao mudar para Dourados, em 1977, ouvia a minha mãe reclamar da poeira e do barro. Morávamos em um desses lugares que não tinha asfalto, ela dizia que às vezes lavava roupa branca e como era mês de agosto ventava muito, quando tirava a roupa do varal estava toda vermelha de terra. Então, tinha que lavar tudo de novo e deixar para estender à noite, porque o vento acalmava. Antes, morávamos em uma região de areia e, por isso, não sujava a casa e as roupas. Em função disso, ela estranhava muito essa situação.

Esse estranhamento também ocorria pelo fato de que o trabalho desenvolvido por essas mulheres no campo era diferente. Além de cuidar dos filhos e da casa, elas tinham que ajudar a cuidar das galinhas, dos porcos e ajudar o marido na lavoura. Elas não podiam ficar apenas com a faxina da casa e com a função de cuidar da roupa no varal. Elas executavam essas outras tarefas quando mudavam para a cidade.

Para os homens, esse barro incomodava no momento em que se locomoviam para o trabalho. Dessa forma, isso estava relacionado com os espaços que eles ocupavam na cidade naquela época e com as suas condições de vida. Nesse sentido, quando o Sr. José Alves⁸¹ fala da dificuldade da filha para ir para escola em dias de chuva, em função do barro, ele levanta questões que dizem respeito também ao espaço ocupado por eles e as necessidades do cotidiano:

Quando eu cheguei aqui essas escolas nenhuma tinha o segundo grau, a única que tinha o segundo grau aqui em Dourados era o Presidente Vargas, eu morava lá no Jardim Ouro Verde e a minha filha mais velha mesmo a Maria, ela pra fazê o segundo grau mesmo, ela vinha de circular (coletivo urbano) toda noite pro Presidente Vargas (Escola da cidade) estudar, pegava o calçado, calçava dois sacos de plásticos nos pés quando chegava no ponto de ônibus tirava aquele plástico daí subia na circular, cansei de ver ela fazer isso, hoje tudo asfalto para todo canto.

⁸¹ José Alves dos Santos, 60 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada no dia 07/08/2002

A noção de tempo apresentada pelas fala do Sr. José está sempre referenciada ao passado e tem os próprios significados, ele afirma “*quando eu cheguei aqui*”, o tempo é sempre o que passou, o que se foi. As referências de tempo em suas memórias vêm à tona quando dizem “*naquele tempo*”, “*quando eu cheguei.*” O tempo não é referenciado com datas e anos, mas sim, com as suas histórias de vida; como o tempo dos filhos na escola, o tempo do trabalho no campo, da mudança para a cidade da aposentadoria.

Em sua fala chamou-me a atenção a referência que ele fez às escolas existentes em 1977, o deslocamento para chegar até ela, o ônibus, o asfalto, o centro como referência. Já que muitos entrevistados disseram ter mudado para a cidade para que os filhos estudassem, é interessante observar a localização da escola e como faziam para chegar até ela.

Em sua narrativa, o Sr. José Alves trouxe as dificuldades enfrentada pela filha para se deslocar até a escola. Isso possibilita saber quais as condições de vida desses sujeitos, pois ao morar em um território onde não tinham escolas com o segundo grau e residiam em uma casa afastada do local de ruas asfaltadas, a menina tinha que caminhar até o ponto mais próximo e usar o transporte coletivo para chegar até o local. O Sr. José Alves disse que, hoje, dá desgosto ver tantos jovens com escola “na porta de casa” e não aproveitam a oportunidade para estudar.

Para ele, que só estudou até a primeira série e tinha que caminhar quilômetros para chegar até a escola e além disso passava pelo meio do mato e de rios. No momento presente, o que ele acha importante para os filhos é o estudo. Por isso, ele enfatiza que diferente do tempo dele e até mesmo da sua filha que tinha que tomar ônibus para ir à escola, agora, segundo ele, tudo está muito mais fácil e fica indignado com os jovens que não valorizam o estudo e narra; “*hoje tudo asfalto pra todo canto, ainda tem umas pessoas, uns rapazes que eu admiro muito, ver isso me doe o coração, na porta do colégio e não tem coragem de estudar, aí fica lamentando da sorte*”.

Sr. José confere ao estudo uma oportunidade de ascensão social na vida; se a pessoa tem colégio perto da sua casa e não estuda ele não pode “reclamar da sorte”. De acordo com essa visão, a oportunidade de melhorar as condições de vida foi concedida, não aproveitou porque não quis.

A escola onde a filha do Sr. José Alves estudava era a única que tinha o segundo grau (Ensino Médio) e todos que quisessem cursar o Ensino Médio deveriam deslocar-se até o centro. Neste caso, as ruas asfaltadas além da melhora de infra-

estrutura da cidade, estaria contribuindo para facilitar o seu deslocamento para o trabalho e o da filha para escola. Portanto, a preocupação não era somente em ter as ruas asfaltadas era também com o conforto que isso traria para a população desenvolver ações do cotidiano.

Esta prática descrita pelo Sr. José Alves de colocar dois sacos de plásticos nos pés, era muito comum entre os moradores de lugares que não tinham asfalto. Em dias de chuva, era difícil deslocar-se até o ponto de ônibus. Se o fizesse sem colocar essas sacolas de plásticos nos pés, chegaria no serviço ou na escola com os pés e o calçado todo sujo de barro. Outras pessoas usavam dois calçados, normalmente usavam uma bota para ir até o serviço e quando lá chegavam, colocavam outro calçado. Como a cidade, até os dias atuais, não tem todos os bairros asfaltados, ainda é comum em dias de chuva o hábito das pessoas de usarem dois calçados ou sacolas plásticas.

A cidade que emerge em sua memória é a cidade que o propicia trabalho, e a oportunidade para a filha ir para escola onde enfrenta dificuldades como o barro em dias de chuva. Essa não é a cidade dos memorialistas nem da historiografia, mas sim a cidade em que eles desenharam a sua história, a cidade onde moram, estudam e trabalham.

O Sr. José Alves descreve uma outra opção que ele e outros colegas que trabalhavam no centro tinham para se deslocar para o trabalho em dias de chuva:

O asfalto vinha só até a igreja Nossa Senhora de Fátima pra lá não tinha nem um palmo de asfalto era lama, eu vinha pro salão trabalhá, vinha calçado de bota, bota de borracha chegava na Marcelino (avenida da cidade) pegava a circular, vinha calçado de bota eu e todo mundo, chegava no salão tirava a bota calçava o sapato, quando ia de noite tornava a calça a bota, ia de bota de borracha porque era uma lama matando mesmo.

Percebe-se então, pela sua fala, que o fato das ruas não serem asfaltadas tornava as suas tarefas cotidianas mais difíceis. Por isso, muitas pessoas referem-se à questão do asfalto como uma das melhorias mais importante para cidade. Ao falar da dificuldade para chegar ao trabalho, não estavam preocupados em descrever apenas as ruas sem asfalto, mas sim, em relatar a vida cotidiana na cidade, estavam preocupados em contar o que faziam, quais eram os trabalhos desenvolvidos e como o faziam. As mudanças ocorridas na cidade, perpassam as falas dos sujeitos entrevistados, como afirma o Sr. José Alves.

O asfalto e o aumento do número de prédios é visto sempre como sinônimo de progresso. Ainda neste sentido, o Sr. José Alves dá significados à cidade quando chegou em 1977 e aponta para o que chama de crescimento nos últimos 25 anos:

Não existia nada, não existia nada, Dourados só tinha o miolinho de Dourados mesmo, o resto era tudo mata, soja, aqui onde eu moro mesmo era soja, aqui era um sojão, e hoje tá esta maravilha que tá Dourados tem desenvolvido uma coisa, só sabe o tanto que Dourados desenvolveu quem chegou aqui há 25 anos atrás como eu e hoje tá aqui, não tinha um prédio de jeito nenhum o prédio que tinha era aquele da imobiliária Dinho prédio de quatro andares, hoje esta cheio de prédio de 12 andares, e asfalto que é bom! só no centro, depois que fizeram o terceiro plano (bairro da cidade) lá pra cima daí começaram a asfaltar ali pra onde era o Imaculada Conceição, (escola da cidade) por ali era tudo mato, ali por onde é o bombeiro por ali até tinha umas casinhas depois pra frente não tinha nada, nada, nada, só os terrenos quadras e mais quadras vazias.

A fala do Sr. José Alves começa como a de outros “*não existia nada, não existia nada*”. Esse nada, para ele, refere-se aos bairros e então enfatiza o crescimento da cidade, os bairros novos que foram surgindo, inclusive o que ele mora atualmente. A construção das casas de BNH, da COHAB, essas foram mudanças que começaram no final da década de setenta e foram até as décadas de oitenta e noventa. O Sr. José Alves para falar da cidade refere-se primeiro ao lugar onde reside no momento em que estava sendo entrevistado e, só depois, foi descrevendo o que era a cidade. Ele disse que onde ele mora era plantação de soja, isso evidencia o desenvolvimento da cidade no presente. Em sua memória, o desenvolvimento refere-se ao aumento dos bairros e dos prédios.

Os bairros planejados pelo BNH que começaram a ser construídos na década de setenta não são bairros populares. O primeiro deles, foi um conjunto habitacional financiado para bancários, isso evidencia a importância dos bancários naquele momento, já que a cidade passava por transformações e necessitava dos serviços desses profissionais.

No momento em que realizava a entrevista, observei que o Sr. José Alves alterava a voz ao se referir ao quanto a cidade tinha desenvolvido e que só pessoas como ele podiam perceber isso, porque presenciou esse crescimento. Então, a altura da voz funciona como um mecanismo de autoridade para falar dessas mudanças. Esses sentimentos são expressos pela subjetividade dos sujeitos, isso é possível trazer à tona com a história oral. São os próprios sujeitos que estão narrando a história vivida; o que significa a cidade para eles, qual o significado que tem os lugares por onde andam, onde moram e onde trabalham.

O Sr. José Alves relata como era a cidade em 1977 quando chegou, e, como a mesma se encontra após vinte e cinco anos. Ele se sente muito orgulhoso de ter vivenciado este crescimento. Como afirma ele: “*Dourados tem desenvolvido uma coisa!, só sabe o tanto que Dourados desenvolveu quem chegou aqui há 25 anos atrás como eu e hoje tá aqui*”. Nesse relato transparece o sentimento de pertencimento à cidade.

Percebi que, para todos os entrevistados, o asfalto é primordial e por isso muitos lembram de prefeitos que fizeram asfaltos e reformas estruturais na cidade. Como é o caso do Sr. José Germano⁸² que veio do Estado de Alagoas e chegou a Dourados em 1987 dirigindo-se direto para cidade:

Dourados cresceu demais, de primeiro Dourados era mais pequeno cresceu, foi construído muita coisa aqui, quando eu cheguei não tinha quase nada em Dourados, pra falá a verdade até no centro antes do Braz Melo (foi prefeito da cidade por dois mandatos sendo o primeiro de 1989 a 1992 e o segundo de 1997 a 2000) aquela praça Antônio João (praça principal da cidade) ali era bandonada ali era bandonado e ali era morada de mindingo aquela praça ali, tinha vez que eu ai ali de dia eu tinha até medo de entrá naquela praça ali, só tinha mindingo que morava ali, hoje tá uma praça bonita né arrumaro, mais aquilo era horrível, mudou muito não é mais como era não abandonada.

A trajetória do Sr. José Germano diferencia-se dos demais entrevistados, porque ele chegou na década de oitenta e não teve uma passagem pelo campo. Lá em Alagoas, ele trabalhava com serviços gerais na cidade e foi o que buscou fazer em Dourados, até mesmo porque o campo não oferecia mais emprego como nas décadas anteriores, a mão-de-obra havia diminuído com a chegada das máquinas. Por ter chegado já na década de oitenta, o Sr. José Germano não se refere ao asfalto e aos prédios como crescimento. Ele enfatiza as mudanças feitas no centro da cidade, principalmente, em relação às praças e ao comércio.

Ele deixa transparecer em sua fala que o prefeito Braz Melo foi o responsável pela melhoria do visual da cidade, pois promoveu algumas reformas nas praças da cidade. Para ele, o asfalto não é importante, pois parte desta infra-estrutura já estava pronta quando ele chegou, o que é importante, para ele, são outros espaços, como o da praça Antônio João. Há uma maior preocupação com as opções de lazer e ao lembrar da cidade na década de noventa, o que aparece na sua fala é o que foi construído ou melhorado. A reforma a qual ele se refere aconteceu na década de noventa e consistiu

⁸² José Germano da Silva, 48 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002

em cortar algumas árvores da praça que eram muitas e a tornavam fechada, encher a piscina que há no meio dela e colocar uma fonte luminosa. Essa fonte foi um dos motivos que tornou a praça atrativa, pois à noite muitos iam lá para admirarem o colorido das águas na fonte, principalmente, as famílias que levavam as crianças.

O centro tem como referência essa praça que o Sr. José Germano descreve. Ela é lembrada também pelos outros entrevistados que tiveram trajetórias diferentes, porque chegaram em décadas anteriores. É o caso de Dona Anizia,⁸³ que chegou em Dourados em 1952, mesmo quando morava no campo a cidade que emerge em sua memória, traz evidente a Praça Antônio João e a Avenida Marcelino Pires:

A cidade de Dourados aqui tinha um armazém, tinha uma pensão uma casinha de madeira cumprida assim, igual a minha assim, uma casa cumprida era a pensão, era o hotel, era uma pensão, a Marcelino (hoje é a principal avenida da cidade) ali era um gramado, ali onde é o canteiro hoje, no meio do centro da cidade era gramado e dos lados era terra era barro de um lado no outro, nem calçada não tinha, o centro da cidade era ali uma quadra pra cá da Antônio João (praça central da cidade), uma quadra pra lá da Antônio João e uma quadra pra cima e uma pra baixo sempre era ali a Antônio João.

O que fica evidente nas narrativas de Dona Anizia são os lugares por onde ela andava e com os quais se relacionava, quando ia à cidade, o que era significativo para ela era o armazém, a pensão, e a praça. Na década de cinquenta, eram esses os espaços onde se estabeleciam as relações de mercado e também onde acontecia o lazer. A descrição feita por ela é do centro da cidade e teve como referência a praça Antônio João.

O centro da cidade, onde hoje é a Praça Antônio João e a Avenida Marcelino Pires, é o que vem à tona na memória dos entrevistados, principalmente, em função do asfalto, todos dizem “naquele tempo só tinha asfalto na Marcelino”. Esta pensão citada por Dona Anizia também é referenciada em outras falas. Ela lembra em suas narrativas que quando moravam no campo, o pai vinha para cidade vender os produtos colhidos e se hospedava na pensão por dois dias até que conseguisse vender o produto.

Em suas memórias, a cidade constitui-se a partir desses locais, e qual o significado desta rua? “ ... uma rua para além de ser um lugar onde se passa ou se deixa de passar, uma rua está carregada de história, está carregada de memória, está carregada de experiências que o sujeito teve, que seu grupo teve e que a história de seu

⁸³ Anizia Francisca da Silva, 59 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 06/08/2002.

grupo naquele espaço teve.”⁸⁴ Os sujeitos sociais com os quais dialoguei ao lembrar da praça Antônio João e da Avenida Marcelino Pires atribuem a esses lugares significados que estão intimamente relacionados às histórias vivenciadas por eles, portanto carregadas de subjetividade. A rua não é apenas um espaço físico, ela está carregada de movimentos e de relações de pessoas que nela se encontram.

A Praça Antônio João e a Avenida Marcelino Pires são citados em outros trabalhos,⁸⁵ porque era o lugar onde se localizava o comércio nas décadas de 40 e 50:

A Praça Antônio João, bem como a “Rua Principal” – hoje Avenida Marcelino Pires – são pontos que podem perfeitamente ser identificados como componentes originais da cidade de Dourados. A partir desse núcleo irradiou-se a cidade; e nas décadas de 40 e 50, localizou-se aí o maior aglomerado urbano, já que as residências ainda se situavam ao lado de casas comerciais caracterizando-se assim, o ponto, como zona comercial e residencial.

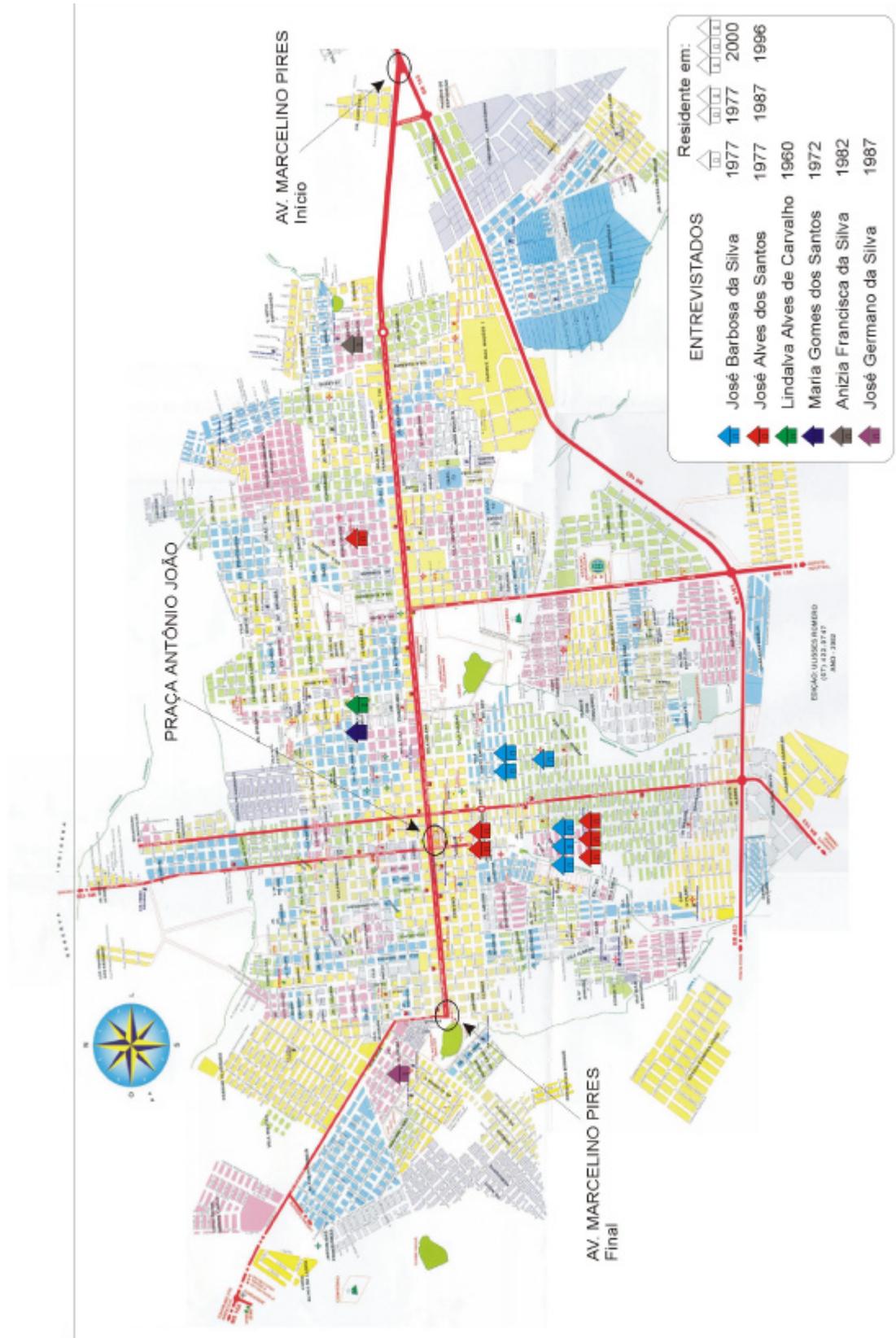
Neste trabalho a autora escreve sobre a memória fotográfica de Dourados e faz uso de fotografias para ilustrar as transformações ocorridas na cidade, o destaque na década de cinquenta é dado à Praça Antônio João e a Avenida Marcelino Pires, que segundo essa autora, eram os lugares onde se estabelecia o comércio e também onde estavam situadas as primeiras residências.

A Avenida Marcelino Pires foi a que ficou mais evidente nas lembranças dos entrevistados, isso porque era nesse local que se realizavam as relações comerciais e também o lazer. Além disso, essa avenida corta a cidade em quase toda sua extensão longitudinal. Para além de um espaço físico, esses eram lugares onde se estabeleciam as relações de sociabilidade entre os moradores.

O mapa nº 2, na página seguinte, destaca os lugares de onde os sujeitos entrevistados estão falando, bem como o deslocamento deles na cidade. As datas assinalam o momento em que chegaram na cidade, primeira moradia e os deslocamentos feitos por eles na mesma. Não é destacado no mapa o local onde todos os entrevistados moravam apenas daqueles que analiso suas falas para referenciar a cidade. O mapa traz ainda o traçado da cidade assinalando os lugares marcados na memória desses entrevistados, destacando a Avenida Marcelino Pires e também a praça Antônio João. Esses locais ainda são, na atualidade, para os moradores, lugares de referência em relação ao centro.

⁸⁴ ROLNIK, Rachel. História Urbana: história na cidade? In: *Cidade e História – Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*, UFBA, Mestrado em Urbanismo, 1992. p. 28

⁸⁵ MOREIRA, Regina H. Targa. *Memória fotográfica de Dourados*. Campo Grande: UFMS, 1990. p.63



Mapa 02. Lotçamento na Cidade de Dourados - MS no ano de 2002.
Fonte: Edição Ulisses Romero - 2002

Dona Maria das Graças⁸⁶ conta que o pai foi dono de uma pensão onde hoje é o centro da cidade. Em seu relato fica evidente aspectos que podem qualificar como era o local na década de 60:

O meu pai tocô pensão aqui em Dourados depois que ele tava com o sítio já bem aberto, daí uma irmã minha casô, depois ponharo uma pensão aqui... Era pensão Pernambucana que hoje é o Banco do Brasil, era um predinho assim de tábua sabe tinha dez quarto em cima e dez em baixo. E daí o meu pai não gostava muito de zuada né e nós morava ali de frente do jardim, aonde a pensão onde é a igreja matriz ali de frente do Banco do Brasil tinha dois pé de manga enorme e tinha a pracinha ali.

Ao descrever o prédio da pensão percebe-se que ele era feito de tábua, pois era o tipo de construção predominante na época, porque havia várias serrarias na região e era difícil existir uma construção de alvenaria. Como citado no primeiro capítulo, percebe-se que as construções com madeira não eram construídas somente no campo, mas também na cidade. As pessoas faziam opção por material mais econômico, isso denuncia as condições sociais dessas pessoas naquele momento.

O nome da pensão enfatiza a presença nordestina na cidade. Dona Maria das Graças disse que naquele época tinha a pensão Pernambucana e a dos Baianos. Dessa forma, fica determinado o lugar de onde vieram. Em sua fala, ela descreve o centro da cidade na década de 60, nessa época a praça tinha dois pés de manga. Segundo o pai dela, isso causava muito barulho, porque a pracinha naquele momento, era o lugar onde as pessoas encontravam-se para conversar, porque era a única opção de lazer, era o lugar onde se desenvolvia a sociabilidade entre as pessoas.

O Sr. José Barbosa⁸⁷ faz o seguinte comentário a respeito de Dourados. Ele veio para cidade em 1977:

Olha quando eu cheguei aqui às vezes a gente ia pro Parque das Nações (Bairro da Cidade) quando chegava lá a circular tava aterrada dentro do barro daí a gente tinha que voltá e pegá outra rua lembra? Daí naquele tempo que o Brás foi prefeito na primeiro ano ele fez muita coisa asfaltou a rua da circular, aí foi no segundo ano, (quer dizer segundo mandato) no primeiro ano eu não votei nele, no segundo ano eu falei vou votá pra esse cara que esse cara é bom (risos) daí ele não fez nada, aí só acabou com Dourados, acabou com a nossa Dourados as rua ficaro só burraco e o povo ainda fala que o Tetila (prefeito atual) não é um bom prefeito ele tampou todos os burracos.

⁸⁶ Maria das Graças Oliveira, 66 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 21/10/2002

⁸⁷ José Barbosa da Silva, 68 anos, Estado de origem: Maranhão. Entrevista realizada em 09/05/2002.

Ao falar da falta de asfalto nas ruas o Sr. José Barbosa não estava referindo-se apenas às construções e infra-estrutura, mas remete-se às suas necessidades de deslocar pela cidade no dia-a-dia quando disse: *“a gente ia pro Parque das Nações... a gente tinha que voltá e pegá outra rua”*, esse é o movimento que ele fazia na cidade. Tanto para visitar um amigo como para ir ao trabalho era necessário que às ruas estivessem em boas condições, por isso a importância que ele atribui as ruas asfaltadas. O Parque das Nações é um dos bairros mais afastados do centro, embora ele não residisse neste local, dirigia-se ao bairro para visitar amigos.

O prefeito Brás Melo é lembrado por ter asfaltado alguns bairros da cidade e algumas das ruas por onde passava o transporte coletivo urbano. Além disso, realizou algumas outras reformas de cunho estrutural na cidade, como a reforma de praças e a construção de parques e mais a construção de algumas escolas. Isso foi significativo para muitos, como evidenciado na fala do Sr. José Barbosa

O Sr. José Barbosa está contente com o prefeito Tetila, (ele começou o mandato em 2001 e é o atual prefeito), porque ele tampou os buracos que haviam na rua. Esses buracos foram feitos devido a má qualidade do asfalto que foi colocado nas ruas pelo prefeito Braz Melo, que todos se lembram. Já na segunda gestão do prefeito Braz Melo (1997 a 2000), ele pouco fez pela cidade, isso causou decepções como relata o Sr. José Barbosa, *“aí só acabou com Dourados, acabou com a nossa Dourados, as ruas ficaro só burraco”*.

Ao usar a expressão *“nossa Dourados”*, enfatiza o fato de que ele sente-se pertencendo a essa cidade e não um migrante que veio de fora e está de passagem. A cidade em que ele vive é esta e ela lhe pertence, porque trabalhou e contribuiu com o “progresso” da mesma, hoje, ajuda a fiscalizar o seu crescimento e desenvolvimento, por meio das ações dos prefeitos eleitos. Portanto, deixar as ruas emburacadas estraga a cidade a qual ele vive e pertence.

Dona Lindalva⁸⁸ que foi para a cidade em 1960 deixou transparecer o sossego que era a cidade:

Dourados era muito bom era um lugar muito tranqüilo a gente podia levantá cedo saí na rua não tinha problema, tinha muito barro muita escuridão muito mato, a gente vivia aqui como se diz de portas abertas, num tinha cisma de nada não, num tinha medo de ladrão, num tinha medo de nada, porque nada ofendia a gente era um lugar muito tranqüilo de muito sofrimento de barro, muito sofrimento mais eu gostava muito de Dourados como eu gosto até hoje

⁸⁸ Lindalva Alves de Carvalho, 75 anos, Estado de origem: Bahia. Entrevista realizada em 17/10/2002.

né. Só que tinha uma coisa aqui existia muita fartura naquele tempo chovia muito, tinha muita fartura e muita saúde o pessoal tinha né, era super bom par gente vivê Dourados, como até hoje é eu ainda gosto daqui né.

Essa fala de Dona Lindalva evidencia a tranqüilidade que era a cidade na década de 60. No entanto, ela traz em sua memória a tranqüilidade e o sofrimento vivido naquela década devido ao barro, a falta de luz e outras dificuldades impostas pela falta de estrutura existente naquele momento na cidade. Ela disse orgulhar-se de estar em Dourados, porque apesar do sofrimento que passou, era um lugar tranqüilo e bom para se morar, pois tinha muita fartura, chovia muito, as pessoas desfrutavam de muita saúde.

Dona Lindalva até hoje mora na cidade, é aposentada e vive sozinha em sua casa, disse ser muito feliz com as amizades que têm. Essa realização da Dona Lindalva deve-se ao fato de ter passado por dificuldades muito piores no nordeste, como, muitas vezes não tinha comida suficiente e os filhos ficavam doentes por desnutrição, por esse motivo ela disse que aqui *tinha muita saúde*.

No momento da entrevista veio em sua memória alguns episódios tristes que passou na sua região de origem, como; doenças com os filhos, problemas no parto com a falta de médico e a falta de conhecimento sobre remédios. Portanto, a saúde para ela é primordial. É no passado que ela vai buscar explicação para certos valores presentes no momento atual. Uma pessoa que passou por tantos problemas de saúde como os narrados por ela, hoje se considera realizada porque tem um posto de saúde perto da sua casa e pode consultar um médico quando quer e também tem como conseguir os remédios, isso não era possível na Bahia, seu estado de origem.

Em relação ao fato de que ela considerava Dourados uma cidade tranqüila, as pessoas podiam sair na rua que não tinha problema. Ela faz essa referência, porque a segunda vez que fui entrevistá-la, ela disse que a cidade hoje está muito violenta, porque há alguns dias passados, havia sido vítima de um golpe dentro da sua casa. Ela disse ter aparecido um homem dizendo que era filho de uma amiga e pediu um dinheiro emprestado pra comprar um gás, como estava sozinha em casa ficou com medo deu o dinheiro e ele não veio mais devolver. Dona Lindalva disse que percebeu que era um golpe, mas não podia fazer nada sozinha. Por isso, ela acha que hoje a cidade está violenta e só sai de casa para ir à igreja e ao médico, mas lembra que nunca lhe aconteceu nada a não ser esse episódio do golpe.

O Sr. José Germano⁸⁹ também traz em suas lembranças o medo da violência ele faz uma comparação da violência da cidade hoje e antigamente. Inicia os seus relatos dizendo que não tem coragem de voltar para casa, quando pára de tocar na Casa Nordestina local onde trabalha. A Casa Nordestina será discutida no terceiro capítulo:

Vou lá trabaio lá quando amanhece o dia, quando é treis horas da manhã que lá para treis horas né, lá mesmo eu fico armo uma rede lá na área lá no salão lá, quando é de manhã eu venho embora pra casa, eu vou sair de lá assim que termina pra eu vim me embora vou nada mais de jeito nenhum. Eu armo uma rede lá na sala e amanheço o dia dou umas cochiladas lá aí de manhã eu venho, eu tenho um medo danado. De primeiro não sei porque assim, mais antigamente eu não tinha medo de nada não, eu andava por aí por todo canto não tinha medo de nada não, não sei se era porque tomava uns goró a mais e bebo (bêbado) não tem medo de nada mesmo né, mais agora eu fiquei medroso não saio mais não, ...engraçado que nunca aconteceu nada comigo não, ninguém nunca mexeu comigo, mais eu fui criando medo e agora não tenho mais coragem de anda por aí não, tenho nada.

A razão desse medo originou-se mais pelo que se houve falar no rádio e o que se lê nos jornais. É claro que andar de madrugada pelas ruas sozinho é perigoso, mas como ele mesmo enfatiza nunca lhe aconteceu nada, mas disse; “ *fiquei medroso não saio mais não*”, esse medo está relacionado com as notícias da violência que acontece na cidade não por ele ser vítima dessa violência.

Em suas memórias, a maioria dos sujeitos lembram das dificuldades passadas, mas todos dizem estar bem hoje em Dourados e gostam da cidade. Eles dizem que sofreram, mas estão felizes, consideram-se realizados pois como pode ser evidenciado em suas falas, essa realização está relacionada à situação em que eles viviam nos lugares de origem. Em função disso, mesmo que não tenha dado certo viver no campo, eles vieram para cidade e lutaram para sobreviver e consideram-se vencedores.

Neste sentido, o Jornal Local parece corroborar com essa idéia de vencedores. Depois do final da década de oitenta e começo da década de noventa, principalmente, com o surgimento do CTN (Centro de Tradições Nordestinas) tem-se veiculado várias matérias na imprensa que enfatizam o nordestino como vencedor.

No dia 8 de outubro é comemorado o dia do nordestino. O Jornal *O progresso* veiculou uma matéria sobre nordestinos que vieram para Dourados e prosperaram. O jornal destaca o trabalho do Sr. Severino Lucena,⁹⁰ proprietário de uma loja de calçados:

⁸⁹ José Germano da Silva, 48 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

⁹⁰ Jornal O Progresso. Dia-a-Dia. *Da Paraíba para o sucesso em M.S.* 8 de outubro de 2002.

Quando se radicou em Dourados, Severino tinha como instrumento de trabalho, somente uma velha bicicleta. Carregando calçados na garupa ele percorria a cidade inteira, onde conquistou não só muitos fregueses, como também uma legião de amigos. “Me lembro como se fosse hoje, cheguei aqui em outubro de 1970, muita gente reclamava que a cidade tinha muito barro, eu disse, não me importo com o barro, o que eu quero é viver aqui, sei que vou me dar bem nesta cidade, Dourados é como coração de mãe” disse Severino Lucena.

O Sr. Severino Lucena disse que “*Dourados é como coração de mãe*”. Ele achou a cidade acolhedora e não se importou com o barro da década de setenta, com as ruas sem asfalto. Ele queria morar nesta cidade, porque acreditou que daria certo e hoje se sente filho dela. A forma como foi acolhido na cidade foi determinante não só para ele, mas para muitos dos entrevistados, foi uma motivação para que ficassem na cidade, as amizades consolidadas, o companheirismo foi importante para que permanecessem. O jornal enfatiza publicamente a idéia dos nordestinos terem tornados vencedores. Dessa forma, apaga as diferenças e dificuldades enfrentadas por eles ao chegarem na cidade.

No entanto, ao entrevistá-los, evidencia-se em seus relatos muitas contradições e adversidades enfrentadas por eles no decorrer do caminho percorrido. Todos se sentem vencedores, porém, o caminho percorrido por esses sujeitos para conseguirem essa realização foi perpassado por desarmonia, decepções, conflitos e algumas frustrações.

Conseguir uma aposentadoria, por exemplo, é considerado uma vitória para eles que sempre trabalharam a vida toda, como é o caso do marido de Dona Anizia⁹¹:

O ano passado ele tava trabalhando ali naquela firma que reformou, ali em frente do antigo Pluma (mercado da cidade). Então ele trabalhando ali naquela firma, quando ele machucou a coluna, daí ele foi pro médico o médico deu um atestado pra ele, daí ele foi, foi fazendo tratamento e o médico tirou ele do atestado e falou oh! Eu não vou liberar o senhor pra trabalhá por que o senhor não agüenta mais, o senhor não agüenta mais serviço pesado... agora, tá com dois meses agora dia 20 vai fazer três meses que foi lá pra fazer outra perícia outro exame, e daí a moça falou assim, não seu Valdemar o senhor não vai mais fazê perícia não, traga o seu papel aqui que eu vou encaminhar a sua aposentadoria... e tá aposentado graças a Deus.

Dona Anizia enfatiza o empenho da firma em ajudá-lo a se aposentar. Para ela, a firma estava fazendo favor e é sempre agradecida por isso. Tanto para ela e para o seu

⁹¹ Anizia Francisca da Silva, 59 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 06/08/2002.

esposo, conseguir aposentar-se é uma grande vitória, porque poderá cuidar do problema na coluna e ter o salário garantido todos os meses.

Dona Lindalva,⁹² que chegou na cidade em 1960, exerceu várias funções para sustentar os filhos. Ela estava sozinha e teve que reinventar estratégias para viver na cidade e não reclama de desemprego, sempre conseguiu trabalhar:

De carroceira pra cima eu fui. Aí eu vim lá pra rua Cuiabá fiquei nove anos lá com o bolichinho, só podia tocá bolicho (é uma mercearia de bairro que vende produtos como arroz, feijão, açúcar, óleo e outros gêneros alimentícios e de limpeza) porque outra coisa eu não podia fazê né... trabalhava na feira quando era no meio da semana quando chegava da feira no domingo já vinha com treis, cinco encomenda de pó-de-serra naquele tempo não tinha fogão a gás, fogão era a lenha e pó-de-serra, então quando o dia amanhecia a gente já tava lá na serraria grande que chamava serraria da Coimasa, e aí oh! eu tinha dois muleque de escola um ia pra escola e outro ia comigo e a menina ficava em casa era eu, daí era o dia inteirinho... até que graças a Deus paguei as minhas conta fiz a casa fiquei aí, comprei dois terreno um aqui nessa vila índio, tinha dois terreno, tinha dez metro de barraca coberto na feira.

A sua fala traz uma riqueza de elementos que podem evidenciar como viviam naquele momento. Quando disse: *“trabalhava na feira, quando chegava da feira, no domingo já vinha com treis, cinco encomenda de pó-de-serra, naquele tempo não tinha fogão a gás, fogão era a lenha e pó-de-serra”*. Apesar de estar na cidade ainda permanecem elementos do campo como o fogão à lenha. A jornada de trabalho de Dona Lindalva, para sustentar os filhos, não respeitava finais de semana, ela se dirigia à feira para trabalhar, além disso, ainda carregava o pó-de-serra quando chegava da feira.

Quando Dona Lindalva disse, que *“a menina ficava em casa era eu”*, ela queria dizer que a filha fazia todo o serviço de casa que ela deveria fazer. A vida de dona Lindalva na cidade não foi fácil como ela mesma disse, mas venceu. Vencer para ela está relacionado ao fato de ter uma aposentadoria que possibilita a ela comprar alimentos e os remédios e ter a casa para morar. Sente-se muito feliz também por ter boas relações com os vizinhos, os quais ela disse que estão sempre dispostos a ajudá-la. As mesmas relações de vizinhança e amizade que se estabeleceram quando os nordestinos chegaram a Dourados permanecem e, isso, é um motivo de realização até os dias de hoje. Enfatiza dona Lindalva, *“vivo aqui sozinha nessa casinha junto com os amigos, igual tá a dona Maria”⁹³ aí que é sempre a minha mão direita, mas outra que*

⁹² Lindalva Alves de Carvalho, 75 anos, Estado de origem: Bahia. Entrevista realizada em 17/10/2002.

⁹³ Dona Maria a que se refere é a Dona Maria Gomes que também foi entrevistada e me levou até a casa de Dona Lindalva permanecendo lá durante a entrevista.

tem ali, todas elas aqui, não tem o que dizer de ninguém, assim as mais chegadas né, e aqui tô pela graça de Deus.”

Ao narrar a sua história de vida fica triste quando se refere aos filhos, porque alguns moram na cidade mas não vão visitá-la. Em função disso, ela se queixa de que se os filhos soubessem do sofrimento que ela passou para criá-los deveriam “beijar os seus pés”. Ela não espera muita ajuda dos filhos e confia mais na vizinhança e nas amigas próximas.

O Sr. José Germano⁹⁴ chegou na cidade na década de oitenta e exerceu outras atividades que desenvolvia quando morava na cidade no Estado de Alagoas:

...aí eu fui contratado pra tocar lá, naquela época a Casa Nordestina só tinha mesmo o terreno. Aí, arrumei firma pra trabalhar, trabalhei um bocado de tempo, trabalhei ali no Jôquei Clube um bocado de tempo lá, trabalhei no aeroporto, daí fui me localizando aí tá bom, muito bom... Outro serviço, quando aparece outro serviço eu trabalho até de servente de pedreiro, eu já trabalhei quase dois anos na Preservar varrendo rua, depois saí e assim vou levando a vida, já trabalhei de faxineiro, qualquer serviço, servicinho assim é comigo mesmo.

O Sr. José Germano trabalha na Casa Nordestina. Ele toca lá nas sextas-feiras à noite e durante o dia exerce outras atividades as quais ele se refere. O trabalho desenvolvido por ele está relacionado com as atividades que desenvolvia em Alagoas. Lá, ele dirigia carro de som, tocava, “fazia de tudo um pouco”. Ele teve pouco contato com as atividades do campo, apenas quando era criança, por isso desenvolveu outras habilidades que já são próprias das cidades.

Quando esses sujeitos vão para cidade procuram meios para possibilitar o estudo para os filhos e para trabalharem, procuram, além disso, ter casa própria para morar, porque no campo eles não pagavam aluguel, mesmo os que não eram proprietários de sítios moravam em sítios de parentes e não pagavam por isso. Tinham ainda os que moravam em fazendas e pagavam com parte da colheita, que é diferente de pagar aluguel. Essa preocupação com o aluguel é referenciada na fala do Sr. José Barbosa⁹⁵ quando ele se dirigiu para cidade:

Eu cheguei aqui e comprei uma casa, eu aluguei uma casa, mas só foi por dois meses, aluguei a casa mais não agüentei não, paguei dois meses de aluguel falei não, não quero mais não, daí troquei o carro numa casa lá no Maria da Glória (escola da cidade), daí naquele tempo tinha um asfalto só até lá naquele posto da rua Bahia era só uma pista só né, e tinha asfalto ali, daí eu mudei troquei lá na rua palmeira da sete quadras do hospital Evangélico, daí já

⁹⁴ José Germano da Silva, 48 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

⁹⁵ José Barbosa da Silva, 68 anos, Estado de origem: Maranhão. Entrevista realizada em 09/05/2002.

diminuiu, vinha de lá até na rua Bahia né, daí pegava o asfalto, daí um começou na escola o outro começou trabalhá numa loja fazendo o pacotinho, o outro pegou serviço na escritório e foram assim, tem um que trabalhou no Bradesco.

É possível verificar pela sua fala, a importância em ter o próprio imóvel, pois pagou aluguel por apenas dois meses e em seguida comprou uma casa. Fica evidente em seu relato a importância conferida por essas pessoas às ruas asfaltadas e ao centro. Ao descrever o lugar onde morava, ele enfatiza que ficava mais fácil chegar nas ruas asfaltadas e ao centro da cidade, por isso, indica o ponto de referência para se seguir a distância do número de quadras que tinha que caminhar para chegar até o hospital da cidade, isso evidencia a proximidade com os bens necessários à sua vida.

O Sr. José Barbosa enfatiza o trabalho dos filhos. Logo que foram para cidade, eles passaram a ajudar no orçamento doméstico, porque estavam trabalhando. Como dito anteriormente, morar, trabalhar e estudar não são atividades desvinculadas, eram as três atividades mais importantes que precisavam desenvolver na cidade. O Sr. José Barbosa está aposentado por motivos de saúde e se sente ainda meio perdido por não poder trabalhar:

Me aposentei daí agora esses tempo agora esse outro rim piorou, piorou, foi indo disse que essa pedra num andava, daí o médico falou não vamo cortá e daí fez essa mesma operação que fez desse outro lado, daí agora tô bom mas era direto indo pro hospital por causa de negócio de pedra no rim. Mais não posso fazer mais nada, hoje mesmo eu catei umas cana aí em casa, eu tenho uma sitioca ali, mandei pra fazê garapa, não sei se foi porque eu fiquei abaixado mais olha tô com as costas que não agüento, dói, peso não posso pegar, aí virei vagabundo fico ali no Davi.

O Davi que o Sr. José se refere é o proprietário de uma mercearia próxima a sua casa, lá, ele passa algumas horas pela manhã e à tarde conversando com os amigos e vizinhos do comércio local. A sua esposa é costureira e ajuda na renda da casa. Percebe-se pela fala do Sr. José que ele se sente incomodado com o fato de estar aposentado e até mesmo se considera “vagabundo”. Ele sempre trabalhou na roça e quando mudou para a cidade trabalhou na construção civil, teve um problema de saúde e se aposentou. Depois de se aposentar, passou a vistoriar a obra da casa do filho que estava construindo, mas apesar de triste por estar aposentado ele gosta de Dourados.

A trajetória de Dona Lindalva⁹⁶ para conseguir a sua casa é interessante. Ela conta que quando foi para cidade ficou oito anos morando na casa de um amigo, que estava morando na fazenda. Nesse período, ela não pagou aluguel, de repente o amigo pediu a casa e então ela teve que providenciar um outro lugar. Então, comprou um terreno para pagar a prestação e trabalhou dobrado para construir e pagar a casa. Além de trabalhar na feira, carregava pó-de-serra em sua carroça para poder ganhar mais, como já descrito quando me refiro aos serviços por ela desenvolvidos. A casa que construiu é a que mora até hoje. Ela conta como foi a luta para construí-la:

Eu disse oh! seu João! o senhor sabe quem tem um terreno bom aí pra vendê, barato a prestação, sem entrada sem saída sem tempo de pagá, me lembro que eu falei pra ele tudo isso né, daí ele deu risada e disse pra quem esse terreno? Eu falei: pra mim.

O Sr. João indicou para Dona Lindalva seu Lele que tinha um terreno. Então, ela foi conversar com ele:

Ele disse eu tenho mais é longe e é dentro do mato, falei não importa. Eu tinha disposição, era nova, tinha disposição corage para trabaiá nunca me faltou né.

Depois de conseguir o terreno, Dona Lindalva conta como fez para construir a casa em dois meses. Ela era muito conhecida na cidade, tinha muitas amigas e isso a ajudou bastante, fez tudo isso sozinha, porque não tinha marido e os filhos ainda eram pequenos não podiam ajudar muito:

Daí cheguei na prefeitura falei com o Mané: eu tô precisando de uma coisa, lembro que eu falei desse jeito. Que que você que baiana? Todo mundo me tratava de baiana, eu falei: eu comprei um terreno e eu quero ele limpo essa semana, se for possível hoje. Eu já sei que você é doída como é que é? Eu falei é assim, assim, assim... Olha guria o mato era de cortá de machado, mas eu sou maluca mesmo, e mais maluca é ele que chegou aqui meteu a máquina e regaçou isso tudo aí de cabeça a riba assim, virou aquela coluna de terra com raiz com tudo, eu sei que no outro dia tava limpinho o terreno, já cheguei com o poceiro aí já mandei fazê o poço com dois mês a minha casa tava pronta, daí comprei fiado, eu andava nessas serraria, eu conhecia Deus e todo mundo né graças a Deus com dois mês a minha casa tava pronta com noventa dia eu não devia um tostão pra ninguém.

Essa foi a luta de Dona Lindalva para construir a sua casa, ela conta com orgulho e diz que sempre foi honesta e não gosta de dever para ninguém. As coisas dela eram todas certas, “fazia e pagava”, ainda que tivesse que trabalhar dobrado mas não

⁹⁶ Lindalva Alves de Carvalho, 75 anos, Estado de origem: Bahia. Entrevista realizada em 17/10/2002.

reclamava, porque segundo ela: “*eu era nova e tinha disposição*”. Mais uma vez é possível perceber que o fator amizade foi determinante para sobrevivência desses nordestinos. As relações de vizinhança e amizade por ela criado sempre foram muito importantes em sua vida, ela está sempre agradecendo aos amigos que a ajudaram vencer algumas dificuldades.

Aqueles laços de sociabilidade criados no campo, também os acompanhavam na cidade. Eles podiam contar com a ajuda dos vizinhos e dos conhecidos para fazer com que as condições de vida fossem melhores.

Dona Anizia⁹⁷ relata como fez para sobreviver na cidade e hoje considera-se feliz, pois os filhos conseguiram trabalhar e estão todos bem:

Eu trabalhei um pouco de doméstica, não muito tempo, eu de lavadeira, eu trabalhei de lavadeira muitos anos, dez anos eu trabalhei de lavadeira teve época que eu lavava de cinco família porque eu precisava os filhos tudo grande despesa era grande e eu trabalhava.

As atividades encontradas para desenvolver eram sempre as que pudessem ser desenvolvidas em casa, pois essas mulheres necessitavam cuidar da própria casa e dos filhos, então o serviço de lavadeira foi a opção encontrada.

A igreja foi o lugar onde Dona Anizia encontrou apoio para viver na cidade. Ela sempre agradece muito a Deus pela situação em que está hoje, foi através do clube de mães da igreja do bairro onde mora que conseguiu fazer alguns cursos e deixar de ser doméstica e lavar roupa:

Daí foi através do clube de mães que eu comecei a fazer curso né, tinha curso de mãe, eu comecei a fazer curso de bordado, de crochê de tricô de tudo quanto é coisa daí uma época eu tava no clube de mãe fazendo curso de pintura daí me elegeram presidente do clube trabalhei oito anos depois eu larguei mão de lavar roupa de passá, daí eu fiquei nessa faço chinelo, tudo isso eu aprendi no clube de mães, chinelo, bordado, tricô, eu aprendi no clube de mães sabão frio. É assim sabão frio eu faço só pra minha despesa por que não dá comércio, mais daí eu faço chinelinho pra vendê eu faço bordado crochê essas coisas, o meu dinheirinho eu ganho nisso daí, não trabalhei mais pra fora, não lavei mais ropa pra fora.

Através dos cursos feitos no clube de mães, ela teve condições de continuar trabalhando em sua própria casa, sem ser necessário lavar roupa, desenvolve essas atividades até os dias de hoje. Disse que não precisa mais trabalhar, mas gosta de fazer

⁹⁷ Anizia Francisca da Silva, 59 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 06/08/2002

alguma atividade e ter um dinheirinho para ajudar nas compras da casa e dos seus objetos pessoais.

A igreja está presente na vida de Dona Anizia em todos os momentos de sua vida, inclusive, é lá que ela exerce suas atividades de lazer e as relações de sociabilidade e vizinhança.

A realização das expectativas criadas por esses sujeitos sociais ao chegarem em Dourados e a satisfação por estar vivendo nesta cidade, ficam evidente, em suas falas, quando narram sobre a sua relação com o lugar de origem. Embora todos afirmem não querer voltar a morar no nordeste, eles mantêm vínculos com familiares que lá deixaram e alguns sempre vão a passeio. O Sr. José Barbosa⁹⁸, por exemplo, quando eu lhe perguntei se tem vontade de voltar para o nordeste ele afirma:

Não, se eu ganhar na loteria três vezes sozinho eu não vou mais lá, quero ficar aqui mesmo, minha família tem os meus primos lá que era bem de vida, lá me fazia muita raiva, naquela época não existia carro nem bicicleta era um cavalo arriado né, eles tinha aqueles cavalo arriado de ponta a ponta né, eles tinha açude não dava água pra ninguém, quando chovia que enchia eles abria aquele açude a água escorria, nois não tinha açude a coisa era brava pra nós.

Em sua fala é possível analisar quais foram as suas razões para sair do Maranhão, o fato dos familiares terem todos os bens citados e ele não os possuir, foi o motivo que o levou a partir e hoje como tem casa para morar a aposentadoria, lá, ele não quer voltar, pois os seus primos, segundo ele, fizeram ele passar muita raiva nos tempos de dificuldade. O Sr. José Barbosa voltou ao Maranhão para passear mas morar lá novamente ele não quer. Quando a mãe ainda era viva às vezes ele ou um dos irmãos a buscavam para ficar entre os irmãos.

Dona Maria Gomes⁹⁹ depois que deixou o nordeste, não voltou lá nem mesmo para passear e explica:

Eu vai fazê, no meio do ano que vem faz cinqüenta anos que eu me casei, então, faz cinqüenta e um anos que eu vim pra cá e nunca mais voltei lá.

Quando eu lhe pergunto se não tem vontade de ir passear lá ela afirma:

Eu não tenho porque eu penso assim aquelas pessoas que eu conheci, aquelas pessoas que eu gostava não existe mais, já se foram tudo, morreram né, se eu chegar lá eu sou estranho para eles e eles são estranhos para mim, porque

⁹⁸ José Barbosa da Silva, 68 anos, Estado de origem: Maranhão. Entrevista realizada em 09/05/2002.

⁹⁹ Maria Gomes dos Santos, 68 anos, Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 17/10/2002.

mesmo algumas amigas que ainda são vivas mais já tão diferente é mesmo que ser estranho.

Depois de cinquenta anos morando em Dourados, Dona Maria Gomes sente-se realizada. O nordeste é visto por ela como um lugar estranho, onde ela não reconheceria ninguém e também não seria reconhecida. Em sua fala evidencia a satisfação em estar na cidade e o quanto, a boa acolhida e as amizades que fez, foram determinantes para que ela se sinta “à vontade” no lugar onde está. Ela pertence à cidade de Dourados não é uma estranha para esta cidade e as pessoas com as quais convive. Ao contrário ocorreria se retornasse ao nordeste, porque os vínculos de amizade estão longe da sua vida em Dourados.

Quando Dona Maria Gomes dirigiu-se a Dourados, já fazia um ano que tinha deixado Pernambuco com o pai e um irmão. Foi para São Paulo, o pai e o irmão retornaram ao nordeste e ela não quis voltar. Disse que queria ser alguém, não queria voltar como veio, gostaria de possuir roupas e calçados diferentes dos que tinha lá em Pernambuco: *“mas eu como moça eu tinha vaidade eu queria chegá lá diferente com roupa nova, calçado tudo, eu tinha que voltar do mesmo jeito que vim!, e eu não queria, acho que a gente tem vaidade e eu queria chegá lá diferente”*.

As mulheres reelaboram os problemas e as expectativas de uma outra maneira. Dona Maria Gomes quando saiu do nordeste tinha como expectativa voltar diferente e essa diferença, para ela, era ter roupas e calçados novos, por isso não voltou com o pai e o irmão depois de morar um ano em São Paulo. Ela se casou e veio para Dourados com a família do esposo. Ela disse que as amigas vinham para São Paulo e voltavam diferente, ela também queria fazer o mesmo, a mudança para São Paulo criava nela a expectativa de pode mudar, de possuir outras roupas e calçados.

Depois, o tempo passou as mudanças aconteceram, ela teve condições de possuir os seus calçados e roupas como queria, mas em meio a essas mudanças criou-se também outras amizades em Dourados, com essas amizades consolidadas não sentiu mais vontade de retornar ao nordeste.

O Sr. José Germano¹⁰⁰ também revela o quanto as amizades são importantes para ele. Disse que gosta de Dourados porque tem amigos:

Gosto graças a Deus aqui eu já tenho muita amizade aqui o pessoal todinho já me conhece, acho bom.

¹⁰⁰ José Germano da Silva, 48 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

A sua satisfação por estar em Dourados é justificada pelo fato de ser conhecido na cidade de ter muitos amigos e esses amigos têm consideração por ele. Isso possibilita analisar o quanto essas amizades são importante para esses sujeitos. Ele têm muitos irmãos no nordeste e depois que veio para Dourados não voltou mais lá. Ele disse que tem vontade de voltar mas não tem condições:

Eu escrevo pra lá eles sabem o endereço mais eles não pode vim pra cá, também lá pra lá é pior do que aqui, aonde diacho eles vai arrumá dinheiro pra viajá pra cá, não tem condições, o jeito é ficá como tá mesmo, eu tenho quatro irmão lá que pode viaja, eles têm dinheiro né, outros não tem, eu tenho um irmão que tem uma fazenda em Pernambuco que é o Cícero tem o Juarez em Viçosa (Alagoas) o outro que tem fazenda lá. Esse pessoal aí tem dinheiro, agora um pé rapado que nem eu não tem dinheiro pra tá viajando pra lá e pra cá, não tem, tem que ficar quieto.

O Sr. José Germano alega não ter condições financeiras para passear em Alagoas, não voltou mais lá depois que saiu. No entanto, esse distanciamento dos irmãos após ter mudado para Dourados, pode estar relacionado à forma como ele deixou o nordeste:

Eu vim pra cá não foi por nada não, eu vim pra cá foi porque eu perdi os meu pai, vou ficá aqui dependendo de parente nada, vou me metê no meio do mundo, quando eu tinha os meu pai a vida era outra né, tava numa boa não sabia quanto me custava um quilo de feijão, meus pais dava de comê, ropa lavada e cama forrada né, depois a cabô a mordomia eu perdi minha mãe, perdi meu pai eu ficá lá dependendo de irmão nada, daí eu me revoltei digo, eu vou embora daqui, ai vim embora.

O apego do Sr. José Germano ao nordeste está diretamente ligado ao apego que ele tinha com os pais. O envolvimento dele era com os pais, como eles não estão mais lá, então, não dá tanta importância aos irmãos, já que encontrou em Dourados amizades que podem substituir o convívio com esses familiares.

O Sr. José Alves¹⁰¹ fala da sua expectativa ao sair de Alagoas e se dirigir, primeiramente, a São Paulo e depois ao Paraná, ele descreve a sua relação com o local de origem:

Naquele tempo a gente pensava que São Paulo era aquilo, o povo falava lá, aquele povo que vinha que o dinheiro corria, como de fato corre mesmo, só que eu não alcancei ele, ele correu mais do que eu, aí o dinheiro correndo, e eu correndo atrás, mas não consegui até hoje pegar esse dinheiro (risos). Daí quando foi com dez anos eu já era casado, o meu pai mandô um irmão meu pra vim cuidá da minha lavoura no Paraná pra eu ir pra lá, daí um irmão meu

¹⁰¹ José Alves dos Santos, 60 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 07/08/2002.

ficou em casa, eu já tinha dois filhos e a Tereza tava grávida de outro, daí o meu irmão veio pra ficar cuidando da minha lavoura, daí que eu fui passear lá.

O Sr. José Alves queria voltar ao nordeste, mas não como saiu, pois pensava no que tinha deixado para trás e como seria triste voltar sem nada. A sua expectativa ao sair do nordeste era de conhecer um lugar novo, onde se anunciavam maravilhas e depois voltar para sua região. Mas ele disse que logo fez amizades em São Paulo, gostava de tocar violão e as pessoas gostavam dele. Então, pelas amizades e pelo gosto pelo local foi ficando.

O Sr. José Alves sempre vai ao nordeste visitar os irmãos e a mãe que vivem lá. Ele disse que gosta muito de ir lá porque além de visitar os parentes, pode matar a saudade das comidas que a mãe faz, as quais ele sente saudades e pode ouvir as músicas. Ir ao nordeste, para ele, significa uma aproximação dos costumes vividos lá. Esse gosto pela comida sentido por ele será abordado no terceiro capítulo desse trabalho.

Na fala de Dona Romana¹⁰² ela deixa transparecer que a satisfação em estar em Dourados é o fato de ter sempre conseguido emprego. O seu marido logo que chegou empregou-se e o fator de ter emprego é visto por ela como sinônimo de fartura e tranquilidade:

Aqui em Dourados, quando eu cheguei aqui em Dourados eu achei muito bom porque tinha emprego né, meu marido se empregou só em uma firma ele ficou trabalhando cinco ano, eu achei aqui bom porque não faltou emprego pra ele nem pra mim também, ele ia trabalhá e eu também ia trabalhá assim na casa de família né e aqui também eu achei muito bom aqui, não tenho o que dizer, aqui em Dourados é muito bom.

Dona Romana enfatiza a questão do emprego pelas dificuldades que passou no nordeste, como já citado anteriormente. O seu marido trabalhou em uma serraria da cidade e empresas da construção civil, depois na década de setenta soube que o governo estava dando terra de graça em Rondônia e foi para lá “tocar roça” como ela disse. Lá, ele morreu por causa de uma picada de cobra e ela retornou para Dourados. Até hoje se sente muito satisfeita com a cidade e vive da pensão recebida por ocasião da morte do esposo.

Ao final da sua entrevista, Dona Romana usou uma frase que expressa toda a sua satisfação por estar em Dourados, caracterizou bem os motivos que a fizeram deixar o

¹⁰² Romana Pereira Freire, 60 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 08/08/2002.

Ceará no passado, afirma ela: *“É, aqui não tive dificuldade quando cheguei aqui não teve dificuldade de jeito nenhum, foi bom mesmo, às vezes eu deito assim é noite né, não fico preocupada com água né, porque tem que fazer comida e tem água a vontade todo dia”*. As falas evidenciam as expectativas trazidas por cada um, embora os aproximem na busca de melhores condições, os diferenciam no significado atribuído à melhoria de qualidade de vida. Para Dona Romana, por exemplo, essa melhoria estava relacionada a água para cozer os alimentos já que ela havia sofrido muito com a seca no Ceará.

O Sr. João¹⁰³ em sua fala refere-se ao momento em que chegou em Dourados, em 1963, para ele aquele era um tempo muito bom:

Então eu vim conhecê aqui a região, fiquei, com dezesseis anos de idade, e fui trabalhar muito bem com minha família fui abrir propriedade mais meus irmãos e uns tempo muito bom naquela época e terminei me dando muito bem, e aqui gostei fiquei por aqui mesmo esqueci de volta no norte tinha pai tinha mãe, eles também vivia uma vida financeira muito boa lá tinha bastante terra pra trabalhar né e resolvi ficar por aqui e to até hoje.

Em sua fala fica evidente a satisfação em dizer, “que aqueles eram tempos bons”, porque podiam trabalhar, abrir propriedade. Em seguida, remete-se ao nordeste para falar do quanto a vida lá também era boa. Apesar da vida no nordeste ser boa, ele optou por continuar em Dourados.

Embora os entrevistados com os quais dialoguei, sintam-se realizados hoje na cidade por terem conseguido possibilitar estudo aos filhos, trabalhar e ter a sua própria casa. Eles ainda mantêm laços afetivos que os ligam a região de origem. Em suas memórias, sempre aparece a lembrança do nordeste, a relação com a região de origem confirma-se porque mantêm em seu cotidiano hábitos/costumes que trouxeram dos seus viveres no nordeste. Isso evidencia que a região de origem não é um espaço apagado em suas lembranças. E é sobre esses hábitos trazidos e outros que foram sendo adquiridos ao longo de suas trajetórias que tratarei neste terceiro capítulo.

¹⁰³ João Ferreira Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

TRÊS

**MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS:
A EXPERIÊNCIA DE SER NORDESTINO EM DOURADOS**

*Para falar nas tradições
Do nosso nordeste amado
Tem buchada e sarapatel
Cuscus com frango guizado
Cabidela de galinha
Fubá de milho torrado*

*Agora aqui em Dourados
As comidas são diferentes
Tem a Casa Nordestina
É que sempre alegre a gente
Tem forró e tem buchada
Tem carne seca e aguardente
José Alves dos Santos¹⁰⁴*

Nos capítulos anteriores procurei analisar a história dos sujeitos sociais entrevistados, tanto no campo como na cidade. Pude perceber em seus relatos que as histórias desses sujeitos foram permeadas por fortes laços de sociabilidade e solidariedade desde que chegaram à região. Quando chegaram no campo foram acolhidos em casas de parentes, receberam ajuda na construção das casas e no período da colheita. Na cidade, contaram com a solidariedade dos vizinhos.

Ao deixarem as regiões de origem esses sujeitos passaram por um processo de transformação porque deixaram no Nordeste muitas das tradições vivenciadas por eles com os seus familiares. Nesse sentido, eles tiveram que reinventar o seu viver em outros espaços seja no campo ou na cidade e passaram por mudanças que não estavam determinadas apenas pela mobilidade de uma região para outra, mas sim por

¹⁰⁴ José Alves dos Santos – também conhecido como – Zé Barbeiro, foi um dos entrevistados que chegou em Dourados no ano de 1977 dirigindo-se para cidade. Ele sempre compõem repentes que são publicados no jornal. Esse repente foi criado por ele, a meu pedido, especialmente para ser usado nesse trabalho.

transformações que aconteceram no seu cotidiano. E nesse processo de mudança alguns costumes/hábitos foram mantidos e outros alterados ao longo da trajetória.

Os laços de amizade e sociabilidade que os unem ao longo das trajetórias percorridas concretizam-se para alguns desses sujeitos quando vão à Casa Nordestina e ao CTN (Centro de Tradições Nordestinas) para conversarem com os conterrâneos. Neste capítulo, por meio dos relatos desses sujeitos, analisarei o significado conferido por eles a esses espaços que se colocam como espaços onde se “resgata” os hábitos e costumes da região nordeste.

Antes de analisar os relatos a respeito da importância para os nordestinos da Casa Nordestina e do CTN, apresento alguns dos hábitos que faziam parte de suas vidas no nordeste e que foram preservados em Dourados. Isso se expressa principalmente em relação aos hábitos alimentares, tais como; o tipo de comida e o modo de preparar os alimentos.

Busco problematizar, neste terceiro capítulo, as permanências e mudanças dos costumes desses sujeitos na nova realidade social por eles vivida. Esses nordestinos tentam resignificar suas práticas culturais que não estão desvinculadas dos hábitos cotidianos, tais como; a comida e a diversão.

O “ser nordestino” não é identificado apenas pelas lembranças do lugar de origem, mas evidencia-se por meio do que ainda permanece em Dourados dos hábitos vividos no nordeste e, por isso, um dos costumes que todos ainda fazem questão de manter são certos hábitos alimentares adquiridos no convívio familiar no campo lá no nordeste.

Embora faça muitos anos que estão em Dourados e se sintam pertencentes a essa cidade, recordam em suas memórias das festas e das comidas nordestinas. Ao falarem sobre os seus hábitos alimentares o que é preservado no cotidiano de alguns desses sujeitos é o costume de fazer a comida como a mãe ou a esposa faziam lá no nordeste. Por outro lado, existem outros que não conseguem preparar os alimentos do jeito que preparavam no nordeste.

Nesse sentido, em suas lembranças, ao se referir aos gostos pelas comidas eles se remetem principalmente à maneira como se preparavam os alimentos que vem carregada de sentidos e tem relação com os sentimentos e afetos construídos no nordeste.

Dessa forma, quando descrevem os seus hábitos alimentares nos dias atuais, todos afirmam que preservam de alguma maneira comidas preparadas no cotidiano vivido no nordeste, como é o caso do Sr. José Alves¹⁰⁵:

A minha esposa faz, de vez em quando um cuscuz, uma comidinha com farinha, eu peço pra ela fazer ela faz. De vez em quando ela cozinha um peixe pra mim, só cozinhado mesmo, com feijão e arroz do jeito do nordeste, com molho. Os meninos não come, de vez em quando eu compro uma buchada lá na casa nordestina como sozinho, os meninos não come, e essas coisas assim. Me dá uma saudade danada, se eu fosse uma pessoa rica eu ia comer a comida do nordeste, eu ia buscar uma nordestina lá só para fazer o meu prato do jeito de lá, nada de feijão, arroz e carne.

Em sua fala aponta para permanências e mudanças ocorridas ao longo do tempo. Isso fica evidente na diferença dos hábitos de sua geração e a gerações dos filhos. O Sr. José Alves explicita quais são seus hábitos alimentares hoje mas gostaria que fosse como no nordeste. Com isso enfatiza que há diferenças nos gostos e hábitos alimentares dele e de seus filhos. O tempero bem como os ingredientes usados para elaboração dos pratos em Dourados são diferentes, pois os tempos são outros, a cultura que os seus filhos foram educados é outra.

Quando ele diz: “*eu ia buscar uma nordestina*”, isto é significativo no sentido de que, para fazer essa comida tem que ser nordestina. Para ele, somente uma pessoa de lá é capaz de temperar de forma que o sabor seja de comida nordestina, por este motivo está sempre fazendo referência à comida que a mãe fazia.

É possível dizer que as recordações que eles trazem do nordeste não está relacionada apenas às pessoas que lá deixaram mas também aos hábitos e costumes daquela região, como; o gosto pela comida, ao afirmar: “*dá uma saudade danada,*” ele está referindo-se aos hábitos alimentares que deixou, hábitos esses que se davam junto com a sua família no campo.

Termina sua fala dizendo que se tivesse uma cozinheira nordestina não comeria arroz, feijão e carne, que são os hábitos alimentares do presente. Isso ocorre porque os filhos não gostam da comida como a mãe dele fazia em Alagoas, foram acostumados com outro tipo de alimentação. Esses hábitos alimentares são característicos do local onde vivem atualmente porque são incorporados outros pratos e outros hábitos alimentares e a relação familiar também é outra. Nesse sentido, tem que habituar-se aos costumes da família com a qual agora convive, por isso, teve que mudar os seus

¹⁰⁵ José Alves dos Santos, 60 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 07/08/2002.

costumes alimentares. Quando eu lhe pergunto se sentiu diferença em relação a comida quando chegou, ele disse:

E muita! até hoje eu sinto (está se referindo à diferença). Inclusive na minha casa a comida é feijão, arroz e carne, feijão, arroz e carne todo dia. Eu fui lá agora no nordeste, dá até gosto vê, a minha mãe eu cheguei lá no sábado de noite, no domingo meio dia já comi uma buchada, ela ainda fez o pirão da buchada, cuscuz, e arroz e farinha e pimenta, Ah! galinha de capoeira que nem eles fala lá (é a galinha caipira). Lá é completamente diferente, as comidas tudo, eu mesmo se eu pudesse eu só comia as comidas de lá.

Essa fala possibilita identificar o prazer que o Sr. José Alves sente em comer a comida do nordeste preparada pela mãe. Em suas narrativas, ele traz à tona as diferenças dos hábitos alimentares existentes entre as pessoas que vivem em Dourados e as que vivem no nordeste. Por fim, enfatiza: *“lá é completamente diferente”*. Ele aponta ainda as diferentes denominações das comidas. Alguns pratos preparados lá recebem outro nome em outras localidades, como a chamada “galinha de capoeira” que em outros locais é chamada de “galinha caipira”.

Sr. José Alves traz em sua fala traços que referenciam o ontem e o hoje, o passado é revivido quando visita a mãe na região de origem. Essa fala possibilita identificar o gosto relacionado ao cotidiano vivido por ele no nordeste, quando se remete à mãe fazendo a buchada e o prazer em comê-la. Em seus relatos deixou explícito o seu gosto pela comida do nordeste quando disse que se pudesse traria uma pessoa de lá para cozinhar para ele e em seguida, disse que se pudesse só comeria as comidas do nordeste. No entanto, ao mudar para uma outra região com hábitos alimentares tão distintos, ele precisou fazer algumas modificações nos hábitos alimentares até mesmo para agradar aos filhos porque eles cresceram em um contexto diferente do pai e não foram acostumados com as comidas do nordeste. Por isso, não a apreciam. O Sr. José Alves, no entanto, mesmo tentando habituar-se aos gostos alimentares de sua família não esqueceu da comida preparada pela mãe em Alagoas.

Os sujeitos entrevistados ao se referirem às comidas do nordeste, os produtos referenciados por todos são a farinha e o feijão, alguns se referem ao milho, já o arroz, todos são unânimes em dizer que era preparado basicamente em dia de festa e a forma como se preparava era diferente, como lembra Dona Maria Gomes¹⁰⁶:

¹⁰⁶ Maria Gomes dos Santos, 68 anos, Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 17/10/2002.

Eu como, quando eu faço, o cuscuz, lá no norte também é muita comida de milho né, põe o milho seco de molho mói na máquina, lá fala cherm para comer com leite, faz o cuscuz, para comer com leite né. Então as comidas de lá mais é assim, né, feijão com farinha. Arroz é só em festa. Lá a gente comia arroz só em festa, macarrão só em festa, eu lembro a primeira vez que eu comi macarrão, casou-se uma prima minha né, e então sobrou muito macarrão e mandaram lá pra casa, aí eu achei delicioso e hoje eu não gosto, mas achei muito gostoso. E lá tinha um costume de fazer o arroz falava arroz espichado né, escaldava aquele arroz só com água e sal e depois pnhava numa peneira para escorrer.

Os hábitos alimentares estão relacionados também às condições sociais da pessoa em sua região de origem, para ela que passou por muitas dificuldades em Pernambuco e algumas vezes teve dificuldade até de encontrar água para beber quando tinha o cherm com milho pisado era uma grande refeição.

Devido alguns traumas vividos por ela quando morava em Pernambuco Dona Maria Gomes disse que, no presente, não preserva muito das comidas da região de origem, disse que faz apenas o cuscuz e o biju de vez em quando. Dessa forma, mantém o hábito de algumas comidas preparadas com milho. Isso evidencia que os hábitos preservados estão também relacionados com as experiências sociais boas ou não vividas por esses sujeitos. Dona Maria Gomes em sua narrativa disse ter passado muita fome em Pernambuco e lembra-se com tristeza de uma dessas experiências:

...uma coisa que me marcou muito. Nós tava sem nada, sem nada em casa, e não tinha nada, e a mãe tava pra lá trabalhando nessa casa, e era longe, daí ela chegou mais ou menos meio dia nós tava tudo igual passarinho no ninho com a boca aberta, ela foi numa venda comprou peixe seco e farinha de mandioca e cozinhou aquele peixe e fez um pirão, foi o pirão mais gostoso que eu comi na minha vida né, porque a gente tava com fome mesmo.

Essa fala possibilita inferir que o desapego de Dona Maria Gomes das comidas regionais e a fácil adaptação aos novos hábitos alimentares estão relacionados às dificuldades passadas em sua região de origem, onde ela tinha uma alimentação precária, por isso muitos ficam maravilhados com a “fartura” encontrada em Dourados e logo substituem o que comiam no nordeste por outros alimentos. Para Dona Maria Gomes os momentos difíceis passados no nordeste criaram marcas e alguns traumas que não foram superados por ela.

O feijão era um produto de fácil acesso na região nordeste, já o arroz era mais difícil de ser comprado e também plantado devido ao solo pouco propício para o

desenvolvimento desse produto. Na fala do Sr. Cláudio¹⁰⁷ ao se referir aos hábitos alimentares do Ceará, estado de onde veio, fica evidente a preferência pelo feijão. Ele narra:

O almoço e a janta, geralmente a janta, era um tipo de alimentação a base de feijão; feijão na nossa região era muito mais comum do que o arroz. Parece ao contrário do costume que tem aqui de ter mais arroz do que feijão... lá era invertido. Era mais difícil você produzir arroz do que feijão. Feijão com farinha e um pedaço de carne, feijão com farinha e ovo, e as vezes, uma vez ou outra por semana, a um arroz, porque era mais difícil.

O arroz, de acordo com o Sr. Cláudio, era escasso nas refeições cotidianas do nordeste, a base da alimentação era o feijão. Esta mudança na maneira como se procedia a alimentação causou-lhe um certo estranhamento. Ao dizer que era mais difícil conseguir o arroz, pode-se relacionar esse fato à pouca produção desse produto na região e o seu elevado preço. Já o feijão era cultivado por eles e poderia ser adquirido com mais facilidade e com um preço melhor, bem como a farinha que era produzida na região.

Essas mudanças ocorridas na vida desses sujeitos são agora elaboradas e pensadas em uma outra perspectiva com a consciência de quem já passou pela situação e a interpreta com base nas transformações ocorridas.

Dona Romana¹⁰⁸ que passou por dificuldades no Ceará, e era acostumada a comer o arroz como Dona Maria Gomes referenciou, disse que estranhou o arroz feito em Dourados, mas depois se acostumou e não sabe fazer como antes:

*As comidas lá no nordeste é **acostumado** a fazer o arroz, só joga dentro da água né, aí quando eu cheguei aqui eu custei a **acostumar**, aqui era ruim, colocava o óleo né colocava o alho e fritava, lá não lá ninguém tinha essa história de usá óleo, não sei hoje, se a gente pudesse e gostasse, mas ninguém podia né, até que teve uma vez que eu fui fazer a comida né, eu só ponhei a água no fogo e joguei o arroz dentro, daí a minha tia falou assim: - Ah! minha filha esse arroz ninguém vai comê. Daí ela tirou o arroz da panela escoou foi colocá óleo, foi me ensiná que eu não sabia, eu só fazia assim joga dentro da água coloca sal, às vezes colocava às vezes colocava assim no Ceará né, comprava aqueles litros de leite de coco passava assim, mais pra fazê assim diariamente deixa já feito ninguém fazia, isso daí era lá uma vez quando tinha né. **Daí aqui eu acostumei**, agora se não tiver o óleo ou o alho pra frita eu não sei fazê, nunca mais fiz arroz que nem era lá. (grifo meu)*

¹⁰⁷ Cláudio Freire de Souza, 52 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 17/12/2002.

¹⁰⁸ Romana Pereira Freire, 60 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 08/08/2002.

O costume é uma característica marcante na fala de Dona Romana, ela disse que o costume de fazer o arroz no nordeste era daquele jeito, sem óleo, só jogar dentro da água e cozer. Dessa forma, demorou a se acostumar com o modo de preparar a alimentação em Dourados porque era necessário colocar óleo, alho e fritar e só depois colocar o arroz mas depois que se acostumou não sabia mais fazer como antes.

A maneira de realizar suas atividades domésticas e cozinhar estava relacionada à experiência vivenciada com a mãe e também à sua condição social, pois em sua narrativa apresenta uma forma diferente de preparar o arroz no Ceará, mas o arroz não fazia parte das refeições diárias era de vez em quando, portanto, o costume foi determinante para mudança de hábitos alimentares de Dona Romana. O viver em Dourados é diferente do viver no Ceará. Dessa forma, os costumes vão modificando.

Tanto Dona Maria Gomes como Dona Romana acreditam que esses costumes tenham modificado porque eram costumes da época delas, mas como no presente as condições de vida são outras, elas acreditam que também lá no nordeste o preparo do arroz tenha sido modificado.

Pela fala de Dona Romana pude perceber que a forma como se preparava o arroz no Ceará, além de ser um costume, estava relacionada às condições sociais das pessoas. Algumas pessoas não podiam adquirir certos produtos, como; o óleo. Ela como foi uma pessoa que passou por muitas dificuldades logo se adaptou à forma como comiam em Dourados. No entanto, os costumes dela mudaram não somente porque mudou de região, mas porque as suas condições sociais também eram outras. Desta forma, os hábitos alimentares também foram modificados. A mudança de hábito não aconteceu apenas pela troca do espaço geográfico, mas foram modificados pela mudança no seu modo de viver neste outro espaço.

Dona Romana continua em sua narrativa com as lembranças das comidas, relacionando-as com as privações que passava no Ceará e com a “fartura” encontrada em Dourados:

Lá no Ceará tinha muita fruta, mas quase não podia comprá né, aí cheguei aqui, achei muita fruta assim, banana, maçã, tomate né, verdura mesmo alface essas coisa quase nunca faltou a gente tinha à vontade né, lá não, não tinha... Achei muito bom as comida aqui, fui pra casa do tio dele (se refere ao marido) que era fazendeiro daí fiquei dois anos, e era queijo era coalhada, leite. Leite era todo dia, assim que eu cheguei do Ceará pra qui mesmo né, tinha dia os primo do meu marido deixava três litros de leite pro menino em casa.

É interessante observar como os costumes alimentares e os gostos estão diretamente relacionados às condições sociais vividas tanto na região de origem como ao chegar em Dourados. No Ceará, ela morava na cidade, então embora tivesse muita fruta no campo, ela teria que comprá-la e não havia condições financeira para tal. Em Dourados, no entanto, ela se sente realizada com a fartura, pois na fazenda do tio podia usufruir das frutas, verduras e leite sem ter que pagar por esses produtos. Diferente de Dona Romana, Dona Anizia¹⁰⁹ que também veio do Ceará, mas morava no campo, refere-se à fartura de frutas que havia na sua região de origem, a história de Dona Anizia diferencia-se da história de Dona Romana, o pai de Dona Anizia morava nas proximidades da Serra do Araripe e tinha direito de plantar nesta serra. Ela disse que era uma região de terras muito boas e tinha muitos pés de frutas. Quando eu lhe pergunto sobre as comidas que ainda prepara ela afirma:

Eu como tudo eu gosto de uma tapioca, de biju, de cuscuz com leite, a gente comia muito lá no nordeste mas comia pouca comida de sal, porque o sítio do meu pai era forrado de frutas, sabe todo tipo de fruta nós tinha daí nós passava o dia inteiro comendo fruta escolhia a que queria comê, daí chegava em casa de noite comia um pouquinho de comida tava cheia. E as comidas típicas do nordeste mesmo é a buchada né.

As frutas referenciadas por Dona Romana como abundantes, mas que eram vendidas e ela não podia comprá-las, na fala de Dona Anizia essas frutas são sinônimo de fartura, pois as encontravam em abundância no sítio do pai, não era necessário comprar. A história de Dona Anizia é composta então por um mundo cercado de fartura e não de fome e privações.

Já a buchada é um dos pratos lembrado pela maioria dos entrevistados, mas todos fazem associação desse prato com os modos de prepará-lo. Dessa forma, Dona Anizia lembra como a mãe preparava a buchada. Evidencia em sua fala o que ela faz questão de preservar em suas refeições até os dias atuais:

*Eu faço (se refere a buchada) todo mundo aprecia muito, mais eu mesmo não como, lá no norte a minha mãe fazia muito **porque era a comida predileta, e na maioria dos domingos era uma buchada, a minha mãe fazia muito bem a buchada...** (grifo meu)*

Ao descrever sobre o como era preparada a buchada, Dona Anizia traz evidências da condição social vivida por eles, porque a buchada era um prato mais

¹⁰⁹ Anizia Francisca da Silva, 59 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 06/08/2002.

sofisticado. Por isso, o preparo era mais elaborado e demorado, por essa razão era preparado somente aos domingos e, além disso, era a comida predileta das pessoas que viviam na região. As mulheres aprendem preparar os alimentos nas relações familiares. Ela sabe preparar muito bem a comida porque aprendeu com a mãe. Esse é um saber que é transmitido de mãe para filha e isso perpetua os hábitos alimentares de uma geração para outra. O gosto pelas comidas do nordeste Dona Anizia faz questão de preservar e, ao longo da sua vida, ensinou os filhos a manterem certos hábitos alimentares da região nordestina:

*...e a minha comida assim nordestina até hoje eu como eu gosto muito. Logo que eu me casei o meu marido não gostava, não comia, mais daí eu comecei eu fazia as crianças comia, eu **criei eles acostumados** os meus filhos **se adaptaram** naquela comida e hoje ele **se adaptou** também, e come, às vezes eu falo pra ele, não vou fazer arroz não, vai lá no mercado e me traz leite lá e daí eu faço um cuscuz a gente come às vezes na jantá no almoço, eu gosto muito, comida nordestina até hoje eu gosto, aqui na minha casa é difícil passa uma semana sem comê um pão de milho um bolo. (grifo meu)*

Diferente dos filhos do Sr. José Alves que não se acostumaram com a comida nordestina, ela disse que acostumou os filhos e o marido com estas comida. Embora estivesse em uma região com costumes diferentes, ela fez questão de manter o hábito de comer algumas comidas típicas do Ceará. Em função disso, toda a sua família familiarizou-se com esses pratos. Para ela a questão não é somente adaptar-se com os costumes, mas sim passar para a família os valores adquiridos na região de origem. Isso exige mais que uma questão de adaptação, significa que não teriam, necessariamente, que mudar os hábitos alimentares porque mudaram de região, ao mudarem eles podem preservar hábitos e muitos os preservam em outros espaços, como foi o caso de Dona Anizia. Embora Dona Anizia tenha mudado alguns hábitos outros foram mantidos, em função disso, ela não gosta muito de comer o arroz, prefere fazer o cuscuz.

É possível dizer que as famílias em que a mulher veio do nordeste os hábitos alimentares mantêm-se mais fortes, diferente das famílias em que somente o marido é do nordeste e a esposa é de outra região. Esse foi o caso do Sr. José Alves que casou com uma paulista. Embora ela fosse filha de nordestinos, não se habituou aos costumes alimentares de Alagoas, porque não nasceu naquela região, por esse motivo o Sr. José Alves sempre referencia-se ao modo de como a mãe preparava a comida.

Nesse sentido, as mulheres que lá nasceram e viveram como Dona Anizia carregam consigo o saber fazer que herdaram das mães, já os homens trazem em suas

lembranças o gosto da comida preparada pelas suas mães. Dessa forma, as lembranças trazidas por eles estão associadas ao sabor e as lembranças das mulheres além de estarem associadas ao sabor pressupõem o saber fazer.

Era um fim de tarde quando terminei a entrevista com Dona Anizia, ela me ofereceu tapioca e disse: “*é uma comida nordestina*”, evidenciou-se nesse momento a permanência de alguns hábitos alimentares da região de origem. Talvez ela tenha oferecido essa comida porque identificou-se com a minha pessoa por eu ser também filha de nordestinos. Além disso, no momento da entrevista estava acompanhada por minha mãe e uma das irmãs de Dona Anizia que havia levado-me até ela.

Dona Lindalva¹¹⁰ também faz alusão à comida relacionando-a com à sua condição social e faz uma referência ao modo que eles preparavam o arroz:

*Lá a gente era muito pobre, morava na roça, nasci na roça e me criei na roça né, só sabia comê feijão e farinha era a comida, era essa é o que eu sabia fazer era o feijão, **nem arroz, naquele tempo a gente não podia comprá**, quando tinha fazia aquele arroz com água, nós punha na panela, punha o alho, punha o tempero não era assim dona Maria? (se refere a dona Maria Gomes que esteve presente durante a entrevista). Escorria na peneira pra podê ficá solto. Mais não tinha gosto de nada porque tirava a vitamina dele, arroz já não tem gosto de nada né, a vitamina que tinha eles tirava né, cozinhava. Uma novidade era mocotó era pé de boi era buchada era as novidades né que a gente fazia lá era essas. (grifo meu)*

O arroz mais uma vez é citado como um produto que dificilmente era consumido por eles; ela conta: “*naquele tempo a gente não podia comprá*”, o tempo a que ela se refere é o vivido na Bahia nas décadas de quarenta e cinquenta, lugar em que passou por muitas necessidades. Refere-se a um saber fazer adquirido na “roça”, onde a vida era diferente da cidade, lá na “roça” era mais difícil conseguir certos produtos, como; o óleo e o alho. Em função disso, a alimentação das pessoas dessa região baseava-se em produtos mais acessíveis, ou seja, a farinha e o feijão.

A buchada era uma comida que não fazia parte do cotidiano das pessoas pobres que viviam na “roça”. Esse prato era preparado em ocasiões especiais. Isso possibilitou-me inferir que esse prato além de ser mais difícil de prepará-lo era também caro, por isso era servido aos domingos ou em ocasiões especiais.

Dona Lindalva disse que não sabia cozinhar e nem preparar as comidas do nordeste. Lá, ela não cozinhava porque no campo tinha uma vida limitada pelas

¹¹⁰ Lindalva Alves de Carvalho, 75 anos, Estado de origem: Bahia. Entrevista realizada em 17/10/2002.

dificuldades. A alimentação era à base de feijão com farinha. No entanto, refere-se à fartura de frutas que tinha na Bahia:

Agora fruta tem muita fruta, o que tinha de bondade no nordeste é fruta, a fruta nativa, nativa não é plantada é nativa, jabuticada assim, no nordeste tem muita serra, muita pedra elas nasce de montão ali, também todo mundo é dono, tem muita, muita mesmo fruta nativa do mato, chega novembro começa a guavira e a guabiroba, aí vai indo embora aparecendo uma hoje outra amanhã, a mangaba é uma fruta maravilhosa sabendo coiê(quer dizer colher) ela.

Ao lembrar dos tempos em que vivia na Bahia, ela faz referência à fartura de frutas da região. Dona Lindalva disse: “*o que tinha de bondade no nordeste é fruta*”. Dessa forma, a imagem da vida no campo é evidenciada por uma paisagem marcada por muitos pés de frutas que poderiam ser colhidas ao longo de todo o ano, já que eram frutas nativas da região. Essas frutas, no entanto, não eram cultivadas em pomares, como evidenciado em sua fala, eram frutas cultivadas nos campos e como ela afirma: “*todo mundo é dono.*” Isso significa que o espaço da propriedade privada não era respeitado, pois onde as pessoas tinham acesso elas iam lá e colhiam as frutas.

Embora Dona Lindalva diga que não sabe fazer os pratos típicos da região nordestina de uma comida ela não se esquece:

Cuscuz eu faço, beju eu também fazia muito. Dona Maria faz muito, de vez em quando ela traz aí pra mim, eu não faço porque quem mora sozinho fica com preguiça de fazer as coisa né, o cuscuz eu sempre faço, tenho a cuscuzeira e por aí tem uma milharina, eu acabei de comê um ontem, o cuscuz eu não deixo de jeito nenhum.

Em sua fala fica evidente os hábitos alimentares que permaneceram e os que mudaram. Em relação ao cuscuz ela enfatiza que não deixa de preparar de jeito nenhum. Isso evidencia que, apesar de estar há muito tempo em Dourados, alguns costumes da Bahia não são esquecidos. As mudanças de hábitos estão relacionadas também à mudança de vida, pois no momento em que ela passou a ficar sozinha não teve ânimo para fazer este tipo de comida. Nesse sentido, faz só de vez em quando, no entanto, a vizinha faz e traz para que ela possa comer.

Ao recordarem o nordeste o que vêm em suas memórias de imediato é a comida. Sentem saudade da buchada de bode, do gosto da carne que era diferente. É o caso do

Sr. João¹¹¹ que de vez em quando come a buchada de bode servida na Casa Nordestina, mas disse que não é igual a do nordeste:

*Às vezes o meu genro compra e traz para casa dele e me convida para comê, eu falo: - Olha, essa buchada ela tem o nome de buchada mais igual a nordestina não é não. É muito diferente daquela nossa lá no nordeste, lá no nordeste **tem outro tempero** aquelas mulher parece que trabalha mais melhor, não sei o que acontece se é **o modo de fazer** que o sabor é outra coisa. (grifo meu)*

O gosto referido por ele está relacionado a forma de preparar a buchada na sua região de origem, os temperos, a forma de proceder o cozimento. Esses aspectos que estão relacionados com o preparo da comida nem sempre podem ser preservados em outro lugar. No entanto, a mudança de sabor dos pratos para ele, está relacionada a maneira como se prepara e quem a prepara, por isso ele afirma: “*aquelas mulher parece que trabalha mais melhor.*” Isso não significa dizer que é somente no nordeste que se prepara uma boa buchada. Ao afirmar que as mulheres do nordeste trabalham melhor, o Sr. João está relacionando com os sentimentos e gostos pelos costumes do nordeste. A forma de preparar os pratos relaciona-se com os laços de afetos que o une à sua região de origem.

Esse sabor diferente que o Sr. João refere-se é lembrado também por outros entrevistados. A questão não é apenas ir comer a buchada na Casa Nordestina, mas entender que a buchada faz com que eles voltem ao passado e lembrem do lugar que é feita e o como é feita e por quem é feita. Pode-se evidenciar isso em suas memórias ao relembrem das comidas preparadas no nordeste.

A diferença de sabor evidencia-se na fala do Sr. João quando diz que a buchada feita no nordeste “*tem outro tempero*”, e que “*o modo de fazer*” é outro. Em sua narrativa ele se remete, inclusive, ao fato da esposa ser filha de nordestino foi determinante para ele decidir casar-se, para que ela pudesse continuar a tradição do nordeste. Disse ele:

Porque a minha esposa ela é filha de nortista né, o pai dela é Alagoano, então aquela tradição sempre do norte, e eu, eu conheci aquela família povo muito trabalhado ela muito zelosa né, e resolvi me casar por aqui mesmo, eu gostei dela, daí eu falei vou me casar com essa menina que ela faz parte das minhas tradição, então me casei. Ela é uma boa dona de casa, zelosa, e as comidas é aquelas do nordeste mesmo né a única coisa que ela não gosta de fazer é o pão de milho né, mais a comida é mesma coisa do nordeste é a mandioca cozinhada

¹¹¹ João Ferreira Santos, 58 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

é a batata, é o inhame é o feijão de vara verde né, a carne é a mesma coisa igual a minha mãe fazia né, muito bom.

Para que pudesse manter os laços afetivos com o nordeste, o Sr. João diz que a tradição é que determinou a escolha da sua esposa. Ele queria uma mulher que pudesse e soubesse fazer as comidas do nordeste como a sua mãe fazia. Embora tenha casado em Dourados escolheu uma filha de alagoanos, porque, segundo ele, ela poderia manter as tradições do nordeste.

A escolha para casar com uma moça de origem nordestina, justifica-se, porque esses sujeitos acreditam que a comida para ser como a do nordeste tem que ser preparada por nordestinos. Dessa forma, buscou então na composição da sua nova família, uma pessoa que pudesse continuar com ele, o que ele chama de “tradição,” tradição essa adquirida ao longo da sua vida em Alagoas. Por isso, escolheu para ser sua esposa uma filha de alagoano. A sua vida afetiva é realizada com relacionamentos que mantenham elos e sentimentos criados ao longo da trajetória por ele vivida em Alagoas.

O Sr. José Barbosa¹¹² também se refere ao tempero diferente e ao gosto da comida que o Sr. João lembra. Disse ele:

No norte (se refere ao nordeste) eles mata um bode faz uma buchada, é a coisa melhor do mundo, aqui tem um nordestino que faz buchada mas eles faz buchada com carne de carneiro não é a mesma coisa, não é gostosa como a do nordeste, eu já fui lá bastante vez. No norte é bem temperada e a carne é outro tipo de carne, no norte se você assa uma carne lá na Marcelino Pires aqui você sente o cheiro é bem temperada. Essa carne é um outro tipo de carne, a criação come pasto seco né, agora não, mais antigamente era só colonhão, fazia aqueles tachos duas quadras você sentia o cheiro, é bem diferente são outros costumes. (grifo meu)

Segundo o Sr. José Barbosa o tipo de carne que se usa para fazer a buchada é um dos motivos que faz com que o gosto seja diferente, pois lá no nordeste a buchada é feita com carne de bode e em Dourados com carne de carneiro. A maneira como esses animais são alimentados também interfere no sabor. Dessa forma, ele evidencia mudanças que são características dos costumes de cada região. Ele se refere à diferença em relação aos temperos que dão outro sabor para a carne. Para explicar como pode ser percebida a diferença entre um tempero e outro, ele exemplifica que uma carne temperada lá no nordeste, se estiver sendo temperada lá na Marcelino Pires, que é uma avenida da cidade, o cheiro poderá ser sentido na sua casa que está distante da avenida

¹¹² José Barbosa da Silva, 68 anos, Estado de origem: Maranhão. Entrevista realizada em 09/05/2002.

mencionada aproximadamente um quilômetro, com isso tenta evidenciar como há diferenças nos temperos e nos sabores.

O costume é o que aparece de significativo em sua fala, pois ele enfatiza o gosto diferente da comida em função do modo de preparar que é outro, mesmo que se prepare com os mesmos ingredientes. O Sr. José Barbosa também come a buchada servida na Casa Nordestina, mas diz que não é igual a do nordeste: *“Aqui a gente vai lá na Casa Nordestina come, mais eles faz mais ou menos porque se acostumaram né, mais igual a do nordeste não é não”*. É o hábito de comer buchada que os levam à Casa Nordestina para saborear esse prato, pois, embora não seja igual a do nordeste é a que mais se assemelha, porque o proprietário veio do nordeste e tenta preparar da maneira mais original possível.

Esses costumes descritos por eles em relação ao preparo da comida, revelam vínculos que os ligam aos valores adquiridos na família, aos afetos e sentidos atribuídos por cada um desses sujeitos ao narrarem as suas vidas. Dessa forma, quando se referem aos pratos que ainda preservam no cotidiano em Dourados, eles recordam como a mãe fazia a buchada e como eram preparadas as refeições aos domingos. As mulheres lembram dos afazeres que aprenderam com a mãe, das dificuldades passadas que muitas vezes limitavam esse aprendizado.

Ao se lembrar do que comiam e como o faziam, esses sujeitos reconstituem o passado em outro espaço, lugar em que viviam com os pais em uma região distante dali. Esse passado, entretanto, é relembado por alguns ao frequentarem a Casa Nordestina e as festas do CTN - Centro de Tradições Nordestinas. Nesses lugares eles unem o passado e o presente e os hábitos que mudaram e os que permaneceram. O sentido diferente atribuído por cada um desses sujeitos para o preparo da comida é reinventado em outros espaços, por isso, há uma referência em suas falas à Casa Nordestina e ao CTN.

Alguns entrevistados ao mudarem para Dourados procuram reinventar algumas dessas práticas na Casa Nordestina, no CTN ou em casa, pois nem todos frequentam esses dois ambientes. Alguns vão lá para recordar as tradições do nordeste, saborear os seus pratos típicos e dançar forró. Dessa forma, vivenciam um pouco do “ser nordestino” em Dourados, que é evidenciado nesses espaços.

O Sr. José Germano¹¹³ toca no grupo que se apresenta na Casa Nordestina, conta como era no começo:

¹¹³ José Germano da Silva, 48 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002

É a gente começou aos pouco, já tem dez ano que eu trabaio lá, já tem mais ou menos uns dez anos que eu toco lá na Casa Nordestina, nós começamo sem nada, a gente montô o grupo Terra Seca, o grupo Terra Seca começô lá, foi nós que montô, aí a gente montô essa banda que começô do nada só com uma sanfonazinha, e uma zabumba véia furada, depois foi ajuntando os menino o Acelino, o Antonio de Pádua, o Geraldo, eu o Zabumba daí começo, daí que surgiu o Terra Seca, depois que se separô né, ai nois monto o Grupo Nordestino e até hoje tá o Grupo Nordestino...

Em sua fala, Sr. José Germano relembra o começo da Casa Nordestina e do grupo Terra Seca que mais tarde desmembrou-se e deu origem ao grupo “Os Nordestinos” o qual o Sr. José Germano faz parte. No começo ele disse que tinha pouca gente, o chão era de cimento e não tinha palco, pois o espaço tinha sido improvisado, o Sr. César que é o proprietário do estabelecimento aproveitou o espaço do quintal da sua casa para começar. O lugar onde era a garagem, ele fez o salão para dançar, deixou o bar ao lado da garagem como era no começo. Dentre as melhoras feitas na Casa Nordestina pode-se citar o piso que foi colocado e uma pequena elevação do chão que serve como palco. No entanto, ainda conserva o aspecto simples e continua a funcionar na frente da casa do Sr. César.

A Casa Nordestina existe em Dourados desde abril de 1989 e é de propriedade do Sr. César Gomes de Matos, que chegou a cidade na década de 70, veio de Pernambuco. No começo, esse estabelecimento funcionava como uma mercearia que vendia produtos típicos do Nordeste, como; alguns tipos de pingas e outros alimentos não perecíveis. No entanto, como esses produtos não possuíam data de validade, pois eram de origem artesanal, a Vigilância Sanitária impôs algumas barreiras para o funcionamento da mercearia.

Impedido de vender alguns destes produtos, o Sr. César começou a servir buchada de bode na calçada do estabelecimento e percebeu que servir refeição era mais lucrativo. Em função disso, deixou de trabalhar com a mercearia e passou a trabalhar apenas com comidas típicas. Com o passar do tempo, começou a servir comidas à noite. Em seguida, começou-se a dançar o forró. Dessa forma, esse estabelecimento transformou-se na casa noturna que além da buchada, serve carne seca e outros pratos sobre encomenda e variados tipos de pingas do nordeste.

Em entrevista publicada no jornal¹¹⁴ local, por ocasião do dia do nordestino, destacou-se a vida do Sr. César:

Como a maioria dos nordestinos César, que é casado com Antonia Modesto de Matos, não enfrentou vida fácil para se fixar na região, na época com dois filhos e 24 anos de idade César foi “chapa” (saqueiro), posteriormente foi “mascate” (vendedor ambulante de roupas), e por fim, decidiu montar uma loja para vender artigos do Nordeste, na região da Vila Maxwel, onde se encontra até hoje. Nem mesmo o “Seo César”, esperava tanto sucesso com a Casa Nordestina, que inicialmente apenas vendia cachaça do Ceará e outros artigos nordestinos. Para agradar a freguesia ele começou a servir tira-gosto de comidas típicas. “Eu fazia a panelada, o povo foi gostando e pedindo para fazer mais, até que comecei a servir buchadas e dentro de um ano a freguesia aumentou de forma arretada”, contou César.

O jornal procura publicar matérias que destaquem os nordestinos que conseguiram prosperar financeiramente. Por isso, a história de vida do Sr. César é enaltecida neste momento para servir de exemplo pois pode-se evidenciar que ele foi um, dentre tantos outros, que chegaram na década de setenta e com o seu trabalho conseguiu prosperar. Nesse sentido, o jornal tenta tornar público o “ser nordestino” em uma data específica para comemorar o seu dia. Ao destacar apenas os nordestinos que prosperaram apaga-se as diferenças existentes entre estes sujeitos.

A Casa Nordestina não surgiu de um projeto elaborado, mas pela necessidade de sobrevivência do Sr. César na cidade. Ao reelaborar o seu viver passa por várias profissões até chegar à fundação da Casa Nordestina que a princípio ele também não imaginava tornar-se esse sucesso. Dessa forma, também conseguiu estabelecer um lugar na cidade que seria mais tarde caracterizado como tipicamente de nordestinos atraindo para este ambiente pessoas que gostam da música e das comidas da região.

O início das atividades desse estabelecimento pode ser conhecido na narrativa do Sr. José Alves¹¹⁵ que é um dos frequentadores da Casa Nordestina. Ele faz a seguinte referência à sua fundação:

É a casa nordestina eu vou lá sempre, a casa nordestina é nova ela tem uns sete ou oito anos até quando ela começou lá eu fazia parte, naquele tempo ela era bem fraquinha, começô pequenininha, ninguém dançava, não tinha palco, não tinha nada, a gente tocava lá batia zabumba cantava umas modas lá, mais não tinha o movimento que tem hoje não, agora a gente chega lá seu César já aumentou uns três tanto, está uma maravilha, até tá sendo apertada demais, aquilo dali precisava aumentar, eu fui lá esses dias não ta mais cabendo o

¹¹⁴ O Progresso. Dia-a-Dia Casa Nordestina vira referência de Cultura. 8 de outubro de 2002. Jornalista César Cordeiro.

¹¹⁵ José Alves dos Santos, 60 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 07/08/2002.

povo de jeito nenhum. Na sexta-feira tem a buchada e tem o forró, mais numa cidade desse tamanho com essa nortistada não tenha um que tenha peito pra por outra casa.

O Sr. José Alves disse que gosta muito de ir à Casa Nordestina comer buchada de bode e que o espaço do estabelecimento está apertado. Segundo ele, precisaria ter mais umas três Casa Nordestina na cidade para abrigar todo mundo, mas ele enfatiza que não tem quem coloque, porque não é só querer e abrir tem que ter o conhecimento dos costumes do nordeste. Ele argumenta que não adianta um matogrossense querer abrir uma casa noturna desse tipo que não vai dar certo, tem que ser nordestino para poder entender de como são os costumes do nordeste, como é preparada a comida e tem que ser um trabalho em família como acontece lá no Sr. César.

Na opinião do Sr. José Alves, não adianta abrir uma casa nordestina apenas com fins comerciais, sem entender do negócio não daria certo, tem que ser nordestino. Ele frequenta a Casa Nordestina, porque gosta de tocar e ouvir a música que ele chama forró pé de serra, quando vai lá, às vezes, toca um pouco e gosta de fazer emboladas e repentistas¹¹⁶. Lá, é o lugar onde ele encontra espaço para manifestar os seus desejos e vontades então se sente bem.

A Casa Nordestina funciona todas as sextas-feiras à noite, quando são servidos: a buchada de bode, a carne de sol e o carneiro assado, outros pratos são feitos sob encomenda. O forró é animado pelo grupo “Os nordestinos” que toca no local desde 1997. Este estabelecimento é frequentado tanto por nordestinos como por pessoas da comunidade que simpatizam com a música e a comida nordestina. Além disso, o proprietário da Casa Nordestina também organiza duas vezes por ano, julho e dezembro, excursões para Fortaleza.

A forma como Sr. César administra o seu estabelecimento, deixa evidente que ele é de origem nordestina, inclusive na organização das excursões. Embora a Casa Nordestina seja bastante frequentada, o Sr. César não mudou o espaço, mantém-se ainda na mesma vila desde a fundação da casa que conserva ainda a aparência de um bar. As reformas feitas foram apenas colocar piso no chão que no início não tinha e cobrir uma parte do espaço. Não há um investimento em marketing para divulgar o estabelecimento é um lugar simples e acolhedor, aonde as pessoas vão porque se identificam com o

¹¹⁶ Embolada – poesia popular cantada, em compasso binário; Repentista – que ou quem improvisa faz repentistas.

ambiente. A propaganda que se faz do local é de responsabilidade das pessoas que lá freqüentam.

Em sua entrevista o Sr. José Germano disse que gosta muito da Casa Nordestina, principalmente, porque lá é um lugar freqüentado por todo tipo de pessoa, não há nenhum tipo de discriminação em relação aos pobres. Enfatiza isso em sua fala porque é uma pessoa muito humilde e alega que não gosta de freqüentar outros ambientes em que ele não se sente bem. Relata também que lá conseguiu o emprego de tocador e trabalha até hoje. Na Casa Nordestina consegue encontrar e conversar com pessoas iguais a ele, refletindo-se aí os seus códigos de sociabilidade.

No entanto, mesmo com essas características simples do espaço da Casa Nordestina e localizada em um lugar que pode ser considerado afastado do centro, o ambiente é bastante freqüentado, o que possibilita pensar que as pessoas que lá vão o fazem porque realmente se identificam com o lugar. Como as características do ambiente não foram mudadas o Sr. César continua recebendo pessoas como o Sr. José Germano.

Ao referenciar a Casa Nordestina o Sr. Cláudio Freire¹¹⁷ enfatiza a abertura para outras culturas, disse que gosta de freqüentar esse ambiente porque diferente de outras instituições, o espaço da Casa Nordestina é agregador de todos que queiram participar, essa abertura a outras culturas e o ambiente simples torna o lugar acolhedor para as pessoas:

*A Casa Nordestina, ela é aberta; participa japonês, descendente de japoneses, pessoal do Sul, do Centro.. isso é bonito. **É um espaço fraterno, tem a alma nordestina.** Se fosse uma coisa fechada, seria o primeiro a ser contra. Uma nação se forma com o seu plural, sempre respeitando as particularidades, sempre aberta ao novo e mesmo ao de fora... Sempre vi esse espírito tanto no CTN (Centro de Tradições Nordestina) quanto na Casa Nordestina... não tem essa coisa de se fechar tá aberto quem quiser entra, quem quiser canta... então eu gosto dali... é um espaço gostoso, de pessoas simples. (grifo meu)*

O Sr. Cláudio é contra a reunião de pessoas em grupos fechados lugares em que não se aceita a participação dos outros. Nesse sentido, o que o leva à Casa Nordestina é essa abertura para o convívio de várias culturas e, além disso, a possibilidade de encontrar com as pessoas da mesma região. Isso o faz sentir-se à vontade para conversar sobre os costumes do nordeste e também de Dourados, diz ele: “*é um espaço fraterno tem a alma nordestina*”. Para justificar a sua fala, ele cita como exemplo a participação

¹¹⁷ Cláudio Freire de Souza, 52 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 17/12/2002.

dos japoneses nos eventos e salienta que esse espaço fraterno é uma característica nordestina. A sua fala levou-me de volta ao primeiro capítulo deste trabalho, em que discorri sobre os relatos dos sujeitos entrevistados a respeito da chegada deles em Dourados, eles referiam-se a acolhida que receberam de nordestinos, consideram que essa acolhida é uma característica do povo nordestino, que está sempre aberto e disposto a ajudar, característica essa que é lembrada também na fala do Sr. Cláudio Freire.

Em Dourados, as opções de lazer que fazem esses sujeitos relembrar o nordeste é a festa que acontece na Casa Nordestina. No entanto, para entender como essas opções de lazer aconteciam de forma variada no nordeste, procurei investigar o que esses sujeitos sociais consideravam uma diversão e o Sr. José Barbosa¹¹⁸ se divertia até mesmo em um velório:

No norte eu lembro uma vez que eu fui num velório, lá a gente se encontrava e ficava só contando história de fora, um contava uma o outro ficava doido que aquele parasse pra ele começa a dele, e eu sabia de bastante história.

Nas entrevistas analisadas, não pude encontrar no nordeste uma única opção de lazer. As pessoas divertiam-se, no trabalho, nas festas de santos e até mesmo em um velório como evidenciado na fala do Sr. José Barbosa. Ficar no velório contando histórias era para ele uma diversão, a festa que existia no nordeste a qual todos se referem é a festa de São João. Esse acontecimento marca a fala de todos, o Sr. José Barbosa narra como era a festa:

Era uma fogueira, quando era São João a gente brincava ao redor da fogueira, assava batata, assava milho e havia um negócio de compadre de padrinho, primo criado na fogueira né, segurava um na mão do oturo e daí passava a ser compadre a ser primo, sem ser né, mais as festas de lá era bondade.

Todos recordam das festas de São João e dos preparativos para a mesma, as comidas, a fogueira, as relações de amizade que se estabeleciam nestes acontecimentos, como as relações de compadrio. Ao terminar a sua fala dizendo que “*as festas de lá eram bondade*”, quer com isso dizer que eram boas, e um dos motivos que ele as considerava como “festa boa”, é o fato de ter muitas mulheres nessas festas, pois os homens jovens, disse ele, vinham na maioria para São Paulo. Em função disso, em todas as casas tinham mulheres “sobrando” e isso o deixava feliz ao ir para as festas.

¹¹⁸ José Barbosa da Silva, 68 anos, Estado de origem: Maranhão. Entrevista realizada em 09/05/2002.

O Sr. João¹¹⁹ em suas memórias também se lembra dessas festas, para ele, o empecilho para ir a essa festa estava relacionado ao tempo do trabalho no campo, pois ele só podia participar quando não estava trabalhando:

Lembro tudinho as festas lá do nordeste, é umas festas assim muito tradicional né, é aquela animação, São João, São Pedro, Santo Antônio, e depois têm as festas de ano né, tem santo fulano, santo sicrano, e a gente vive assim naquela esperança, naquela ansiedade de participar de tudo.

O Sr. João disse que as festas eram muito animadas e despertava neles muitas expectativas, pois todos ficavam o ano todo esperando por elas e gostavam de participar. O fato da festa ser considerada tradicional, está relacionado à tradição do acontecimento da festa que se repete a cada ano, já faz parte do calendário das festividades regionais. O Sr. João disse ainda que devido a longa jornada de trabalho que tinham que enfrentar no campo, nem sempre podiam participar de tudo, mas estava sempre esperando com expectativa o dia da festa.

O Sr. José Alves¹²⁰ também se refere às festas dos santos e dá uma explicação para elas, pode se notar o envolvimento das pessoas com esses eventos:

Lá no nordeste as festas é novena né, um terno que fala, é seis zabumbeiro, dois pifalo, uma zabumba, um tambor, uma caixa, o prato é seis, o terno que fala, e as festas lá a pessoa tem uma casa daí ele festeja todo ano, ele faz uma festa, de Santa Luzia de São Sebastião de São José de Santo Antonio, naquele dia mais ou menos que é o santo da pessoa, quando a pessoa morre os filhos continuam fazendo aquela festa.

Fazia parte da tradição as festas de santo nas casas, para mantê-la quando o pai morria o filho continuava a realizar. As festas aconteciam nas casas de acordo com o dia do santo favorito do dono da casa. Era importante nessas festas a presença dos tocadores e cantadores para animar, tinham também barracas onde vendiam comidas e bebidas além de parque de diversão o que eles denominavam “carrocel”.

Em Dourados essas festas de santo acontecem nas igrejas, esta é uma diferença apresentada em suas narrativas. Para que eu pudesse entender como eram realizadas as festas lá em Alagoas o Sr. José explica como acontecia a festa na vila onde morava:

Que nem nós mesmo lá tinha a festa de São Sebastião, São José, de São Pedro, São João e Santo Antônio, isso aí todo ano tinha lá na nossa vila, era uma festa danada! Carrocel, e aqueles brinquedos que fala parque, naquele tempo não falava parque infantil nem nada, era carrocel, cavalinho aquelas coisas a gente

¹¹⁹ João Ferreira Santos, 58 anos. Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

¹²⁰ José Alves dos Santos, 60 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 07/08/2002.

ficava a noite todinha na festa, e de dia a zabumba ficava tocando o dia todo pela vila pedindo prenda, um dava uma galinha, um dava um cabrito um dava um peru e todo mundo dava uma coisa, igual aqui quando passa recolhendo para alguma quermesse, o povo dava o que pudesse e daí de noite na festa a gente ia todo mundo, enchia de gente era a coisa mais linda do mundo de bonito. Daí de noite saía o leilão o povo arrematava o leilão, e daí bebia cachaça, bebia vinho, cunhaque, e daí ficava. Todo ano tinha aquelas festas, até hoje ainda tem a festa junina, muito forte no nordeste, aí depois eu mudei pra São Paulo daí já era diferente já não era mais novena era quermesse.

A vila a qual o Sr. José Alves se refere são os arredores do sítio do pai onde tinham muitas casas por perto e nesses dias de festas se reuniam todos em um único lugar. A concepção de vila não tem o mesmo significado de parte de um centro urbano.

Sua narrativa possibilita inferir o quanto eram animadas as festas de santos, um dos aspectos que os entrevistados dizem ter estranhado nas festas de Dourados é que elas começam e acabam no mesmo dia, em poucas horas tudo acabou. Lá no nordeste não, a festa durava até três dias, o Sr. José Alves conta “*a gente ficava a noite todinha na festa*” e mesmo tendo permanecido na festa toda a noite, pela manhã, os tocadores continuavam a tocar nas casas e pedir prendas para que à noite comesçassem novamente. Essas festas eram realizadas sempre no mês de junho. Dessa forma todos já se preparavam para estes eventos e ficavam aguardando.

Ao mudar para São Paulo o Sr. José Alves relata que as festas já eram completamente diferentes e associa essa diferença aos diferentes costumes das festas no campo e na cidade. Na cidade, a festa não era denominada de novena como no sítio, era quermesse e acontecia nas igrejas. Além disso, não se mantinha toda aquela relação de vizinhança que estava presente no sítio onde o seu pai residia no Estado de Alagoas. Lá, ele se envolvia com o acontecimento da festa. Na cidade, ao contrário, a festa era promovida e realizada pela igreja não havendo o envolvimento direto de todos os participantes: “*porque na cidade é completamente diferente do sítio em todos os lugares*”.

Essas diferenças acontecem porque o trabalho na cidade é concebido de maneira diferente, não obedece o calendário do campo. Lá, tinha o tempo da colheita, as festas estavam relacionadas às folgas dos trabalhadores em meio a uma colheita e outra, a festa obedecia o ritmo do trabalho sazonal. Na cidade, o período de trabalho é o ano todo, portanto, não existe o tempo específico para a festa, o ritmo de vida é outro. Essas mudanças têm que ser absorvidas no cotidiano desses sujeitos. Em sua fala, Sr. José

ênfatiza a diferença da novena que acontecia em Alagoas e da quermesse que acontece nas igrejas em Dourados:

A quermesse é uma festa completamente diferente da novena porque a novena fazem nos sítios, e aqui não aqui só faz onde tem uma igreja... quem nem eu moro aqui perto da São João Batista (igreja da cidade) todo ano tem a festa quermesse de São João Batista as mesmas coisas que era em São Paulo e no Paraná, agora completamente diferente do nordeste né. Lá eu vou fazer uma festa na minha casa, vou fazer uma novena pra São Sebastião e daí já faz um rito bem grande, as vizinhanças todos vem põe uma barraca, um põe uma barraca de cocada, outro põe uma barraca de galinha gizada (assada), uma barraca de carne de cabrito com farinha pro povo comê, outro põe uma barraca de abacaxi e tem aquele povo que quando tem a festa já vai por a barraca lá é a tradição.

Além da diferença dos locais onde se realizam as festas, há todo o envolvimento da vizinhança que participa colocando barracas para vender alguns produtos típicos do local, ele disse que existia todo um rito envolvendo a festa e que isso fazia parte da tradição. Nesse sentido, verifica-se que o envolvimento das pessoas era a tradição do lugar então todos queriam participar. Já nas cidades por onde Sr. José passou, a quermesse acontecia na igreja, então não tinha todo esse envolvimento dos vizinhos e amigos.

O que o Sr. José Alves gostava era de participar das festas no sítio, do companheirismo dos vizinhos, das brincadeiras, de dançar, gostava também de vender nas barraquinhas que montavam nas festas, ênfatiza isso com muita alegria e fala que naquele tempo não tinha outra diversão, não tinha jogo de futebol nem televisão e isso motivava todos a irem para festa, também não existia crentes (para ele são pessoas que professam outra religião que não a católica), portanto, todos freqüentavam essas festas já que era um acontecimento católico: *“todo mundo ia pra festa, todo mundo, de caducando a mamando ia pra festa enchia de gente era a coisa mais linda do mundo de bonito”*.

O Sr. José Alves continuou a falar das festas do nordeste, do reizado, da vaquejada e de todas as atividades as quais ele participava. Disse que trabalhava muito no sítio do pai mas que nas horas de folga ia para as festas e embora ainda fosse muito jovem, tinha dezoito anos, ele gostava de participar de tudo: *“quando era no reizado era aquele turma, quando era vaquejada também eu já participava das vaquejadas já corria atrás de boi”*. A realização do seu lazer está relacionada também com o tempo do trabalho no campo, era em meio as horas de folga que ele se divertia.

O reizado ao qual se refere era uma festa em que formavam um grupo de pessoas e passavam nas casas à noite tocando e se apresentando, era feita uma encenação e cada parte tinha o seu significado, depois de terminada a encenação os tocadores ficavam na casa tocando forró e eles dançavam a noite toda. Eles não pediam prendas nas casas, se apresentavam apenas porque era a tradição, já em São Paulo, quando mudou para lá, tinha a Folia de Reis que passava nas casas cantando e pedindo prendas depois era feita uma festa com as prendas. Ao comparar uma festa com a outra disse:

...aquilo a gente fazia por gostá só pra apresentá mesmo, aquela tradição, já o santo reis quando eu mudei pra São Paulo tinha o santo reis até quando eu mudei pro Paraná eu saí numa folia de reis daí é o contrário o povo dá a prenda pra gente, no dia pega tudo aquilo vende faz uma festa e o povo come, lá no nordeste não, lá no reizado do nordeste não tinha isso porque é toda noite uma festa como é que vai dar comê ao povo toda noite?, não tem um dia certo pra brinca numa casa só.

Em sua fala é evidenciado dois tempos de festas diferentes; a do passado e a que acontece na cidade que foi modificada sendo incorporada em outros espaços e pode-se dizer com outros valores e outros significados que não aqueles vividos por ele lá no nordeste. O envolvimento das pessoas nas festas do nordeste tanto no preparo como na participação era marcante e como ele enfatiza participavam porque gostavam, fazia parte da tradição não esperavam nada em troca, não pediam prendas, como acontecia em São Paulo no Paraná e em Dourados. Lá no nordeste, queriam apenas divertir manter os costumes das festas onde todos podiam e queriam participar. A mudança ocorrida nas festas nesses outros locais ocorreram porque o momento e o contexto são outros a vida na cidade tem outro ritmo de trabalho e divertimento, dessa forma reinventam esses divertimentos adaptando-se à realidade a qual estão inseridos.

Dona Anizia¹²¹ quando morava no Ceará era ainda muito criança mas se lembra do carrocel que tinha nos parques citado pelo Sr. José Alves:

Eu lembro uma lembrança muito vaga que eu tenho da festa lá do nordeste que o meu pai me levou uma vez na festa de São João na casa de um homem lá que fazia a festa de São João, e tinha um carrocel, aqui é nos circo, tinha um carrocel que parece com chapéu de sol lá no norte eles falava nas festas de São João, nas festas eles levava e eu lembro que nessa festa de São João que o meu pai me levou tinha um carrocel, Ah! mas o meu pai brigou comigo, teve que briga comigo. – Vamos embora pra casa que eu não tenho dinheiro mais não, acabou o dinheiro. Porque eu não queria sair de volta do carrocel, queria rodar direto, isso é a única coisa que eu lembro das festas do nordeste.

¹²¹ Anizia Francisca da Silva, 59 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 06/08/2002.

Na memória de Dona Anízia veio a lembrança da festa associada ao brinquedo, que chamavam de carrocel, na época parecia ser um grande divertimento para crianças como ela. A festa de São João é lembrada e vivida por pessoas de todas as idades, o ato do pai de a levar na festa evidencia como era a participação deles nesses eventos. A festa que é lembrada na memória de criança ocorria nas casas como evidenciado na fala do Sr. José Alves.

O Sr. José Germano¹²² que veio para Dourados já na década de oitenta e morava na cidade em Alagoas, traz outras referências de festas que não são somente estas de santo. As festas de São João pareciam acontecer de forma mais marcante no campo pois estavam relacionadas à religiosidade das pessoas que habitavam aqueles espaços. O que causou estranhamento ao Sr. José Germano foram as músicas tocadas nos bailes em Dourados:

Olha eu achei muito diferente, tinha assim os baile que a gente conhecia né, os baile que eu participava assim pra conhecê eu achava muito diferente assim dos baile lá do nordeste, achava meio estranho os baile daqui, barriga verde num lugar estranho sentia diferente, naqueles tempo o pessoal não tinha um forró a música sertaneja rodava pouco era mais vanerão assim, muito diferente, daí eu trouxe uma fita pra rodá uma fita de forró, do Acizão, que eu já trabaiei muito tempo com ele. Daí eu trouxe uma fita gravada dele mais o pessoal rodaro, mais servi de vaiá. Ninguém sabia o que era forró não. Perguntava falava forró, eles falava mais o que que é isso! forró? Era mais conhecido era mais vanerão, era música assim, vanerão uma polca paraguaia.

O Sr. José Germano trabalhava com som em Alagoas e já tocava em algumas festas. Ele tinha familiaridade com os ritmos tocados no nordeste, a música tocada em Dourados causou-lhe um certo estranhamento, pois as músicas tocadas em Dourados sofre influência das músicas do sul do país e do Paraguai, então, os ritmos mais conhecidos eram o vanerão e a polca paraguaia. A sua fala possibilita inferir que quando se deixa a região de origem muitas mudanças ocorrem, como defendido pela socióloga, Suzana Sochaczewski Evelyn;¹²³ “*não se trata apenas de mudar física, geograficamente, mas, principalmente, de alternar códigos, universos simbólicos, visões de mundo, comportamentos, até linguagens com muito pouco em comum*”.

Essas mudanças aconteceram na vida do Sr. José Germano ao deixar a sua região de origem dirigindo-se a Dourados. Tanto ele como outros entrevistados tiveram

¹²² José Germano da Silva, 48 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002.

¹²³ EVELYN, Suzana Sochaczewski. E a festa onde foi parar? *Travessia. Revista do migrante*. Publicação do CEM (Centro de Estudos Migratórios) Ano I nº 1 maio/agosto de 1988. p. 23

que adaptar-se às mudanças que vão além do espaço físico mas que estão implícitas em seus valores constituídos em outros espaços. Esses valores ultrapassam fronteiras temporais e espaciais. Como Dourados está localizado em uma região de fronteira que recebe migrantes de todas as partes do país e do Paraguai, o Sr. José Germano passou a conviver com uma diversidade de música que não era conhecida no universo em que vivia e quando ele mostrou a música que trouxe da sua região também causou estranhamento nos outros que lá estavam.

O Sr. José Germano disse ter estranhado muito a música regional que tocava em Dourados e acredita que a aceitação ao forró aconteceu depois de algum tempo, com a divulgação do mesmo pela mídia. Quando eu lhe pergunto como o forró chegou a Dourados e faz sucesso até os dias de hoje ele conta:

Aqui começô pelo nordeste né, começô assim pela televisão, televisão aí foi o rádio né e o pessoal foi conhecendo foi achando bonito aquilo lá a dançá né, hoje na Casa Nordestina tem até japoneis que não tem nada a vê, tem gaúcho, paraguaio que dança forró, não sabia nem que diabo era isso. Hoje tá tudo misturado, eles começaro quem ensino foi a televisão.

Em sua fala Sr. José Germano atribui a divulgação do forró à televisão, mas isso só foi possível por intermédio de outra geração que não foi a dele. Essa divulgação teve início no começo da década de noventa, porque houve no país um movimento nacional de valorização do forró pela instituição do forró universitário¹²⁴. Nesse sentido, este movimento contribuiu para a divulgação do forró em outros espaços que não eram necessariamente de nordestinos, em função disso outros povos e culturas foram tendo acesso a essa música que começou a ser tocada em festas e eventos promovidos em vários locais do país, bem como a apresentação de grupos em programas de auditórios televisivos. Sendo assim quando o Sr. José Germano atribui à televisão a responsabilidade pela divulgação do forró, pode-se inferir que ficou mais fácil para grupos como “Os Nordestinos” e “Terra Seca” conquistarem “o seu lugar” em

¹²⁴ A partir da década de noventa tem início no Rio de Janeiro o movimento de forró universitário, integrado sobre tudo por jovens universitários das camadas médias, originalmente interessados no resgate e na revalorização da “autêntica” cultura nacional e no estabelecimento de formas de comunicação e interação com as camadas populares. Alguns destes jovens passam, a partir de então, a promover festas e shows em casas noturnas da zona sul da cidade nos quais o “forro pé de serra” torna-se uma das principais atrações. Além disso, são formados grupos musicais (bandas) exclusivamente dedicados ao ritmo, executando releituras de clássicos de compositores consagrados como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e João do Valle, mas também suas próprias canções. Estas informações sobre o movimento do forró universitário encontram-se citadas em: CEVA, Roberta de Alencastro. *Na batida da zabumba: uma análise antropológica do forró universitário*. Dissertação de mestrado em antropologia no Museu Nacional da UFRJ. 2001.

Dourados, já que na década de oitenta quando ele chegou a Dourados o forró era estranho para as pessoas e depois na década seguinte este estilo musical começou a ser tocado na Casa Nordestina e foi aceito pelo público que lá frequenta. Essa aceitação ao forró é explicitada quando ele se refere aos casais de japoneses, gaúcho e paraguaios que vão à Casa Nordestina e dançam o forró.

Sendo assim, o forró universitário atingiu outros públicos por ser divulgado em todo o país. Na década de noventa, há também a incorporação de novos instrumentos aos já tradicionais usados no forró pé de serra bem como uma renovação no repertório das músicas.

As mulheres com as quais dialoguei narram que tinham a liberdade cerceada pelos pais e depois de casadas pelos maridos, por isso as diversões, às vezes, aconteciam em outros espaços como lembrado por Dona Maria Gomes¹²⁵: “*Lá no nordeste o povo era muito festeiro né, o povo lá tudo é motivo de festa né de dança tudo, só que não dançava, que os pais não deixava né*”. Ela caracteriza o povo nordestino como festeiro e animado, faz essa alusão porque ao chegar em Dourados achou as pessoas um pouco desanimadas para as festas.

No entanto, como não podia dançar nas festas porque o pai não deixava, ela participava dessas festas mas se envolvia com as comidas feitas, com as novenas que eram rezadas além disso era um lugar de encontrar as amigas:

...mais lá têm as festas de São João até hoje fazem a fogueira e fazem festa é milho verde assado, batata assada né, põe cavá um burraco e faz uma fogueira em cima e põe a batata de baixo do chão e assa com o calor da fogueira né, fica umas batata doce gostosa né, e assa milho, umas festas muito animada né, tem uma novena que fazem assim de nove dias é festa com barraquinha com tudo.

Embora não pudesse dançar nos bailes, ela ia e participava das novenas que o Sr. José Alves refere-se e o seu envolvimento com a festa está relacionado muito mais pela comida, lembra também das barraquinhas que eram colocadas para vender comidas e de como era preparado alguns alimentos, como; a batata que era assada na fogueira, esse era um hábito que se desenvolvia naquele local onde a festa acontecia. A fogueira existia porque era uma tradição das festas juninas e ao redor dela as pessoas estabeleciam as relações de compadrio, depois os casais passavam a ser chamados

¹²⁵ Maria Gomes dos Santos, 68 anos, Estado de origem: Pernambuco. Entrevista realizada em 17/10/2002.

compadres de fogueira e para isso existia todo um ritual a ser celebrado. A feira não era só um lugar comercial era também um espaço para passear e paquerar:

Têm as feira também pra gente que é jovem vai nas feira paquerá vai pra cima e pra baixo, lá vende fruta assim como jaca, eles corta as talhada tira aquele nabo e fica aqueles pedaço de jaca assim exposto, então vende aqueles pedaço de jaca, vende tapioca, o biju de polvilho, bolo da massa puba o que eu lembro de lá é isso.

Por mais de uma vez aparece em sua fala a lembrança do que tinha para comer nas festas, esse era o motivo que a levava para esses locais. Ela faz questão de ressaltar as características do povo nordestino, como; um povo alegre e festeiro, são essas as imagens que vêm à sua memória quando lhe pergunto sobre as festas que ela participava no nordeste; “o que eu lembro de lá é isso”.

Como no nordeste em Dourados essas mulheres divertem-se de outras formas, o espaço da Casa Nordestina e do Centro de Tradições Nordestinas não são significativos para elas. E quando eu pergunto a Dona Maria Gomes se frequenta a Casa Nordestina esta conta:

*Nunca fui, eu vejo falá eu não tenho mais influência de divertimento, primeiro porque o marido não gostava de ir né e pra mim i só não era bom né, vai em qualquer lugar vai sem o marido todo mundo fica perguntando, se é um casamento em qualquer lugar, e pra ir num divertimento sem o marido não tem, e hoje eu não tenho mais ânimo falar a verdade, hoje **o único lugar que eu vou é na igreja** que eu me sinto bem, vou sozinha e só. (grifo meu)*

O marido é considerado o responsável pelo fato das mulheres não frequentarem outras festas que não sejam as da Igreja. Quando solteiras, os próprios pais não as deixavam frequentar bailes e dançar, portanto, desde a infância o passeio das mulheres era limitado, restringindo-se a idas à igreja e isso se consolidou até os dias atuais para algumas delas. Dessa forma, ir à igreja representa o lugar que na consciência de algumas mulheres não fere os princípios morais, pois lá, ninguém vai ficar observando quem está sem o marido.

Já para os homens que nunca tiveram a sua liberdade cerceada a Casa Nordestina e o CTN aparecem como sendo o lugar de lazer, de comer e também de manter relações de companheirismo com os conterrâneos.

As mulheres ao re-elaborarem o seu viver na cidade têm outras formas de lazer, como é o caso de D. Anizia¹²⁶. Ao lhe perguntar se freqüentava a Casa Nordestina disse ela:

*Eu nunca fui eu vejo sempre a propaganda da Casa Nordestina, mas eu nunca fui. Nós nunca dancemo o meu pai não deixava a gente ir em festa e dançá. E agora assim uns quinze anos pra cá que eu faço parte da igreja que eu tô participando mais da igreja daí a gente faz parte assim **dessas festas da igreja, das festas aqui da comunidade** aqui na nossa paróquia, a gente faz parte muito ali na paróquia aqui na nossa capela, nós trabalhamos junto nas festinhas daqui, é as festas daqui que eu vou. (grifo meu)*

O fato de participar das festas da igreja é uma satisfação para Dona Anisia, como ela afirma: “*não tenho outro divertimento*”. O fato dos maridos e antes os pais não irem nas festas ou não deixarem que elas fossem, fez com que essas mulheres adquirissem outros hábitos, tais como; a festa das novenas, dos terços e do encontro no clube de mães. Nesse sentido, muitas dessas mulheres desenvolvem o lazer e a sociabilidade no espaço restrito das festas da igreja católica as quais elas participam.

A festa além de uma opção de lazer é também um acontecimento social e um local onde se reelaboram as relações do cotidiano. Neste sentido, as festas religiosas desempenham um papel importante na vida desses sujeitos, porque estabelecem suas relações de companheirismo e amizade na igreja

A igreja, a Casa Nordestina e o CTN – Centro de Tradições Nordestinas são espaços que apresentam significados de maneira diferente por cada um dos sujeitos entrevistados. Para as mulheres, por exemplo, não é importante o espaço da Casa Nordestina pois elas não o freqüentam por serem cerceadas pelos pais no passado ou pelos maridos no presente, sendo assim, procuram divertir-se na Igreja. A geração dos homens freqüenta a Casa Nordestina e o CTN. No entanto, as mulheres que lá vão são de uma outra geração, às vezes, as filhas dessas senhoras freqüentam esses ambientes.

As opções de lazer no nordeste eram variadas e distintas entre si, sendo assim, fica difícil delimitar um lugar específico para cultura nordestina como colocado por Penna¹²⁷:

As dificuldades de se delimitar uma cultura nordestina, que não é dada, advêm do fato de que esta demarcação, ao mesmo tempo em que expressa as

¹²⁶ Anizia Francisca da Silva, 59 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 06/08/2002.

¹²⁷ PENA, Maura. O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o escândalo Erundina. São Paulo: Cortez, 1992. p. 76

diferenciações sociais e históricas da região, homogeneíza diferenças internas sob a marca do típico, com o risco de cair numa abstração que mascare a multiplicidade de relações em que se situam as diversas práticas culturais, enquanto manifestações vivas e cheias de significados... melhor pensar, então, em as culturas da região nordeste.

As opções de lazer no nordeste eram bastante diversificadas. O trabalho no campo era intenso e o lazer acontecia nas horas de folga, nos finais de semana, nas festas de santo e casamentos e até mesmo após a construção de uma casa, como narra o Sr. José Alves¹²⁸ ao explicar como era feita uma casa de taipa:

Taipa é a gente corta assim, casa de barro fala, mais taipa a gente corta os pau faz ele em pé e depois põe uma varinhas de lado e enche de barro e depois passa a colher, (quer dizer pá) que falava passa a colher, e depois pinta e quem vê diz que era de material(quer dizer feita de cimento), e não é, é feita de taipa, daí fazia uma festa quando acabava de fazer a casa, fazia uma festa danada, chamava os poeta com os pandeiro pra cantá e a gente ia que era só pra pisar a casa pra soca que era pra pila a casa e a gente pilava dançando, no outro dia, a casa parecia que tinha feito de cimento pro resto da vida nunca mais largava a poeira, aquele barro ligado, fazia aquelas coisas bem feita, era um divertimento que tinha lá né.

O Sr. José Alves termina seu relato dizendo, “*era um divertimento que tinha lá*”. Isto significa que os valores e as opções de lazer do nordeste eram diferentes, é possível deduzir pela sua fala que, para eles, essa atividade era realizada com muito prazer e não como um trabalho penoso. A construção da casa obedecia a um ritual que envolvia toda a vizinhança e ao final ainda contava com a participação dos poetas, eles cantavam e dançavam toda a noite para que o chão ficasse “*pilado*”.

O Sr. José Germano¹²⁹ fala de sua participação nas festas do nordeste e justifica que essas festas não são mais animadas como antigamente devido as mudanças ocorridas no campo:

*Lá eu tocava, tocava desde muleque, eu tocava em quadrilha, forró, casamento, às vezes acontecia uma dança assim dava certo eu tocava, a gente animava lá. Era animada, agora **eu hoje acho que num tá mais animado porque não é mais como antigamente**, antigamente tinha agricultura né, tinha safra todo mundo trabalhava todo mundo tinha dinheiro no bolso barriga cheia, agora não tem mais nada lá não, porque os fazendero já tomaram de conta de tudo, já compraro as terra tudo pra criá vaca, pra criá boi, não tem mais animação como antes não.(grifo meu)*

¹²⁸ José Alves dos Santos, 60 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 07/08/2002.

¹²⁹ José Germano da Silva, 48 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 16/10/2002

Ele faz referência às festas que eram realizadas no campo e justifica a animação das mesmas relacionando-as com a colheita, volta ao passado para evidenciar as diferenças em relação ao hoje pela expressão: “*não é mais como antigamente*”. Para ele, essa tradição acabou devido a existência de grandes propriedades que sufocaram o pequeno sítio, a animação das festas está relacionada à fartura e as condições em que as pessoas viviam no campo onde ele morava em Alagoas.

Ao chegar em Dourados, esses sujeitos não encontraram espaços para essas práticas diversificadas de lazer que faziam parte da cultura do nordeste. Dessa forma, reúnem-se na Casa Nordestina e no Centro de Tradição Nordestina. Nesses espaços, eles buscam um pouco do vivido por eles no nordeste. Esse empreendimento é impulsionado pela necessidade desses sujeitos de comer e dançar como faziam no nordeste e com isso, continuar a manter os laços de sociabilidade criados quando chegaram a Dourados, do contrário, não seria o sucesso que é até os dias atuais, pois; “*práticas culturais podem ser preservadas em outros espaços, recuperadas pela memória ou recriadas*”¹³⁰.

Nesse sentido, em Dourados o espaço que eles encontraram para recriar práticas culturais por eles desenvolvidas no nordeste é o CTN e a Casa Nordestina, para alguns, esses lugares são apenas uma opção de lazer, um lugar para ir dançar, comer e se divertir. Para outros, no entanto, é um espaço agregador de um povo que encontra nesses espaços um lugar para poder conversar e trocar idéias com os conterrâneos, como é o caso do professor Cláudio Freire¹³¹:

Eu participo de quase tudo... Participo das festividades... Não encaro esses grupos como sendo uma coisa bairrista ou regionalista. Não é esse o sentido da minha ida e presença lá. Aliás, eu tento evitar esse tipo de comportamento um tanto quanto folclórico, porque se a gente agir assim com certeza estará sendo ultrapassado pela dinâmica social. Então se a gente tem o espaço da Casa Nordestina, por exemplo, apenas como uma forma folclórica de relembrar o passado, penso que isso seja no fundo ruim... nega o movimento histórico. Eu tenho aquele espaço muito mais como uma forma de me aproximar de meus conterrâneos para até ajuda-los e eles me ajudarem na adaptação a uma nova situação, a uma nova realidade, um espaço de encontros. Entretanto tenho clareza que a partir do momento que eu estou aqui, eu sou daqui... quero dizer, eu tenho que viver da melhor maneira possível o aqui e o agora, sem esquecer jamais das minhas origens, fazendo até com que as minhas origens sejam elas também renovadas, remodeladas a partir do meu novo habitat, da minha nova forma de viver... Então, com esse sentido para mim o Centro de Tradições Nordestinas (CTN) e a própria Casa Nordestina são espaços fantásticos onde a gente consegue soltar as falas e os costumes entre parecidos.

¹³⁰ PENA, Maura. O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o escândalo Erundina. São Paulo: Cortez, 1992. p. 76

¹³¹ Cláudio Freire de Souza, 52 anos, Estado de origem: Ceará. Entrevista realizada em 17/12/2002.

É interessante observar que a fala do Sr. Cláudio traz à tona a questão da sociabilidade que muitos se referiram no primeiro capítulo no momento em que chegam em Dourados. Ele afirma ser lá o lugar onde eles podem “soltar a fala”, conversar sobre os costumes do nordeste e estar próximo dos conterrâneos. Aquele ambiente, para ele, não é apenas um lugar de lembrar o passado, mas de conviver com os seus semelhantes e trocar idéias para auxiliá-los a uma melhor adaptação em Dourados. O seu discurso é mais elaborado por ser um professor universitário, mas outros que lá freqüentam também desenvolvem essa sociabilidade mesmo sem ter essa fala elaborada.

Desde o início tem sido preocupação do CTN divulgar a cultura nordestina e promover a integração entre os povos da região, para alcançar esse objetivos a entidade tem realizado algumas festas com músicas e comidas típicas do nordeste.

O CTN - Centro de Tradições Nordestinas “Asa Branca”, foi fundado em 5 de fevereiro de 1994, e desde então tem deixado claro as suas finalidades como consta em seu estatuto,¹³² tais como: *“fomentar o conhecimento, a prática e a divulgação da cultura nordestina; promover a integração social do povo nordestino desta região e a fraternidade entre todos os integrantes desta região”*.

A Casa Nordestina e o CTN são entidades autônomas e distintas entre elas. Embora o CTN tenha começado as suas reuniões na Casa Nordestina exercem atividades diferentes, esta última é uma casa noturna e o CTN é uma entidade que promove eventos festivos de forma esporádica na cidade.

Pode-se dizer que o surgimento do CTN aconteceu de forma mais planejada, enquanto a Casa Nordestina foi surgindo de acordo com as necessidades vivenciadas pelo Sr. César. O CTN tem o seu lugar consolidado na cidade como uma instituição que possui registro e obedece toda uma organização institucional, não possui sede própria e os eventos promovidos ocorrem em clubes da cidade.

A iniciativa de criar o CTN consolidou-se efetivamente em 1994, mas segundo o Sr. Acelino,¹³³ que foi o seu primeiro presidente, essa idéia já estava em discussão desde noventa, quando ele reunia com colegas que também eram do nordeste e discutiam o assunto. Uma das pessoas que compartilhava com ele a necessidade deste espaço era o radialista e jornalista Elvio Lopes, um dos entusiastas da idéia de se criar o CTN, que tem contribuído para divulgar o trabalho dessa entidade no jornal.

¹³² ESTATUTO, CTN – Centro de Tradições Nordestina “Asa Branca”. Dourados: 26/10/94.

¹³³ Acelino Rodrigues de Carvalho entrevista realizada em 06/05/2002

Um dos trabalhos desenvolvidos pelo CTN foi a criação de um jornalzinho intitulado “Informativo Asa Branca” que circula normalmente após eventos promovidos pelo CTN. Esse informativo é distribuído gratuitamente no comércio da cidade e não há um cronograma para as publicações. Com a circulação desse jornal pelo comércio local, eles divulgam os eventos e tornam pública a presença dos nordestinos na cidade.

Além de divulgar os eventos promovidos pelo CTN, o jornal veicula informações, curiosidades, poesias e matérias referentes ao Nordeste, além de trazer sempre como destaque um nordestino que mora na cidade.

A iniciativa de ter o próprio instrumento de divulgação dos eventos, propaga o espaço ocupado pelo CTN e informa à sociedade as atividades desenvolvidas pela entidade. Em nota no seu primeiro exemplar aparece a proposta do CTN¹³⁴:

A maioria das famílias que vieram do nordeste na época da Colônia Agrícola de Dourados, década de 40, em busca do sonho de uma vida melhor, era formada por pessoas humildes, que com o passar do tempo foram aos poucos perdendo sua identidade cultural aderindo totalmente a outras culturas. A proposta do CTN é exatamente resgatar a identidade cultural dos nordestinos e descendentes de nordestinos que vivem nessa região, para que eles possam sentir orgulho de suas origens. Essa tarefa tem sido, para os membros do CTN profundamente gratificante, pois cada dia que passa ocupamos mais o espaço cultural que estava a nós reservado. O sonho está se tornando realidade.

É possível inferir através desta matéria que o CTN vêm tentando atingir o seu objetivo primeiro que é o de ter um espaço cultural na cidade. Segundo o Sr. Acelino, os nordestinos que vieram para Dourados perderam muito de sua cultura original e o CTN vem tentando “resgatar” essa cultura nordestina, mas veremos ao longo do texto e pela narrativa do próprio Acelino e de alguns dos entrevistados, que o objetivo da entidade constitui-se também na preocupação em conquistar o seu lugar na cidade e não apenas “resgatar a cultura” como propagam, eles querem também ser reconhecidos na cidade.

Com o objetivo de conseguirem esse reconhecimento, atribuem nos artigos do jornal sentidos para a chegada desses nordestinos em Dourados, considerando-os um povo humilde que chegou na cidade na década de quarenta em busca do sonho de uma vida melhor. No entanto, segundo o Sr. Acelino a cultura desses sujeitos acabou sendo sufocada por outras culturas. O sentido da chegada desses trabalhadores é enfatizada no jornal do CTN da mesma forma que os memorialistas enfatizam, como; desbravadores em busca de um sonho e que conseguiram crescer e prosperar através do trabalho.

¹³⁴ CARVALHO, Acelino Rodrigues. *Um sonho possível: os nordestinos*. Informativo Asa Branca – Boletim de Informação e Cultura. Dourados 27 de agosto de 1998. nº 1.

O Sr. Acelino¹³⁵ foi por duas vezes presidente do CTN sendo que uma delas foi na sua primeira gestão. Ele é advogado e professor universitário, ao entrevistá-lo ele enfatiza os objetivos do CTN e a sua importância para a cidade de Dourados:

E aí o objetivo do CTN é promover um movimento de integração e todos que habitam a região podem participar independente de origem, pra você ter uma idéia nós temos casais de japoneses no CTN, ou seja, a gente mantém uma entidade autônoma aberta, porque a gente entende assim que cultura é algo que não tem dono, na verdade ela é patrimônio de toda a humanidade.

Na sua fala fica evidente o sentido de estar promovendo a integração de todos os habitantes de Dourados independente da origem. O tempo todo deixa claro que o CTN não é uma entidade fechada e que lá participa e é sócio quem quiser e cita como exemplo desta abertura a outras culturas, a participação de casais japoneses em suas festas. Isso foi evocado também pelo Sr. José Germano quando ele se referia a diferentes povos que participam e dançam o forró na Casa Nordestina. Por meio desse exemplo busca-se evidenciar a participação de toda a sociedade nesses eventos.

O Sr. Acelino em sua entrevista enfatiza que os eventos promovidos pelo CTN são cobrados um valor baixo para que todos participem, *“uma coisa é certa o CTN é freqüentado por todas as classes sociais do mais humilde ao mais graduado, você vai encontrar um médico, um dentista, professor universitário, um Zé Barbeiro”*.

Nos informativos produzidos pelo CTN procura-se sempre deixar evidente que a entidade tem feito sucesso. Por ocasião do aniversário do CTN são realizadas festas e tornam pública a presença dessa entidade na cidade. Em convite feito à comunidade para comemoração dos sete anos de existência do CTN foi divulgado o seguinte anúncio:¹³⁶

No dia 17 de fevereiro às 21:00 horas, teremos no clube AABB, a comemoração dos sete anos do Centro de Tradições Nordestinas, onde será oferecido ao público um jantar com comidas do nordeste, baile com o grupo “Terra Seca”, e uma abertura cultural com repentistas emboladores (Zé Barbeiro e Barbosa) o grupo de dança Analuisa Cabral Gonçalves, da Studio Corpos Academia, mostrando uma dança típica do folclore pernambucano, “O Frevo”. Não percam este grande evento sociocultural, os convites serão vendidos antecipadamente a R\$ 5,00 e a R\$ 7,00 na portaria.

¹³⁵ Acelino Rodrigues de Carvalho, 40 anos, Estado de origem: Maranhão. Entrevista realizada em 06/05/2002.

¹³⁶ Asa Branca – Boletim de Informação e Cultura do CTN. Dourados fevereiro de 2001. n° 14

Optei por reproduzir aqui este convite para que pudesse destacar alguns aspectos, tais como; a participação da comunidade na realização destes eventos através das apresentações como é o caso da academia de dança e destacar o valor cobrado, que como colocado pelo Sr. Acelino em sua entrevista, não são altos porque participariam do jantar e do baile por R\$ 5,00 reais. Esse é um preço considerado acessível ao público, o convite também esclarece o tipo de evento que será promovido pelo CTN. Às vezes, servem apenas comidas ou um almoço e outras vezes promovem apenas o baile. Com a realização dessa festa o objetivo era comemorar as conquistas feitas no meio social até aquele momento.

O CTN marca um novo tempo e uma nova imagem do “ser nordestino” em Dourados pela divulgação dos eventos promovidos pelo jornalzinho da entidade. Dessa forma, busca em seus escritos valorizar a trajetória dos nordestinos que residem na cidade, apresentando-os como vencedores, ao disseminar essa imagem, procuram apagar ou se contrapor a uma outra imagem que foi criada pelos memorialistas e pela historiografia de que eles seriam fracassados. Assim, os nordestinos acabam por ser reconhecidos em alguns espaços da cidade, tais como; o CTN e a Casa Nordestina.

Ainda na entrevista do Sr. Acelino quando foi perguntado sobre o número de associados e porque buscam o CTN ele narra: *“na verdade é um movimento cultural que foi criado aqui em Dourados aonde as pessoas vão porque querem conversar, querem se divertir”*. O número de associados, segundo ele, na época em que realizei a entrevista era de aproximadamente cento e cinquenta pessoas.

É importante salientar que o fato da pessoa ser sócia não dá a ela o direito de pagar menos nos eventos promovidos pelo CTN, porque não é cobrado nenhum tipo de mensalidade desses sócios. O Sr. Acelino disse que não fazem isso porque ainda não há uma sede própria, mas quando existir, aí sim, poderá ser cobrado alguma taxa, os eventos que ocorrem na cidade normalmente é cobrado de cinco a dez reais, depende do tipo do evento os mais caros referem-se aos que servem comidas.

Nas matérias produzidas pelo informativo¹³⁷ do CTN evidencia-se a preocupação do grupo com o sucesso dos eventos realizados bem como a aceitação por parte da comunidade:

CTN promoveu no último sábado o Baile de Aleluia no Clube de Sub-Tenentes e Sargentos, a participação da comunidade foi massiva e contagiante.

¹³⁷ Informativo Asa Branca Boletim de Informação e Cultura do CTN. Dourados, 10 de abril de 1999. nº 6

Nesses anúncios sempre fica evidente que o evento foi um sucesso porque contou com a participação de toda a comunidade, isso ressalta que o CTN não é um espaço destinado apenas aos nordestinos e a comunidade tem prestigiado os eventos promovidos pela entidade. Para os organizadores dos eventos esse reconhecimento da sociedade é fundamental, portanto, fazem questão de tornar público esse reconhecimento através dos anúncios e agradecimentos.

Ao completar sete anos de existência o CTN¹³⁸ avaliou o trabalho desenvolvido da seguinte forma:

*O CTN completa sete anos com várias vitórias e enormes desafios pela frente. A união de todos os companheiros foi essencial para **o reconhecimento por parte da sociedade** e dos próprios nordestinos. Aglutinar o maior número de nordestinos e simpatizantes, construir a nossa sede e participar com outras organizações culturais e congêneres para debater, propor e reivindicar políticas culturais para todos, continua sendo nossos objetivos. (grifo meu)*

Aparece novamente nessa matéria menção ao reconhecimento da sociedade aos eventos promovidos pelo CTN, isso evidencia que é importante para eles a aceitação da comunidade ao trabalho que é desenvolvido pela instituição. É possível inferir por meio desses anúncios que mais do que promover a integração cultural entre os nordestinos, essa entidade tem claro em seus propósitos, a preocupação em “marcar o seu espaço” na cidade e serem reconhecidos pela sociedade como fica evidente nessa nota. O CTN disputa esse espaço reivindicando políticas públicas em que se tenha a valorização de políticas culturais que garantam a permanência de instituições como o CTN na cidade.

Ao disputar esse espaço na cidade, o CTN procura identificar o “ser nordestino” em Dourados, com a institucionalização de um lugar onde se come, dança e ouve músicas típicas da região nordestina. Dessa forma, o reconhecimento da sociedade se fez presente no legislativo, a Câmara Municipal de Dourados¹³⁹ expediu Moção de Congratulações ao CTN pelo evento promovido pela entidade denominado 1º FESTOL – Festa da Carne de Sol:

Este evento enaltece o povo nordestino, fazendo com a integração destes e ainda dos simpatizantes, que nos apoiaram em nossa história. Vocês são nossos amigos, esta Festa consagrou às raízes e a cultura de um povo trabalhador e pioneiro que nos ajudaram a construir nossa cidade. Esta homenagem da

¹³⁸ Informativo Asa Branca – Boletim de Informação e Cultura do CTN. “Um sonho que torna realidade”. Dourados, fevereiro de 2001. nº 14

¹³⁹ Câmara Municipapl de Dourados – Moção Legislativa – Vereadora Bela Barros PSDB – Plenário “Weimar Torres”, 20 de novembro de 2001.

Câmara de Vereadores estende-se a todos os colaboradores e participantes de grandioso evento.

Esta Moção foi encaminhada pela vereadora Bela Barros, ela tenta de todas as formas enaltecer o papel do nordestino na cidade como sendo “*nossos amigos, um povo pioneiro que nos ajudaram a construir nossa cidade*”. Antes da existência do CTN esse povo já estava na cidade, mas o reconhecimento parece vir apenas depois destes eventos promovidos pela entidade, o que possibilita inferir, que esse reconhecimento ocorreu após o evento realizado pela instituição. Portanto, foi um reconhecimento institucional, a vereadora não reconhece os nordestinos como um todo, mas sim, alguns nordestinos que estão envolvidos com essa instituição.

Esse reconhecimento concedido pela Câmara Municipal parece ser atribuído muito mais a uma instituição do que às pessoas. Embora a vereadora procure ressaltar o papel importante dos nordestinos na cidade, esse reconhecimento torna-se público após uma promoção realizada pelo CTN em que houve uma participação massiva da sociedade. A meu ver fica a impressão de que os vereadores ao se posicionarem frente a um grande evento público enalteceria a imagem deles próprios mais do que a das pessoas que lá estavam.

Este evento, segundo o jornal, foi um grande acontecimento na cidade e segundo o Sr. Acelino, quando eu o entrevistei, pretendiam torná-lo uma tradição, aconteceria todos os anos e queriam que fizesse parte do calendário das festividades municipais. Evidenciou-se assim, a preocupação do CTN em demarcar o seu espaço na cidade, já que este evento foi considerado um sucesso, a instituição reivindica a permanência dele nas comemorações públicas estabelecidas pelo calendário oficial da cidade.

A Moção encaminhada pelo vereador Walter Hora¹⁴⁰ em relação ao mesmo evento tem o seguinte conteúdo.

A 1ª FESTSOL promovida pelo Centro de Tradições Nordestina, Asa Branca (CTN) foi um evento marcante, onde a colônia nordestina da região da Grande Dourados e seus simpatizantes vivenciaram momentos de Alegria e confraternização. O CTN de Dourados já se consolidou como uma das mais importantes entidades do Estado de Mato Grosso do Sul. Esse sucesso deve-se, sobretudo á seriedade com os membros da entidade tratam seus filiados e simpatizantes, enfim de todos aqueles que lutam pela preservação e resgate da cultura popular nordestina, através das músicas danças e das comidas típicas.

¹⁴⁰ Câmara Municipal de Dourados – Moção Legislativa – Vereador Walter Hora – PPS – Plenário “Weimar Torres”, 20 de novembro de 2001.

Na Moção encaminhada pelo Vereador Walter Hora parece ficar claro o reconhecimento do “ser nordestino” apenas pela suas “manifestações culturais” como: *músicas, danças e comidas típicas*. Quando esse vereador refere-se à Colônia Nordestina parece ficar a impressão de que existe na cidade um lugar específico onde estes nordestinos estejam residindo, uma colônia de nordestino neste sentido não existe, usou este termo para referenciar a todos os nordestinos que moram na cidade.

Por ocasião da comemoração dos sete anos de existência do CTN, o mesmo Vereador¹⁴¹ encaminhou novamente Moção de Congratulação com o seguinte conteúdo:

O Centro de Tradições Nordestinas “Asa Branca” está completando neste mês de fevereiro o seu 7º aniversário. A entidade durante este período contribuiu para mostrar a sociedade douradense o valor da cultura nordestina. Segundo o atual presidente, Acelino Rodrigues de Carvalho apesar de curto período de existência o CTN obteve muitas conquistas, principalmente no resgate da auto estima desse povo. E a criação do centro cultural colaborou pra o enriquecimento da cultura da região.

Nessa moção mais uma vez é evidenciada a expressão “*mostrar a sociedade*” e na fala do Sr. Acelino “*resgate da auto estima*”. Essas expressões denotam bem que o objetivo do CTN, ao longo dos sete anos, não foi apenas promover festas e resgatar a cultura nordestina mas claramente marcar presença diante da sociedade.

Nesse sentido, o “ser nordestino” para esse vereador está relacionado a alguns hábitos, tais como: a comida e a dança que, para ele, isso é um “resgate da cultura nordestina” que é viabilizado pelo CTN. Esta é uma visão um tanto quanto limitada, porque, nesse sentido, não há uma valorização do “ser nordestino” constituído no seu todo, valoriza apenas um ponto, considerado fundamental para o vereador. Assim, não há valorização do trabalho e das trajetórias percorridas por esses nordestinos na cidade.

As pessoas que freqüentam o CTN atribuem outros significados a esses momentos não esses apresentados pelos vereadores. Vão lá porque gostam de se divertir e encontrar com os amigos da mesma região de origem, não se sentem unidos apenas pela comida e dança do nordeste mas identificam-se por terem compartilhado de trajetórias semelhantes.

As festas promovidas pelo CTN têm recebido uma atenção especial da imprensa, que divulga os eventos previamente. Depois de realizado o evento, a imprensa divulga como transcorreram as festividades. Essa atividade tem sido desenvolvida

¹⁴¹ Câmara Municipal de Dourados – Moção Legislativa apresentada pelo vereador Walter Hora do PPS – “Plenário Weimar Torres” em 20 de fevereiro de 2001.

principalmente pelo Jornalista Elvio Lopes que é um simpatizante do CTN desde a sua fundação. Ele evidencia em uma matéria publicada no jornal *O Progresso* a importância que atribui ao CTN¹⁴²:

Mesmo com um grande número de famílias que participaram do processo de colonização de Dourados e região ser procedente do nordeste brasileiro, sua cultura acabou sendo relegada pelo tempo, não ocorrendo, no município, até a fundação do CTN, qualquer manifestação de suas tradições.

E ainda na mesma matéria,

E além de fazer parte da comunidade dourandense culturalmente organizada, o movimento nordestino ultrapassou as fronteiras de Dourados e chega a outro grande centro urbano do Estado, Ponta Porã (cidade esta que fica a 120 quilômetros de Dourados e faz divisa com a cidade de Pedro Juan Cabalero no Paraguai).

O jornalista é enfático em dizer que antes do CTN nenhuma manifestação cultural dos nordestinos existia, ele credita a essa entidade o papel de agregadora de um povo e também um espaço de socialização e isto fica evidente em uma matéria que escreve sobre um dos eventos promovidos pela entidade:¹⁴³

Entre um bate-papo e outro, com a fala arrastada característica do nordestino, a integração com pessoas de outros Estados, de culturas totalmente diferentes, o forró comeu solto no salão do Clube dos Subtenentes e Sargentos (CSSD), no Parque Alvorada, onde foi realizado o “Domingão”.

O jornalista tenta evidenciar nesta matéria o quanto é importante a realização dos eventos promovidos pelo CTN para que haja a integração dos nordestinos da região e isso fica evidente no momento em que descreve as atividades ocorridas na festa, ele disse; que entre um bate-papo e outro a presença dos diferentes falares promovia a integração. Neste sentido, o jornalista incorpora referências, interpreta e concebe a realidade social da vida dos nordestinos em Dourados de acordo com a sua visão.

Este mesmo jornalista, após realização de um outro evento, solicitou a opinião de alguns dos participantes e escreveu:¹⁴⁴

O agricultor Antônio Costa, de 78 anos, morador na Linha do Guassú, está na região desde 1951, quando chegou para participar da implantação da Colônia

¹⁴² O Progresso. Caderno B. *Cultura nordestina chega a fronteira*. 23/24 de janeiro de 1999. Jornalista Elvio Lopes.

¹⁴³ O Progresso. Caderno B. *Nordestinos promoveram domingo com sucesso*. Dourados, 8 de outubro de 1997. Jornalista Elvio Lopes.

¹⁴⁴ O progresso. Caderno B. *Nordestinos realizam festa com sucesso*. Dourados 8 de abril de 1997.

Agrícola Nacional (CAND) e ´um dos entusiastas da efetivação do CTN, “para a gente se reunir e lembrar das coisas boas de nosso nordeste.” Casado com dona Joventina Benice Coelho “seo” Antônio aprovou a promoção da entidade e disse que o pessoal deve prestigiar o clube.

A imprensa neste momento considera o CTN como uma referência para os nordestinos que vivem na região. O jornalista apresenta a opinião dos participantes da festa como argumento para legitimar a importância do CTN. As festividades promovidas pelo CTN têm para o Sr. Antônio Costa a função de convidar a sua memória para uma viagem de volta ao nordeste, o fazendo recordar de um lugar vivido por ele que ficou no tempo.

O Grupo Terra Seca, que toca nos eventos promovidos pelo CTN, tem sido responsável pela divulgação da instituição, já que não toca apenas em eventos promovidos pela entidade e sim em várias festas diferentes que ocorrem na cidade, o nome dado ao grupo faz referência ao “ser nordestino” em outro espaço.

Em matéria publicada no jornal referente a um evento que aconteceu na cidade animado pelo grupo Terra Seca tem-se o seguinte comentário:¹⁴⁵

O Grupo Terra Seca, que vai animar o Forró da Imprensa, é o único no Estado que tem resgatado e vem valorizando e divulgando a música nordestina, nos seus mais variados ritmos, na região da Grande Dourados e Mato Grosso do Sul. Formado por nordestinos e descendentes, o grupo Terra Seca conta com um repertório do legítimo forró pé-de-serra, que resgata as raízes da música do nordeste, como o próprio forró, o baião, o xaxado, o xote e outros ritmos dançantes daquela região do país.

Pelo conteúdo da matéria percebe-se a importância que é dada ao grupo Terra Seca não somente na cidade mas também no Estado, esse grupo é considerado o responsável por divulgar a música nordestina na região. É relevante também a formação do grupo que é composta por nordestinos e descendentes, misturam-se duas gerações. Dessa forma, o reconhecimento desse grupo vem de outros sujeitos sociais de diferentes gerações, como os universitários que estão presentes em outros espaços.

Esse baile foi promovido pela CID – Clube De Imprensa de Dourados, membros da diretoria dessa entidade na mesma matéria tecem o seguinte comentário a respeito do evento:

Segundo a diretoria da CID, a iniciativa de realizar o forró da copa foi também uma forma de prestar homenagem aos nordestinos que desbravaram a

¹⁴⁵ Jornal O Progresso. CID promove forró da copa sábado. Caderno B, 25 de junho de 2002.

região em meados do século passado e seus descendentes e os simpatizantes da cultura do nordeste.

E acrescentam em relação ao grupo:

O Grupo Terra Seca vem destacando-se como um dos mais importantes do Estado no resgate, preservação e divulgação da cultura nordestina por meio da música e tem, entre seus integrantes, nordestinos e simpatizantes de sua cultura, que promovem um verdadeiro show dançante nos eventos que anima.

Nessas matérias aparecem elementos que buscam tornar evidente a importância dos nordestinos na história da cidade. Pode-se perceber isso quando são tratados como desbravadores da região. Essa visão apoiasse assim na visão concebida pelos memorialistas que tinham o interesse de apresentar um projeto de colonização em que inseria os nordestinos.

A imprensa nesse momento constrói a imagem pública do nordestino em Dourados associada ao CTN, como se a existência dessa instituição fosse a responsável por toda essa movimentação. Embora a instituição tenha desempenhado um papel relevante nesse processo ao conseguir agregar uma parcela significativa de nordestinos em um mesmo espaço, ao posicionar-se dessa maneira, o jornalista procura homogeneizar as diferenças, assim tem-se a impressão que todos os nordestinos que lá freqüentam são iguais. No entanto, constatou-se através das suas trajetórias que há entre eles diferenças que devem ser respeitadas. Dessa forma, evidencia-se o “ser nordestino” associado à versão apresentada pelos memorialistas de incorporá-los à história da cidade como desbravadores e também a versão dos vereadores em valorizar a presença deles a partir de referenciais por eles estabelecidos como “práticas culturais”.

De acordo com várias matérias veiculadas na imprensa, pode-se inferir que o Grupo Terra Seca está inserido na comunidade porque eles tocam em vários locais diferentes e em cidades vizinhas. Isso tem, segundo a imprensa, contribuído para a divulgação da cultura nordestina e do CTN – Centro de Tradições Nordestinas. Em função disso, o CTN e a Casa Nordestina passaram a ser uma referência para alguns dos nordestinos da cidade.

No entanto, esses espaços tornam-se referência somente após a década de noventa, com isso não quer dizer que antes desta data a presença nordestina na região não era significativa mas pode-se inferir que ao constituir estes espaços puderam de uma certa maneira agregar um maior número de nordestinos em um mesmo espaço. Isso tornou a presença deles mais visível. A imprensa local por intermédio do Jornal O

Progresso tem contribuído para a imagem dos nordestinos aparecer vinculada aos eventos culturais. O *Jornalzinho* produzido pelo CTN que circula no mercado local também tem contribuído para divulgar e marcar a presença desses sujeitos na cidade.

Ao ser perguntado sobre as festas promovidas pelo CTN o Sr. José Alves¹⁴⁶ faz o seguinte comentário em relação ao grupo Terra Seca:

Vou, Vou, (está se referindo as festas) são muitas boas só que pra vista do nordeste, agora o presidente é o Acelino ele é muito esforçado. Tem as festas tem o grupo Terra Seca que já não é um trio é um grupo, é seis ou sete tocadores tem guitarra, tal, tal, não é justo, o certo mesmo pra ser a tradição nordestina era a zabumba, o triângulo e sanfona, sanfona o sanfoneiro.

Embora a imprensa propague o espaço do CTN como agregador e divulgador da cultura nordestina, o Sr. José Alves não reconhece essa produção da música tocada pelo grupo Terra Seca porque não há uma fidelidade à originalidade da música de sua região de origem em função das mudanças realizadas pelo grupo.

Segundo o Sr. José Alves, o Grupo Terra Seca perdeu a originalidade e não toca o forró pé de serra, pois acrescentaram aos instrumentos originais instrumentos eletrônicos como; o contra-baixo e a bateria, mas, mesmo assim, gosta e participa das festas.

Em matéria publicada no jornal *O Progresso*¹⁴⁷ referente a um evento promovido pelo CTN tem-se um pouco da história do grupo Terra Seca e da mudança do ritmo:

...o Terra Seca, que nos últimos dois anos ampliou sua formação e aprimorou-se no repertório musical. Além das tradicionais músicas de Luiz Gonzaga, o grupo inovou e tem acompanhado as modernas tendências da musicalidade nordestina, sem fugir do tradicionalismo que sempre marcou e marca a música daquela região do País. Desta forma, além dos renomados nomes da música nordestina, como o próprio Rei do Baião, Dominginhos, Osvaldinho do Acordeon, Elba Ramalho, Zé Ramalho, Fagner, Trio Nordestino e outros, o Terra Seca também envereda pelos caminhos dos novos grupos musicais, como o Mastruz com Leite, Fala Mansa, Trio Virgulino e os novos nomes do Forró Universitário, que estão conquistando a juventude brasileira, de sul a norte e de leste a oeste.

Ao escrever sobre a história do grupo Terra Seca, o jornalista constrói o sentido da existência do grupo e justifica as mudanças do ritmo associadas à necessidade de acompanhar as mudanças que estavam acontecendo em nível nacional com a

¹⁴⁶ José Alves dos Santos, 60 anos, Estado de origem: Alagoas. Entrevista realizada em 07/08/2002.

¹⁴⁷ O Progresso. Caderno B. *CTN comemora aniversário na AABB*. Dourados 29 de janeiro de 2001. Elvio Lopes.

implementação do forró universitário, isso levou o grupo a alcançar grande sucesso naquele momento.

Pode-se inferir que essa mudança ocorreu porque o grupo toca em vários eventos e não só nos promovidos pelo CTN, então, sentiram a necessidade de incorporar músicas atuais que são tocadas por outros grupos, além dos instrumentos originais que são: o triângulo a zabumba e a sanfona, inseriram o contra baixo e a bateria. Incorporar outros instrumentos ao grupo, para o Sr. José Alves, tem descaracterizado o grupo enquanto tocador do legítimo forró pé de serra, “*o certo mesmo pra ser a tradição nordestina era a zabumba, o triângulo e sanfona, sanfona o sanfoneiro*”, afirma ele. No entanto, para ter a aceitação do público, o grupo mantém instrumentos antigos e novos, porém, sem descaracterizar a tradição como escreve o jornalista.

Ao analisar a fala do Sr. José Alves e a matéria do jornalista percebe-se que enquanto um reivindica a fidelidade do grupo para que seja como na sua região de origem o outro justifica que a mudança do ritmo é necessária. Para que o grupo possa ser aceito por toda a sociedade, ou seja, por todas as pessoas nordestinos ou não, teve que incorporar as mudanças que também aconteciam em nível nacional com a divulgação do forró universitário. No entanto, ao realizar essas mudanças agrada uma geração mais jovem formada por universitários porém desagrada a outros como o Sr. José Alves que não se reconhece nesse novo ritmo.

O Sr. Acelino,¹⁴⁸ que está à frente do grupo “Terra Seca”, sempre achou que a música seria uma maneira de chamar a atenção dos nordestinos e da comunidade Douradense de uma forma geral, assim ao se referir à maneira como começaram o CTN e dos seus propósitos ele conta:

Já tinha a Casa Nordestina que era um barzinho pequeno servia buchada, nós começamos a nos reunir lá, eu coloquei uma nota no jornal o progresso ou era diário naquela época não lembro, convocando os interessados, daí fizemos a reunião. Tinha outro problema como é que nós vamos aqui onde nós não temos penetração, como é que nós vamos conseguir colocar o nosso plano em prática? Reuniu eu o Paraíba outras pessoas que tocavam e a gente resolveu que o caminho era a música. Qual é o jeito da gente atingir o coração das pessoas? A melhor maneira é a música.

A música foi para o Sr. Acelino a forma encontrada para contagiar a cidade com o ritmo nordestino. Foi esse ritmo contagiante que começou a despertar nas pessoas o

¹⁴⁸ Acelino Rodrigues de Carvalho, 40 anos, Estado de origem: Maranhão. Entrevista realizada em 06/05/2002.

entusiasmo pelo CTN, foi através da música que a princípio era tocada somente na Casa Nordestina que eles conseguiram atingir o coração das pessoas como referenciado pelo Sr. Acelino. O Sr. José Germano já havia citado como o forró contagiou a cidade com o incentivo da mídia. Essas falas levaram-me a inferir que um conjunto de fatores ocorridos ao mesmo tempo ajudou a divulgação dessa música na cidade, pode-se identificar como fatores que contribuíram para que isso ocorresse a já existência da Casa Nordestina e o movimento intitulado forró universitário que estava sendo divulgado pela mídia em todo o país.

O Sr. Acelino em sua entrevista reclama que antes do CTN não havia um espaço para o povo nordestino, eles não eram representados na comunidade. A música contribuiu para a implementação de um espaço como o CTN que conseguiu reunir o povo nordestino.

Nesse sentido, foi por intermédio da música que o grupo começou a conquistar e marcar o seu lugar na cidade e ao se apresentarem em vários locais onde não se encontram apenas nordestinos, eles evidenciam a presença nordestina na cidade, “a música foi contagiante” como relata o Sr. Acelino.

A idéia de fundar o CTN surgiu, segundo o Sr. Acelino, após um grupo que tocava forró na cidade ter sido chamado para tocar em um evento promovido por um centro acadêmico e após tocaram três músicas a organizadora pediu que parassem, porque não estavam agradando ao público e colocaram um som mecânico, a partir deste dia, ele relata que sentiu que aquilo não poderia ficar daquele jeito teriam que arrumar uma maneira de conquistar o espaço deles e daí então foi ao jornal convocar os nordestinos interessados para fundarem o CTN. Assim, constituiriam um espaço onde o público presente seriam pessoas que a princípio compartilhavam dos mesmos anseios e propósitos.

Diante dessa fala, percebo então que o CTN não é apenas um lugar de “manifestação da cultura nordestina” mas um lugar de resistência com o objetivo de marcar a presença dos nordestinos na cidade.

Sendo assim, a festa que acontece na Casa Nordestina e as promovidas pelo CTN são muito mais que uma opção de lazer, ela está inserida dentro de um contexto social, onde há uma heterogeneidade cultural, por isso, a festa não é apenas uma, “manifestação folclórica” e sim uma forma de expressarem a presença dos nordestinos na cidade.

A Casa Nordestina e o CTN são espaços que contribuíram para que despertassem em alguns nordestinos valores e sentimentos que antes estavam adormecidos. Nesse sentido, eles têm uma maior visibilidade na cidade e não se sentem intimidados por viver neste lugar. Alguns nordestinos escrevem repentes no jornal local, participam de programas de rádio, apresentam-se em eventos promovidos na cidade e em alguns programas da televisão local. Esse tipo de acontecimento dificilmente ocorria antes da década de noventa, no entanto, pode-se inferir que o espaço conquistado pelo povo nordestino na cidade teve a parceria do CTN e da Casa Nordestina.

Esses sujeitos com os quais dialoguei ao lembrarem das festas vividas no nordeste, das comidas que preparavam, eles reconstituem o seu passado em um outro espaço que agora vivem. Buscam um passado vivido com os seus pais no campo em uma região distante dali, mas para alguns, isso pode ser revivido no presente quando freqüentam a Casa Nordestina e as festas promovidas pelo CTN.

Nesse sentido, ao freqüentarem a Casa Nordestina e o CTN esses sujeitos estão reelaborando nestes espaços práticas culturais que estão vinculadas à memória e história de suas trajetórias vivenciadas no cotidiano do nordeste e em Dourados. Em função disso, há uma convergência de lembranças que são trazidas do passado e vividas no presente.

O CTN por um lado reivindica o seu espaço na cidade, por outro, consegue de alguma forma agregar alguns nordestinos por afinidades de valores. Ao procurarem a Casa Nordestina e o CTN os nordestinos não querem somente ouvir a música que gostam mas também procuram os seus conterrâneos para conversar. Música de forró poderiam ouvir em qualquer lugar mas pessoas com as quais conseguem conversar por terem vínculos históricos comuns eles encontram somente nesses ambientes.

Esses vínculos eram mantidos desde o momento em que chegaram em Dourados e dirigiram-se para o campo, eles nunca deixaram de ter esta sociabilidade entre eles. Quando mudaram para a cidade continuaram a manter esses laços de amizade com os conterrâneos. No entanto, com a criação dessas instituições encontraram um lugar onde possam estar juntos e não somente lembrar o nordeste mas viver bem em Dourados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os nordestinos com os quais dialoguei deixaram a região de origem em busca de alguns sonhos/ e ou objetivos, cada um carregava consigo as suas próprias expectativas, desde a água para beber até uma propriedade para morar. Pude perceber ao longo da pesquisa que cada um deles sentem-se realizados na cidade de Dourados. Essa realização está diretamente relacionada às expectativas que traziam com eles. Embora o nordeste tenha ficado no passado não foi apagado de suas memórias. A relação que mantém com o nordeste fica evidente pela manutenção de alguns costumes que de lá trouxeram e que são reinventados neste outro espaço que agora ocupam.

Pude perceber ao longo do trabalho na análise das entrevistas que as opiniões quanto ao motivo da saída do nordeste são divergentes, isso possibilitou-me trabalhar com as diferenças em meio a um mundo que muitos apresentam como homogêneo. Os motivos variavam, desde as necessidades básicas, como falta de alimentação em seus Estados de origem até o sonho de ter a sua própria propriedade, pode-se inferir que, no final, o que todos buscavam eram melhores condições de vida.

Para Dona Romana que veio de uma região seca e pobre, onde o marido não conseguia emprego, Dourados era símbolo de fartura e felicidade, o fato de ter leite à vontade para os filhos, de poder criar animais no seu terreiro e de pegar o dinheiro que o marido ganhava e guardar, era motivo de grande realização.

Não posso afirmar que todos os nordestinos que se dirigiram à região de Dourados tivessem boas condições de vida no nordeste, mas posso inferir pelos seus próprios relatos, que muitos a tinham e não deixaram a região de origem devido a dificuldades como fome e seca, mas sim, devido a algumas expectativas de melhorar ainda mais as condições de vida.

Sendo assim, motivados por essa busca de melhores condições de vida é que a maioria deles deixou o campo no final da década de setenta e nos anos oitenta e se dirigiram a cidade, pois na cidade esses indivíduos podiam vislumbrar um novo futuro

para os filhos, dando a eles a oportunidade de estudar e adquirir ferramentas para enfrentarem as mudanças que estavam sendo implantadas na cidade naquele momento.

Ao mudarem para a cidade, eles reinventam os seus trabalhos, seja na construção civil, no jogo do bicho, na barbearia ou na escola, cada um à sua maneira como eles dizem “vão se virando”. As mulheres parecem sentir as mudanças de maneira mais intensa e ao mudarem para a cidade também procuram por empregos que as possibilite trabalhar fora e cuidar da sua própria casa e dos filhos, assim elas: são lavadeiras, domésticas, fazem bordados. Elas foram ao longo de toda essa trajetória de mudanças, as companheiras necessárias para que pudessem junto com os maridos suprir as adversidades enfrentadas e, por muitas vezes foram elas a tomarem a decisão de deixar o nordeste e partir em busca de melhoras.

Esses sujeitos quando estavam na cidade continuaram a manter os laços de amizades e companheirismo que os uniam no campo, a ajuda mútua entre os vizinhos aparece em todo momento como determinante para que a vida na cidade fosse ainda melhor. Por residirem há muitos anos em Dourados sentem-se hoje pertencendo a essa cidade e buscam referenciar em suas falas o crescimento da mesma, deixam transparecer as melhoras que a cidade sofreu e relacionam essas melhoras com o seu viver cotidiano.

Neste sentido, o vencer para esses sujeitos significa a determinação pelo trabalho e a luta por melhores condições de vida em relação a que tinham na sua região de origem. Vencer muitas vezes traduzia-se em ter uma casa para morar, ter emprego, dar estudo aos filhos e para outros, como Dona Romana significava simplesmente ter uma torneira em casa e saber que poderia dormir tranqüila que no próximo dia teria água para beber.

Ao usar o mapa para ilustrar as mudanças ocorridas no espaço geográfico da cidade, pude perceber que nem sempre o aumento do espaço físico, acompanhado do crescimento demográfico, esteve associado a melhoras para vida destes trabalhadores. Embora não tenha sido feito aqui um trabalho sobre a cidade, muitas das questões levantadas por estes trabalhadores, fizeram-me indagar: que cidade era esta que ao mesmo tempo em que anunciava o “progresso” e o crescimento não dava condições para que todos vivenciassem esse “progresso”.

O “progresso” que era anunciado nas matérias dos jornais, nos escritos dos memorialistas e na historiografia, segundo alguns entrevistados, continua a acontecer, resta indagar que “progresso” é esse? Em que está referendado? “Progresso” para

quem? Propagado por quem? Estas e outras questões ficaram sem respostas e merecem ser investigadas em trabalhos futuros.

Ao investigar as opções de lazer do nordeste e de Dourados, pude perceber que as pessoas no nordeste divertiam-se em meio a espaços e atividades múltiplas, tais como a construção de uma casa, um velório, as festas religiosas e as chamadas novenas. Já em Dourados, essas festas são realizadas nas igrejas. Outra opção de lazer em Dourados, são a Casa Nordestina e o CTN – Centro de Tradições Nordestinas, que são espaços de sociabilidade e lazer para alguns dos entrevistados, como ficou evidente por meio de suas narrativa no decorrer da pesquisa.

Ao narrarem sobre as festas em Dourados, esses sujeitos voltam ao nordeste, recordam os momentos lá vividos e trazem para Dourados alguns dos costumes/hábitos que lá desenvolviam, como a comida, por exemplo. Todos os entrevistados mantêm em seu cotidiano algum hábito alimentar que os ligam a região de origem. Isso evidencia que o nordeste não foi apagado de suas memórias não é o lugar que eles querem morar, porque estão bem em Dourados, porém não querem apagá-lo de suas memórias e mesmo os entrevistados que passaram por muitas dificuldades trazem em sua memória alguma lembrança da região de onde vieram. E essas lembranças, na maioria das vezes, estão relacionadas às festividades lá deixadas, aos hábitos alimentares que mantinham com a família no campo, aos afetos e sentimentos e não somente aos gostos.

Percebi ao longo da pesquisa que a presença dos nordestinos em Dourados é constituída pelas relações sociais e os viveres no campo e na cidade. Nesse sentido, não se pode delimitar um lugar de nordestinos na cidade, o “ser nordestino” em Dourados acontece em múltiplos espaços de maneiras diferenciadas, presentes nas formas de morar, trabalhar e se divertir onde se estabelecem relações de sociabilidade constituídas com a família em casa, no trabalho, na escola, nas festas da igreja, no CTN e na Casa Nordestina.

FONTES

Fontes orais* (Acervo da Pesquisa)

Acelino Rodrigues de Carvalho, 40 anos. Estado de origem: Maranhão. Veio para Dourados no ano de 1987 indo direto para cidade. Foi por dois mandatos presidente do CTN, é advogado e professor da UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul). (Entrevista realizada na residência do entrevistado em 09/05/2002).

Anisia Francisca da Silva, 59 anos. Estado de origem: Ceará. Chegou em Dourados em 1952 indo para o campo com o pai trabalhar na lavoura, mudou-se para cidade em 1982 é dona de casa e faz trabalhos manuais para vender como; chinelo, bordados e costuras. O marido quando veio para cidade trabalhou na construção civil hoje está aposentado por motivos de saúde. (Entrevista realizada na casa da entrevistada em 06/08/2002).

Cláudio Freire de Souza, 52 anos. Estado de origem Ceará. Deixou o nordeste com sete anos. Em 1956 foi para o interior de São Paulo depois interior do Paraná com a família para trabalhar no campo. Chegou em Dourados no ano de 1974 indo direto para cidade, é formado em filosofia e professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no Campus de Dourados. (Entrevista realizada no local de trabalho, UFMS/Campus de Dourados em 17/12/2002.)

João Ferreira Santos, 58 anos. Estado de origem Alagoas. Chegou em Dourados no ano de 1963 indo para o campo trabalhar na lavoura com os irmão em um lote que o pai havia ganho na época da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados). Mudou-se para cidade em 1979, trabalhou em uma empresa de terraplanagem e de montador de móveis, atualmente trabalha em uma armazenadora de grãos da cidade. (Entrevista realizada na residência de minha irmã em 16/10/2002).

José Barbosa da Silva, 68 anos. Estado de origem: Maranhão. Chegou em Dourados no ano de 1959 indo para o campo trabalhar na lavoura. Mudou-se para cidade em 1977

onde exerceu várias funções na construção civil, hoje está aposentado por problemas de saúde. (Entrevista realizada na residência dos meus pais em 09/05/2002).

José Alves dos Santos, 60 anos. Estado de origem: Alagoas. Chegou em Dourados em 1977 antes passou pelo interior de São Paulo e do Paraná. Mudou-se para Dourados no ano de 1977 indo direto para cidade, desde então exerce a profissão de Barbeiro, profissão esta que havia aprendido com o pai no sítio lá no nordeste. (Entrevista realizada na residência do entrevistado em 07/08/2002).

José Germano da Silva, 48 anos. Estado de origem: Alagoas. Chegou a Dourados em 1987 indo direto para cidade, trabalhou na construção civil, na prefeitura como garri e no jockey clube cuidando de cavalos, hoje ele toca na Casa Nordestina e diz fazer todo tipo de serviço que aparece. Antes de mudar para Dourados passou um tempo em São Paulo. (Entrevista realizada na residência do entrevistado em 16/10/2002).

Lindalva Alves de Carvalho, 75 anos. Estado de origem: Bahia. Chegou a Dourados em 1956 retornou ao nordeste e voltou novamente em 1958 da primeira vez veio contratada para trabalhar em uma fazenda da região. Mudou-se para cidade em 1960, na cidade teve mercearia, foi feirante, carroceira, lavou roupa pra fora, foi doméstica e hoje é aposentada e vive desta aposentadoria. (Entrevista realizada na residência na entrevistada em 17/10/2002).

Maria Gomes dos Santos, 68 anos. Estado de origem: Pernambuco. Chegou a Dourados em 1953 indo com o pai trabalhar na lavoura, em 1972 mudou-se com o marido para cidade onde exerceu a função de professora primária aposentando-se neste serviço. (Entrevista realizada na residência da entrevistada em 17/10/2002).

Maria das Graças Oliveira, 66 anos. Estado de origem: Pernambuco. Não se lembra ao certo quando chegou a Dourados mas foi aproximadamente no final da década de 40, antes passou um ano em São Paulo com um tio. Era criança tinha seis anos veio com o pai para o campo trabalhar em um lote que o pai havia ganho na época da CAND (Colônia Agrícola Nacional de Dourados). Depois de casada mudou-se para cidade no ano de 1965, tiveram mercearia depois o marido passou a trabalhar no jogo do bicho onde trabalha até hoje ela é dona de casa. (Entrevista realizada na residência da entrevistada em 21/10/2002).

* As informações se referem à data da realização das entrevistas.

Romana Pereira Freire, 60 anos. Estado de origem: Ceará. Chegou em Dourados no ano de 1972 indo para o campo trabalhar com o marido. Mudou-se para cidade em 1974. Passou um tempo em Rondônia onde o marido veio a falecer devido a uma picada de cobra ela voltou para Dourados na década de 80 vive da aposentadoria recebida devido a morte do marido. (Entrevista realizada na residência da entrevistada em 08/08/2002).

Jornais

O Progresso. Dourados continua atraindo braços para o trabalho. Trinta e dois dias de viagem em demanda da Terra Prometida. Dourados, 20 de julho de 1952, nº 64. (Arquivo do Jornal O Progresso Dourados-MS)

O Progresso. “*VETIGINOSA! A marcha de Dourados para o progresso*”. Dourados, 21 de abril de 1951 Ano I nº 1. (Arquivo do Jornal O Progresso Dourados-MS)

O Progresso . *Da Paraíba para o sucesso em M.S.* 8 de outubro de 2002. (Arquivo do Jornal O Progresso Dourados-MS)

O Progresso . *Casa Nordestina vira referência de Cultura.* 8 de outubro de 2002. (Arquivo do Jornal O Progresso Dourados-MS)

O Progresso. Caderno B. *Cultura nordestina chega a fronteira.* 23/24 de janeiro de 1999. Jornalista Elvivo Lopes. (Arquivo do CTN)

O Progresso. Caderno B. *Nordestinos promoveram domingo com sucesso.* Dourados, 8 de outubro de 1997. Jornalista Elvio Lopes. (Arquivo do CTN)

O Progresso. Caderno B. *CTN comemora aniversário na AABB.* Dourados 29 de janeiro de 2001. Elvio Lopes. (Arquivo do CTN)

O progresso. Caderno B. *Nordestinos realizam festa com sucesso.* Dourados 8 de abril de 1997. (Arquivo do CTN)

O Progresso. Caderno B. *CID promove forró da copa sábado.* Dourados, 25 de junho de 2002. (Arquivo do CTN)

Documentos diversos

Câmara Municipal de Dourados – *Moção Legislativa* – Vereadora Bela Barros PSDB – Plenário “Weimar Torres”, 20 de novembro de 2001.

Câmara Municipal de Dourados – *Moção Legislativa* – Vereador Walter Hora – PPS – Plenário “Weimar Torres”, 20 de novembro de 2001.

Câmara Municipal de Dourados – *Moção Legislativa* apresentada pelo vereador Walter Hora do PPS – “Plenário Weimar Torres” em 20 de fevereiro de 2001.

ESTATUTO, CTN – *Centro de Tradições Nordestina “Asa Branca”*. Dourados: 26/10/94.

Informativo Asa Branca – Boletim de Informação e Cultura. *Um sonho possível: os nordestinos*. Informativo Asa Branca – Boletim de Informação e Cultura. Dourados 27 de agosto de 1998. nº 1.

Informativo Asa Branca – Boletim de Informação e Cultura do CTN. Dourados fevereiro de 2001. nº 14

Inforamtivo Asa Branca – Boletim de Informação e Cultura do CTN. Dourados, 10 de abril de 1999. nº 6

Informativo Asa Branca – Boletim de Informação e Cultura do CTN. “Um sonho que torna realidade”. Dourados, fevereiro de 2001. nº 14

Dados populacionais da Cidade de Dourados 1950-2000. IBGE de Dourados-MS.

Mapa evolução dos loteamentos de Dourados – IPLAN/SUPRUR – Superintendência de projeto e urbanismo.

Mapa dos loteamentos de Dourados – 2002. Edição: Ulisses Romero.

BIBLIOGRAFIA

BETONI, Walteir Luiz. *Dourados: entre a memória e a história*. Dourados, MS: UFMS, Campus de Dourados, 2002. Dissertação de mestrado.

BETONI, Valter Spada. *Tapera*. Mato Grosso do Sul: Dez Dez – Gráfica e editora, 1993.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos*. 3. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

CALVO, Célia Rocha. *Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos, Uberlândia 1938-1990*. PUC – São Paulo, 2001. Tese.

CAREMLLO, Armando da Silva. *Dourados – terra prometida*. Esboço histórico de Dourados. Campo Grande: Gráfica Alvorada, 1973.

CEVA, Roberta de Alencastro. *Na batida da zabumba: uma análise antropológica do forró universitário*. Rio de Janeiro: Museu Nacional da UFRJ. Dissertação de mestrado em antropologia. 2001.

DAL BOSCO, Maria Goretti. *Viajantes da Ilusão: os pioneiros*. Dourados: Via Nova, 1995.

DIAS, Guilherme Leite da Silva. *A colonização oficial no Brasil: erros e acertos na fronteira agrícola*. São Paulo: IPE/USP, 1986.

EVELYN, Suzana Sochaczewski. E a festa onde foi parar? *Travessia*. *Revista do migrante*. Publicação do CEM (Centro de Estudos Migratórios) Ano I nº1 maio/agosto de 1988.

FENELON, Déa. Trabalho, Cultura e História Social: Perspectiva de Investigação. In: *Projeto História*, São Paulo: PUC, (4), 1985, pp. 21-37.

_____. O historiador e a Cultura Popular: história da classe ou História do Povo?. In: *História e Perspectiva*. Uberlândia: UFU, (6), 1992, pp. 5-24.

FOWERAKER, Joe. *A luta pela terra: a economia política da fronteira pioneira no Brasil de 1930 aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GRESSLER, Lori Alice, SWENSSON, Lauro Joppert. Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul: destaque especial ao município de Dourados. Dourados, 1988.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. *Projeto História*. PUC-SP, (22), jun. 2001.

LENHARO, Alcir. Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste. Campinas: UNICAMP, 1985.

_____. A terra para quem nela não trabalha: a especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: v. 6 n. 12, mar./ago. 1986.

LUCENA, Célia Toledo. Memórias de Famílias Migrantes: Imagens do Lugar de origem. In: *Revista Projeto História*. São Paulo, n.17, nov., 1998.

MARTINS, José de Souza. *Não há terra para plantar neste verão*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral: caminhos e descaminhos. *Revista Brasileira de História*, São Paulo ANPUH/Marco Zero, v. 13, n. 25/26, pp. 55-65. set/92 ago/93.

MORAES FERREIRA, Marieta de & AMADO, Janaína (org.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun khoury. *Projeto História*, PUC-SP, n.10, p. 7-28, dez/93.

OLIVEIRA, Benícia Couto de. A política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1938-1945). Assis São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita".

PÉBAYLE, Raymond, KOECHILIN, Jean. As frentes pioneiras da Mato Grosso do Sul; abordagem geográfica e ecológica. Trad. Antonio de Pádua Danesi, Revisado por Aziz Nacib Ab' Saber e José Laerte Cecílio Tetila. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, 1981.

PENA, Maura. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o escândalo Erundina*. São Paulo: Cortez, 1992.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. IN *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, vol.1 n.2, 1996.

_____. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Projeto História*, PUC-SP, n. 14, p. 7-24, fev/97.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: MORAES FERREIRA, Marieta de & AMADO, Janaína (org.) *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. pp 103-130.

_____. O que faz a História oral diferente. Trad. Maria Therezinha . Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*. PUC-SP, n15, pp. 13-49, abr/97.

ROLNIK, Rachel. História Urbana: história na cidade? In: *Cidade e História – Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*, UFBA, Mestrado em Urbanismo, 1992.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História*. PUC-SP, v.9 nº 19 set.89/fev.90.

_____. Teatros da Memória. In: *Revista Projeto História*. São Paulo, n. 14, fev., 1997.

SANTOS, Marina de Souza. *O migrante nordestino em Dourados (1940-1970)*. Monografia (Especialização em História) – UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Dourados, 2000.

SANTOS, Vicência Deusdete Gomes dos. *A contribuição da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND no processo de ocupação e desenvolvimento do Mato Grosso Meridional*. Monografia (Especialização em Geografia) – UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Dourados, 2000.

SILVA Dalva Maria de Oliveira: *Memórias: Lembranças e Esquecimento. Trabalhadores nordestinos no pontal do triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60*. São Paulo – PUC, 1997.

SILVA, Mário Cezar Tompes da. *Expansão do Complexo Agroindustrial e o processo de Mudança no Espaço de Dourados*. São Paulo: USP, 1992 (Dissertação de Mestrado).

SQUINELO, Ana Paulo. A Guerra do Paraguai em novos campos de batalha. *Fronteiras* – Revista de História da UFMS, Campo Grande, v. 4/5, n. 7/9, p. 77-96, 2000/2001.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. *Projeto História*. PUC-SP, n15, pp. 51-84, abr/97.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Vol. I e III, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das letras, 1998.

_____. O Termo Ausente: experiência. IN *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. Intervalo; A lógica histórica. IN *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)